

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ANA CAROLINA FONTANA

**ERRO, INADEQUAÇÃO, DESVIO OU PROBLEMA: COMO OS PROFESSORES DE
PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA ANALISAM TEXTOS DE BRASILEIROS E DE
ESTRANGEIROS**

Juiz de Fora

2023

Ana Carolina Fontana

Erro, inadequação, desvio ou problema: como os professores de português
língua materna analisam textos de brasileiros e de estrangeiros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Orientadora: Professora Doutora Denise Barros Weiss

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fontana, Ana Carolina.

Erro, inadequação, desvio ou problema : como os professores de português língua materna analisam textos de brasileiros e de estrangeiros / Ana Carolina Fontana. -- 2023.
202 f.

Orientador: Denise Barros Weiss

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2023.

1. Erro. 2. Inadequação. 3. Português como Língua Materna. 4. Português como Língua Estrangeira.?. I. Barros Weiss, Denise , orient.
II. Título.

Ana Carolina Fontana de Oliveira

**ERRO, INADEQUAÇÃO, DESVIO OU PROBLEMA: COMO OS PROFESSORES DE
PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA ANALISAM TEXTOS DE BRASILEIROS E DE
ESTRANGEIROS**

**Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestre em
linguística. Área de
concentração:
linguística.**

Aprovada em 22 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Denise Barros Weiss - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Profa. Dra. Carolina Scali Abritta
Universidade Estadual do Rio de Janeiro**

**Profa. Dra. Luciana Teixeira
Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Profa. Dra. Idalena Oliveira Chaves
Universidade Federal de Viçosa**

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 06/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por Denise Barros Weiss, Professor(a), em 22/11/2023, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por CAROLINA SCALI ABRITTA, Usuário Externo, em 24/11/2023, às 07:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Luciana Teixeira, Professor(a), em 06/12/2023, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1561527 e o código CRC 6F5056FE.

Dedico este trabalho à querida memória de Hermenegildo Ferreira de Oliveira, meu amado avô, que sempre se alegrava com as conquistas de seus netos e sempre foi um exemplo de determinação e coragem.

À Bernadete Geraldi Bez Fontana, minha adorada nona, que, mesmo sem compreender completamente o significado de minhas realizações, fica feliz e orgulhosa a cada passo que dou.

A meus pais, Andreia Geraldi Bez Fontana de Oliveira e Hermeson Nobrega Barros de Oliveira, que são meus modelos de vida e minha fonte constante de inspiração. Seu amor, apoio incondicional e exemplo de determinação são o alicerce sobre o qual construí este trabalho e minha jornada como um todo.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, que me concedeu a oportunidade e a força necessária para superar os desafios que enfrentei ao longo deste percurso.

À minha família, especialmente aos meus pais, Andreia Geraldi Bez Fontana de Oliveira e Hermeson Nobrega Barros de Oliveira, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, inclusive nos mais difíceis, oferecendo um apoio inabalável e amor incansável. Aos meus irmãos, Hermeson Júnior e Ana Clara que pacientemente toleraram minhas oscilações emocionais durante este trajeto. Ao meu namorado, Gabriel Avila Lourenço, que esteve pacientemente ao meu lado desde o início desse processo.

A minha profunda gratidão vai para minha orientadora, Denise Barros Weiss, por sua confiança, orientação e fé em meu potencial. Sua expertise e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Não posso deixar de mencionar meu colega, Wuilton de Paiva Ricardo, cuja colaboração e pesquisa conjunta foram essenciais para o sucesso deste trabalho. Sem a oportunidade de auxiliá-lo em sua pesquisa, este projeto não teria se concretizado da maneira que aconteceu.

Às participantes do formulário que possibilitaram a realização desta pesquisa. À FAPEMIG, pela concessão da bolsa de apoio à pesquisa que me foi concedida durante o curso de mestrado.

Por último, mas definitivamente não menos importante, aos meus treinadores de hipismo, Tiago Silva e Marcos dos Santos, quero expressar minha sincera gratidão. Os treinamentos de hipismo fortaleceram minha saúde mental, contribuindo significativamente para meu equilíbrio psicológico durante este período desafiador.

A todos vocês, minha eterna gratidão. Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo, e sua contribuição não será esquecida. Muito obrigado por fazerem parte desta jornada e por tornarem este trabalho possível.

"Where you wander among every culture and tongue

It's chaotic, but, hey, it's home"

Arabian Nights

RESUMO

Este estudo investiga a correlação entre as abordagens dos professores de português como língua materna em relação aos erros de escrita de alunos estrangeiros e brasileiros e suas percepções sobre esses erros. Isso levanta questões sobre as expectativas linguísticas para nativos brasileiros versus estrangeiros. A pergunta central é: Os professores têm percepções divergentes sobre desvios na escrita do português em textos de alunos brasileiros e estrangeiros? A partir da pergunta de pesquisa, delimitamos nosso objetivo geral: verificar como os professores de português como língua materna analisam textos de alunos estrangeiros e brasileiros em termos de ocorrências de desvios no português escrito. Quanto aos objetivos específicos, buscamos compreender como os professores percebem as discrepâncias entre a escrita de um brasileiro e a de um estrangeiro, bem como como essas percepções influenciam suas abordagens de correção, as quais podem variar entre mais rigorosas ou mais flexíveis. A hipótese levantada juntamente com a pergunta de pesquisa foi a de que os professores devem possuir um olhar diferenciado para esses dois grupos de alunos. Utilizamos como conceitos-chaves os trabalhos de Saussure (2012 [1916]), Possenti (1996) e Signorini (2006) quando discorremos sobre as diferentes visões de língua. Empregamos também trabalhos sobre “erro” e “inadequações” de Monteiro (2016 [1999]), Simon (2004), Camara Jr. (1984), Possenti (1996), Zaczek (2012), Hymes (1972), entre outros. Por fim, abordamos a compreensão do termo "estigma", com Goffman (2021 [1988]) como nossa fonte de referência. Utilizamos uma abordagem predominantemente qualitativa para explorar dados em contextos naturais, permitindo compreender os significados atribuídos pelos envolvidos (DENZIN; LINCOLN, 1994). A coleta de dados ocorreu em três fases. Na primeira, selecionamos nove textos de alunos brasileiros e estrangeiros (provenientes de línguas próximas e distantes do português). Na segunda fase, 13 professores de português avaliaram nove textos, cada um de um grupo de alunos diferente. A terceira fase consistiu em entrevistas não estruturadas com duas professoras para triangular as respostas dadas no formulário. Os resultados mostraram diferenças na avaliação aplicada aos textos de alunos que aprendem o português de formas diversas, bem como nas abordagens dos professores. Ao longo da análise, observamos que a visão dos professores em relação ao termo "erro" era diversificada, abrangendo desde "erros intralinguais" até considerações da norma culta. O termo "inadequação" frequentemente se referia a variações linguísticas, enquanto "desvio" era utilizado para descrever ocorrências gramaticais que não prejudicavam a compreensão

do texto. Outros termos, como "equivoco," "problema," "deslize," "incorreto," "incoerente" e "diferença," foram usados de forma intercambiável. Essa diversidade de perspectivas destaca a complexidade da avaliação da escrita dos alunos.

Palavras-chaves: Erro. Inadequação. Português como Língua Materna. Português como Língua Estrangeira.

ABSTRACT

This study investigates the correlation between the approaches of Portuguese native language teachers regarding the writing errors of foreign and Brazilian students and their perceptions of these errors. This raises questions about linguistic expectations for Brazilian natives versus foreigners. The central question is: Do teachers have divergent perceptions of deviations in Portuguese writing in texts by Brazilian and foreign students? Starting from the research question, we delineate our general objective: to examine how Portuguese native language teachers analyze texts from foreign and Brazilian students in terms of occurrences of deviations in written Portuguese. Regarding specific objectives, we seek to understand how teachers perceive the discrepancies between the writing of a Brazilian and that of a foreigner, as well as how these perceptions influence their correction approaches, which may vary between more rigorous or more flexible methods. The hypothesis raised along with the research question was that teachers must have a differentiated perspective for these two groups of students. We used key concepts from Saussure (2012 [1916]), Possenti (1996), and Signorini (2006) when discussing different views of language. We also employed works on "error" and "inadequacies" by Monteiros (2016 [1999]), Simon (2004), Camara Jr. (1984), Possenti (1996), Zaczek (2012), Hymes (1972), among others. Finally, we addressed the understanding of the term "stigma," with Goffman (2021 [1988]) as our reference source. We used a predominantly qualitative approach to explore data in natural contexts, allowing us to understand the meanings attributed by the participants (DENZIN; LINCOLN, 1994). Data collection occurred in three phases. In the first, we selected nine texts from Brazilian and foreign students (coming from languages close and distant from Portuguese). In the second phase, 13 Portuguese teachers evaluated nine texts, each from a different group of students. The third phase consisted of non-structured interviews with two teachers to triangulate the responses given in the questionnaire. The results showed differences in the evaluation applied to texts by students learning Portuguese in various ways, as well as in the teachers' approaches. Throughout the analysis, we observed that teachers' views on the term "error" were diverse, ranging from "intralingual errors" to considerations of standard usage. The term "inadequacy" often referred to linguistic variations, while "deviation" was used to describe grammatical occurrences that did not hinder text comprehension. Other terms such as "misunderstanding," "problem," "slip," "incorrect,"

"incoherent," and "difference" were used interchangeably. This diversity of perspectives highlights the complexity of evaluating student writing.

Keywords: Error. Inadequacy. Portuguese as a native language. Portuguese as a Foreign Language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Etapas da pesquisa.....	41
Quadro 2- Resumo P1-R1.....	46
Quadro 3- Resumo P1-R2.....	52
Quadro 4- Resumo P1-R3.....	57
Quadro 5-Resumo P2-R1.....	61
Quadro 6-Resumo P2-R2.....	65
Quadro 7-Resumo P2-R3.....	69
Quadro 8-Resumo P3-R1.....	74
Quadro 9-Resumo P3-R2.....	78
Quadro 10-Resumo P3-R3	82
Quadro 11- A quem pertencem as respostas?.....	101
Quadro 12-Análise completa	99

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Qual foi a percepção dos professores? (P1R1)	43
Gráfico 2-Pergunta 1- Resposta 1.....	44
Gráfico 3- Qual foi a percepção dos professores? (P1-R2)	48
Gráfico 4-Pergunta 1-Resposta 2.....	49
Gráfico 5- Qual foi a percepção dos professores? (P1-R3)	53
Gráfico 6-Pergunta 1-Resposta 3.....	54
Gráfico 7- Qual foi a percepção dos professores? (P2-R1)	58
Gráfico 8-Pergunta 2-Resposta 1	59
Gráfico 9-Qual foi a percepção dos professores (P2-R2).....	62
Gráfico 10-Pergunta 2-Resposta 2.....	63
Gráfico 11-Qual foi a percepção dos professores? (P2-R3)	66
Gráfico 12-Pergunta 2-Resposta 3.....	67
Gráfico 13-Qual a percepção dos professores? (P3-R1).....	71
Gráfico 14-Pergunta 3-Resposta 1	72
Gráfico 15-Qual foi a percepção dos professores? (P3-R2).....	75
Gráfico 16- Pergunta 3-Resposta 2.....	76
Gráfico 17-Qual foi a percepção dos professores? (P3-R3)	79
Gráfico 18-Pergunta 3-Resposta 3.....	80
Gráfico 19-Termos empregados pelos professores	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONCEITOS-CHAVE	18
2.1 LÍNGUA	18
2.2 LÍNGUA COMO NORMA E LÍNGUA COMO USO	19
2.3 LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	22
2.4 CATEGORIZAÇÃO	24
2.5 ERRO, INADEQUAÇÃO, DESVIO, PROBLEMAS E EQUÍVOCOS.....	25
2.5.1 Erro.....	26
2.5.2 Inadequações.....	30
2.5.3 Desvios	32
2.6 ESTIGMA	33
3 METODOLOGIA	37
3.1 O PERCURSO DESTE TRABALHO	38
4 ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1 PERGUNTA 1: "COMO É UM DIA TÍPICO DE SUA ROTINA?"	43
4.2 PERGUNTA 2: "COM QUEM VOCÊ MAIS CONVERSA NO SEU COTIDIANO? SOBRE QUAIS ASSUNTOS?"	58
4.3 PERGUNTA 3: "COMENTE SOBRE SUAS PREFERÊNCIAS (HOBBIES, COMIDAS, LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, ALGO QUE GOSTARIA DE APRENDER, DESEJOS PARA O FUTURO, PESSOA FAMOSA QUE VOCÊ ADMIRA OU ALGO DE SEU PAÍS DE QUE VOCÊ SE ORGULHE)"	70
4.4 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	82
4.4.1 Entrevista com a professora 12	83
4.4.2 Entrevista com a professora 13	91

4.5. QUADRO COM O RESUMO DAS ANÁLISES FEITAS PELOS PROFESSORES	101
5 CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A- Textos Dos Alunos Brasileiros	114
APÊNDICE B- Pergunta para os estrangeiros	121
APÊNDICE C- Respostas dos alunos estrangeiros	125
APÊNDICE D- Pergunta para os professores	134
APÊNDICE E- Respostas dos professores	144
APÊNDICE F- Entrevista com as professoras	169

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca investigar se existe uma correlação entre a maneira como os professores de português como língua materna abordam os erros de escrita cometidos por alunos estrangeiros e brasileiros e como essa abordagem se relaciona com as percepções gerais sobre esses erros. Isso tem implicações significativas para o ensino de português como língua materna e português como língua estrangeira, pois nos leva a questionar as expectativas em torno das responsabilidades linguísticas de um nativo brasileiro em comparação com as de um estrangeiro.

Realizar pesquisa é uma empreitada desafiadora em circunstâncias normais, mas durante a pandemia de Covid-19, esses desafios se tornaram ainda mais acentuados. Entre o primeiro projeto apresentado em 2021 e o projeto que deu origem a esta pesquisa, houve algumas tentativas malogradas em razão de fatores diversos, mas essas idas e vindas também oportunizaram um crescimento importante nas habilidades necessárias ao fazer científico. Questões como ética de pesquisa, viabilidade técnica de boas ideias, entre outras, foram modificando o modo de enxergar o processo de pesquisa.

Após várias tentativas de iniciar outros projetos de pesquisa, fomos convidados a colaborar com um colega que estava conduzindo seu doutorado¹. Ele estava investigando o impacto da prova oral do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (doravante Celpe-Bras) em um grupo de estudantes do nono ano cuja língua materna era o português, em uma escola estadual básica em Juiz de Fora/MG.

À medida que colaboramos com nosso colega na coleta de dados para sua tese, começamos a perceber um fenômeno intrigante. Observamos as respostas dadas pelos alunos do colega ao questionário que faz parte da inscrição dos candidatos estrangeiros à prova de certificação e notamos nelas surpreendentes semelhanças entre elas e os textos de alunos estrangeiros com os quais lidamos no ensino do português como língua estrangeira. Essas observações despertaram nossa curiosidade sobre como os professores de português como língua materna abordariam a análise de textos de alunos estrangeiros, caso não soubessem a origem dos textos. Essa reflexão nos levou à nossa pergunta central: Será que os professores de português como língua materna têm

¹ Esta pesquisa de doutorado foi realizada pelo, agora, doutor Wuilton de Paiva Ricardo, defendida no dia 20 de outubro de 2023, com o título “A proficiência oral em língua portuguesa como língua materna: usando a metodologia do exame Celpe-bras para avaliar alunos na educação básica”. O texto encontra-se no repositório de teses e dissertações da UFJF.

percepções divergentes em relação às ocorrências de desvios na escrita do português em textos produzidos por alunos brasileiros e estrangeiros?

A partir da pergunta de pesquisa, delimitamos nosso objetivo geral: verificar como os professores de português como língua materna analisam textos de alunos estrangeiros e brasileiros em termos de ocorrências de desvios no português escrito. Quanto aos objetivos específicos, buscamos compreender como os professores percebem as discrepâncias entre a escrita de um brasileiro e a de um estrangeiro, bem como como essas percepções influenciam suas abordagens de correção, as quais podem variar entre mais rigorosas ou mais flexíveis. A hipótese levantada juntamente com a pergunta de pesquisa foi a de que os professores devem possuir um olhar diferenciado para esses dois grupos de alunos.

Optamos por utilizar uma metodologia predominantemente qualitativa neste estudo. Essa escolha se baseia na capacidade da pesquisa qualitativa de explorar dados em seus contextos naturais, permitindo-nos compreender e interpretar os fenômenos com base nos significados atribuídos pelas pessoas envolvidas (DENZIN; LINCOLN, 1994, p. 2). Ainda de acordo com Denzin e Lincoln (1994, p. 17), a pesquisa qualitativa é uma prática que situa o pesquisador nos dados naturais

A nossa coleta de dados se desenvolveu em três fases. Na primeira, selecionamos textos de alunos de português como língua materna e português como língua estrangeira; neste último grupo havia alunos falantes nativos de línguas próximas (espanhol) e de línguas distantes (japonês e coreano). Os participantes da primeira fase deste estudo foram divididos em três grupos distintos. O primeiro grupo consistiu em alunos de português como língua materna, e foi composto por sete alunos. O segundo grupo era formado por 15 alunos de português como língua estrangeira, cuja língua nativa era o espanhol. O terceiro grupo era composto por alunos de português como língua estrangeira, cuja língua nativa era o japonês ou o coreano; este grupo incluía três alunos, sendo dois japoneses e um coreano. Nessa fase da pesquisa, os alunos preencheram um formulário com três perguntas provenientes do exame de proficiência do português, o Celpe-Bras. Após recebermos as respostas dadas pelos alunos, selecionamos uma resposta de cada grupo para formar o formulário da segunda fase do trabalho, selecionamos textos que não fossem classificados nem como "perfeitos" e "muito bem escritos" nem como textos que estavam "extremamente mal escritos" ou "com muitos erros visíveis".

Já na segunda fase, enviamos o formulário para 13 professores de português como língua materna que trabalham na rede pública e/ou privada de ensino. Nessa fase, os professores analisaram três textos que foram selecionados dos alunos por pergunta, um texto de cada grupo de alunos. Os professores responderam a duas perguntas abertas para cada um dos textos: a primeira era se o professor acreditava que era um texto de um brasileiro ou de um estrangeiro, e a segunda pergunta era se havia a presença de "erros" no texto do aluno.

A partir das análises realizadas pelos professores, observamos os usos dos termos que foram utilizados por estes e como foram analisados os textos. Constatamos inicialmente que houve algumas respostas bastante superficiais, que não forneciam informações para geração de dados. Essas respostas superficiais não apresentavam as justificativas pelas quais os professores acreditavam que havia ou não uma ocorrência dentro do texto dos alunos.

Entretanto, na maioria das respostas dadas pelos professores, pudemos observar o emprego de expressões e termos que refletiam a visão do professor sobre os textos e as suas correções.

Na terceira fase, realizamos entrevistas não estruturadas com duas professoras para podermos triangular certas informações que ficaram em aberto em suas respostas no formulário da segunda fase. Essas entrevistas foram de grande importância para a pesquisa, pois pudemos aprofundar a visão dessas professoras sobre os termos que estamos investigando neste trabalho e as questões voltadas para a formação de professores que serão refletidas.

Este estudo nos levou a uma profunda reflexão sobre a diferença na correção aplicada aos textos de alunos que aprendem o português de formas diversas e como os professores abordam essa correção, o que eles observam como ocorrências relevantes e como decidem nomeá-las. Durante nossa pesquisa, identificamos uma série de termos que os professores frequentemente utilizam ao analisar os textos dos alunos. Surpreendentemente, muitos desses termos eram empregados de maneira similar, e em alguns casos, nem mesmo eram mencionados, com os professores indicando a existência de ocorrências sem especificar os termos. Além disso, alguns professores enfatizaram a importância do estudo nesse campo, pois isso os levou a repensar suas práticas em sala de aula e a forma como percebem os alunos no contexto escolar do dia a dia.

À medida que avançamos em nossa pesquisa, notamos que o termo "erro" foi frequentemente associado a alunos brasileiros, enquanto outros termos, como "inadequação", "desvio", "problema", foram mais comumente relacionados a alunos estrangeiros. No entanto, também ficou evidente que esses termos refletem as crenças dos professores sobre a utilização da

língua pelos alunos. Essas crenças revelam como os professores enxergam a competência linguística dos alunos e como isso se manifesta na sala de aula e na própria aprendizagem dos estudantes.

Este trabalho se desdobra em três capítulos. No primeiro capítulo, são introduzidos conceitos-chave que servem como alicerce para nossas análises de dados. Exploramos os conceitos de "língua" em diferentes perspectivas teóricas, conforme delineados por Saussure (2012 [1916]), Possenti (1996) e Signorini (2006). Além disso, examinamos a teoria de categorização junto com as noções de "erro", "inadequação" e "desvio" com base em obras de Monteiro (2016 [1999]), Simon (2004), Camara Jr. (1984), Possenti (1996) e Zaczek (2012). Por último, abordamos a compreensão do termo "estigma", com Goffman (2021 [1988]) como nossa fonte de referência.

No segundo capítulo, fornecemos uma minuciosa exposição da estrutura metodológica que sustenta a nossa pesquisa, esclarecendo o processo que orienta a sua execução. Nele também destacamos o emprego das ferramentas que utilizamos para a coleta de dados, sendo elas os formulários e as entrevistas não estruturados.

No terceiro capítulo, mergulhamos na análise dos dados coletados junto aos professores. Eles são solicitados a avaliar textos selecionados que lhes são apresentados de forma cega, e é nesse contexto que exploramos suas percepções e observações.

Na seção de considerações finais, delinearemos as descobertas significativas resultantes deste estudo, destacando sua relevância no âmbito da linguística e, de maneira particular, para o ensino do português como língua materna. A última dimensão merece atenção especial devido à crescente presença de estudantes estrangeiros nas salas de aula de português, nos quais o idioma não é o português. Esse cenário é já reconhecidamente marcado pela notável dificuldade enfrentada pelos alunos de português como língua materna ao assimilar esse idioma em contextos formais de sala de aula. Uma análise aprofundada das implicações desses desafios oferecerá *insights* valiosos para aprimorar estratégias de ensino e promover uma compreensão mais eficaz do processo de aprendizagem do português como língua materna e, também, para o português como língua estrangeira.

2 CONCEITOS-CHAVE

Neste capítulo iremos apresentar os aportes teóricos utilizados nesta dissertação, que ajudarão nas análises de dados mais adiante. Iremos começar com os diversos conceitos de língua, entre eles os conceitos apresentados por Saussure (2012 [1916]), Possenti (1996) e Signorini (2006). Na segunda seção, apresentaremos os conceitos de língua materna (LM) e língua estrangeira (LE). Em seguida, apresentaremos o conceito de categorização que irá complementar a nossa apresentação sobre os conceitos de "erro", "inadequação" e "desvio", baseando-nos em Monteiro (2016 [1999]), Simon (2004), Camara Jr. (1984), Possenti (1996) e Zaczek (2012). Finalmente, conceituaremos "estigma", a partir de Goffman (2021 [1988]).

2.1 LÍNGUA

A língua na perspectiva da linguística estruturalista é descrita por Saussure (2012 [1916]) como um produto social da faculdade da linguagem, com um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo grupo social (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41). O linguista aponta que a língua constitui algo adquirido e convencional, a língua não constitui uma função do falante, ou seja, é um produto que o indivíduo registra passivamente.

Azeredo (2008), na perspectiva sociointeracionista, explica que a língua é um bem coletivo e possui a sua interação social como sua principal razão de ser. As experiências de cada pessoa com a língua são individuais, subjetivas e únicas (AZEREDO, 2008, p. 52). O autor pondera que, embora a língua que utilizamos seja um bem coletivo, ela não é capaz de transmitir integralmente e de forma completa as experiências ao interlocutor. Existe, portanto, um processo de reinterpretação das experiências, conforme o código coletivo de representação e comunicação da sociedade em questão. A língua é vista como um objeto material, pronunciável e audível graças aos sons vocais, e na escrita, o autor explica que a materialidade é conferida pelas letras e pelos sinais diacríticos e de pontuação (*ibidem*, p. 59).

Segundo Cunha e Cintra (2017, p. 1), na perspectiva tradicional, a língua é descrita como um sistema gramatical que é compartilhado por um conjunto de indivíduos. Ela representa a consciência coletiva e serve como instrumento através do qual essa coletividade compreende o mundo que a envolve e interage com ela. Para eles, a utilização social da faculdade da linguagem,

a criação da sociedade não pode ser imutável, mas, pelo contrário, vive em constante evolução, paralela ao organismo social que a criou. De acordo com os gramáticos, a concepção atual da língua como um instrumento de comunicação social revela sua maleabilidade e diversidade em todos os aspectos sociais, culturais e geográficos (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 3). Ainda que todas as variedades linguísticas sejam estruturadas e correspondam a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários, há uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades (*ibidem*, p. 4).

Nesta pesquisa, exploramos a língua como um fenômeno intrinsecamente social, desempenhando um papel crucial no pensamento, reflexão e interação entre indivíduos. Adotamos a perspectiva de Saussure (2012, p. 17), que concebe a língua como um produto social da faculdade da linguagem, constituída por convenções adotadas pela sociedade para facilitar o exercício dessa faculdade pelos indivíduos. Alinhando-nos também às ideias de Bakhtin (1992, p. 127), reconhecemos a língua como um processo contínuo de evolução, manifestado através da interação verbal social entre os falantes.

Batista e Henriques (2022) enfatizam a busca incessante de Saussure por estabelecer as bases de seus conceitos ressaltando que os sentidos são relacionais, não relativistas, apontando sempre para um sistema que não se fecha em si mesmo, mas permite a (re)significação pelo locutor a cada uso. Bakhtin entra em cena com suas concepções de gênero e conceitos correlatos, destacando que, embora os gêneros sejam moldados por coerções sociais, oferecem um espaço "criativo" por meio da linguagem, onde novos sentidos podem ser explorados a cada manifestação discursiva. Essa junção entre Saussure e Bakhtin enriquece nossa compreensão da linguagem como um fenômeno dinâmico e socialmente construído, onde a interação entre sistemas, convenções e práticas linguísticas contribui para a constante evolução dos sentidos. Junto a isso, a afirmação de Figueiredo (2023, p. 20) complementa que a língua é o conjunto de palavras e expressões utilizadas por um grupo de falantes, juntamente com as regras gramaticais concretizadas por meio do discurso dos falantes, durante a interação entre eles.

2.2 LÍNGUA COMO NORMA E LÍNGUA COMO USO

Faraco (2015) diz que a expressão "norma culta" foi transferida da universidade e se tornou uso comum nas salas de aula brasileiras, documentos oficiais voltados ao ensino e nos discursos da

mídia. Houve uma perda da precisão semântica, pela qual o seu conteúdo mais técnico se diluiu num emaranhado indefinido de significados, o que tem dificultado sua elucidação e seu ensino. Faraco (2015, p. 21) reflete que se fala em "norma culta" como se todos soubéssemos do que precisamente se trata. A norma culta do português brasileiro é a forma padronizada e aceita de escrita e expressão na língua portuguesa no Brasil. Ela é utilizada em contextos formais, como em documentos oficiais, textos acadêmicos, discursos, entre outros. Além disso, a norma culta busca preservar a uniformidade do uso da língua e evitar regionalismos e expressões coloquiais.

A norma culta, em determinados contextos, é a única variante linguística aceita; portanto, deve ser cumprida rigorosamente; nessas situações, todas as ocorrências são consideradas "erros". Para os gramáticos normativos, a língua corresponde às formas de expressão observadas e produzidas por pessoas cultas e de prestígio (POSSENTI, 1996). Para Possenti (1996), nas sociedades que possuem a língua escrita, esta foi progressivamente se tornando a modalidade que funciona como o modelo "correto" da língua, representando a própria língua. Possenti (1996) apresenta algumas questões que são levantadas, tais como:

a) algumas têm a ver com "correção" gramatical, e aí estão, entre outros, os regionalismos e os solecismos; b) outras demonstram preocupação com a pureza da língua, sendo os exemplos de estrangeirismos — que deveriam ser evitados — o caso mais claro; c) outras mostram que os gramáticos têm também preocupação com regras de discurso — é o caso quando desaconselham os cacófatos, que, supostamente, serviriam para veicular temas ou falar de objetos censurados; d) finalmente, há preocupação com as funções da linguagem, em especial com a expressão clara do pensamento — daí a condenação das ambiguidades, por exemplo. (POSSENTI, 1996, p. 74).

A gramática descritiva é outro ramo dos estudos de linguagem. Os estudiosos que seguem essa vertente entendem a norma culta como um modelo de uso da língua que pode ser utilizado como referência, mas que não é considerado algo absoluto e imutável. Nesta perspectiva, a norma culta é vista como um aspecto dinâmico da língua e pode sofrer alterações ao longo do tempo em função do uso que é feito dela. Possenti (1996) alega que a gramática descritiva considera a língua falada e a escrita como sendo um dado variável e não uniforme. Dessa forma, há um esforço em identificar as regularidades que influenciam as variações existentes na língua. Castilho (2010) destaca que a gramática descritiva se baseia nos seguintes postulados:

1. A língua enquanto substância é um conjunto ordenado de itens (ou classes linguísticas) que estabelecem entre si relações linguísticas e desempenham funções linguísticas identificáveis pelos contrastes entre eles.
2. A língua enquanto forma, estrutura ou padrão é um conjunto de unidades (ou pontos idealizados nesse padrão) que se distribuem em níveis hierárquicos, identificados pelas oposições entre eles.
3. A realização dessas unidades no enunciado está sujeita à variação de usos, que deve ser examinada em suas correlações com fatores linguísticos e extralinguísticos. (CASTILHO, 2010, p.45).

Castilho (2010) explica que a gramática descritiva, tal como a prescritiva, interpreta a língua como uma estrutura homogênea, composta por signos, os quais são identificados pelos contrastes estabelecidos entre eles. O autor também explica que há a distribuição de signos por unidades organizadas em níveis hierarquicamente dispostos: o fonológico, o morfológico e o gramatical. O enunciado é explicado por Castilho (2010, p. 44) como sendo um produto acabado, como um sistema que importa entrever por detrás dos diversos usos linguísticos concretos.

A teoria da língua que a vê como uma estrutura dá prioridade à análise do código, e entende que os diferentes usos representam apenas uma porta de entrada para a análise da língua (CASTILHO, 2010, p. 44). Dessa forma, a língua é vista como articulada, entendida numa forma idealizada, considerando-se aceitáveis os conceitos apresentados por Dell Hymes (1972), como "comunidade de fala, competência do falante, funções da fala e da linguagem". Segundo Signorini (2006), a competência do falante em determinada língua não é definida pelos usos particulares que ele faz da língua ou pelas formas específicas que ele utiliza. Signorini (2006) argumenta que, devido à existência de diversos coletivos e redes de socialização dentro de uma nação, os padrões comuns nesse contexto não estão necessariamente alinhados com as formas e os modos de uso nas práticas linguístico-discursivas dos falantes.

Signorini (2006) reflete que a ideia de uma língua comum não resulta de uma norma padrão, vista como consensual e unificada, associada às metas pragmáticas institucionalizadas, ou tida como não determinadas por um falante ou grupo de falantes específicos (SIGNORINI, 2006, p. 172). Para ela, "a legitimidade do falante e de sua língua é consequência das aquisições dos padrões", sendo essas "as formas e funções instituídas pelas metapragmáticas institucionais que legitimam e igualam os usuários da língua" (SIGNORINI, 2006, p. 172). Isso ocorre porque essas práticas de linguagem tendem a apagar ou neutralizar as diferenças e hierarquias resultantes das

aquisições linguísticas, estabelecendo uma igualdade básica de condições entre os interlocutores para uma comunicação social significativa (SIGNORINI, 2006, p. 172).

Duarte e Serra (2015) utilizam o termo "normativas" para se referirem às gramáticas tradicionais; no entanto, elas afirmam que essas gramáticas também possuem uma natureza descritiva. Quando o gramático deixa de apenas "descrever" e passa a elencar "normas", conceituar, classificar, entre outros aspectos, ainda assim está realizando uma descrição da língua. É importante lembrar que algumas das gramáticas tradicionais adotam a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que consiste na simplificação e unificação dos termos utilizados nas descrições gramaticais, com fins pedagógicos. Dessa forma, a língua falada é dinâmica e variável, enquanto a língua escrita tende a ser mais conservadora, podendo apresentar algumas variações. Duarte e Serra (2015) afirmam que sempre haverá uma razoável distância entre as modalidades oral e escrita em qualquer língua.

A abordagem adotada neste trabalho para compreender o conceito de língua baseia-se na perspectiva sociolinguística, que concebe a língua como um fenômeno intrinsecamente ligado ao contexto social. Nessa visão, a língua transcende sua definição meramente gramatical, revelando-se como uma prática social dinâmica que não só obedece a regras abstratas, mas também reflete e influencia as relações entre grupos e indivíduos.

2.3 LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

Nesta seção, exploraremos os conceitos de língua materna e língua estrangeira, os quais carecem de um consenso entre os teóricos. Aqui apresentaremos os conceitos mais prevalentes na literatura. Iniciaremos abordando o conceito de Língua Materna (doravante LM). Segundo Griffin (2011 apud ECKERT; FROSI, 2015), o termo língua materna se refere ao contexto no qual uma língua é aprendida. Para Vermes e Boutet (1989 apud ECKERT; FROSI, 2015), a noção de LM tem como ponto de partida a identidade individual e coletiva. De acordo com Wald (1989 apud ECKERT; FROSI, 2015), a LM é um produto de caracterização social e, como tal, ele considera que "a noção de língua materna nos remete, de maneira intuitiva, à identidade linguística do falante que a invoca e à comunidade linguística cujos membros compartilham essa identidade" (WALD, 1989, p. 89 apud ECKERT; FROSI, 2015).

Conforme Cunha (2007), a língua materna é geralmente aquela adquirida primeiramente na infância. Em outras palavras, é a língua da esfera íntima do falante, sendo em certa medida a língua do autodiálogo e de outras formas de autoestimulação. Spinassé (2006) argumenta que a aquisição da língua materna (LM) é um componente intrínseco da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, já que, junto com a competência linguística, também se internalizam os valores pessoais e sociais. Apesar de frequentemente ser considerada um conceito claro e intuitivo, a noção de língua materna ainda é pouco explorada, embora seja uma designação de entendimento mais simples do que outros termos.

Vale notar que o termo "língua materna" não necessariamente se refere à língua da mãe, nem à primeira língua a ser aprendida. Há vários fatores linguísticos e não linguísticos a serem considerados, que ultrapassam as concepções tradicionais. Em linhas gerais, a LM é aquela aprendida em casa, com os pais, e é geralmente a língua usada na comunidade em que o indivíduo está inserido. Contudo, a língua falada pelos pais pode não coincidir com a língua falada na comunidade, e quando ocorre a aquisição de duas línguas, surge o cenário do bilinguismo, em que existem mais de uma LM (FONTANA; CAMARGO; NUNES, 2022).

A definição de língua materna deve abranger diversos fatores, tais como a língua da mãe, a língua do pai, a língua predominante na comunidade, a primeira língua adquirida, a língua utilizada no dia a dia, a língua preponderante na sociedade, a língua na qual o indivíduo tem maior domínio e, por fim, a língua em que ele se sente mais confortável. Esses são os aspectos cruciais para identificar a língua materna (FONTANA; CAMARGO; NUNES, 2022). Entretanto, todos os autores mencionados reconhecem a dificuldade em definir a LM por si só, sugerindo uma abordagem mais funcional, em contraposição à língua estrangeira (ECKERT; FROSI, 2015).

A Língua Estrangeira (doravante LE) é definida por Revuz (2001) como uma segunda língua aprendida após e em referência a uma primeira língua ou língua materna. Ela enfatiza que o aprendizado de uma língua estrangeira pressupõe que a pessoa já tenha tido acesso à linguagem por meio de outra. A língua estrangeira é adquirida em contextos de sala de aula, por falantes de outras línguas. Candian e Bessa (2022) utilizam a definição de Saville-Troike (2012) ao caracterizar a LE como "aquela que não é amplamente utilizada no contexto social imediato dos aprendizes, que podem empregá-la para viagens futuras ou situações comunicativas transculturais, ou que é estudada como parte do currículo escolar, mas sem aplicação prática imediata" (SAVILLE-TROIKE, 2012, p. 3 apud CANDIAN; BESSA, 2022).

Eckert e Frosi (2015) afirmam que o termo LE é aplicado quando a aprendizagem ocorre em um ambiente de sala de aula. Eles se referem a uma língua aprendida após a primeira, mas sob condições diferentes, geralmente por meio de instrução formal em instituições escolares, fora do país onde ela é usada como meio de comunicação (ECKERT; FROSI, 2015). Segundo Brumfit e Roberts (1983 apud ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007, p. 21), a LE se refere principalmente às línguas faladas fora das fronteiras do país do aprendiz. Dessa forma, ela se aplica a línguas aprendidas somente para comunicação com aqueles que estão fora da comunidade linguística do aprendiz e, portanto, não é usada no cotidiano dessa comunidade (ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007, p. 21).

Por outro lado, Trappes-Lomax (1989 apud ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007, p. 21) sugere que qualquer língua que não seja nativa de uma determinada comunidade linguística pode ser considerada estrangeira. Isso demonstra a dificuldade em definir de maneira precisa o termo LE, semelhantemente ao que ocorre com o termo LM.

Neste trabalho, adotaremos a perspectiva de que a Língua Materna (LM) tem como ponto de partida a identidade individual do falante, sendo também um reflexo da caracterização social e da identidade linguística daquele que a utiliza. Já a perspectiva da Língua Estrangeira, iremos adotar como uma segunda língua aprendida após e em referência a uma primeira língua ou língua materna, adquirida predominantemente em contextos de sala de aula, por falantes de outras línguas.

2.4 CATEGORIZAÇÃO

De acordo com Carvalho e Souza (2013), a categorização pode ser compreendida superficialmente como uma maneira de organizar entidades de um universo específico em grupos ou categorias com um propósito determinado. Inspiradas por Wittgenstein (1989), Eleanor Rosch (1987) e George Lakoff (1987), esses autores destacaram a ideia de que a categorização é um processo fundamentado em protótipos, sendo os membros mais típicos de uma categoria. Essa perspectiva sugere que a categorização baseada em protótipos é crucial para o desenvolvimento humano, enfatizando o papel da corporificação no processo de aprendizagem. Além disso, argumenta-se que sistemas conceituais de categorias não existem objetivamente no mundo real, mas são moldados por experiências pessoais e coletivas, variando entre culturas e até mesmo entre indivíduos da mesma cultura.

Rodrigues-Leite (2004), por sua vez, enfoca o caráter situado, localmente produzido, contextualmente dependente e linguisticamente organizado das categorias. Ele destaca que as categorias são produzidas de maneira corporificada, imersas em práticas sociais cotidianas, indo além da simples atribuição de etiquetas prototípicas. Essa compreensão implica que as categorias não são apenas observáveis discursivamente, mas também são estruturadas pelos processos linguísticos, tornando-as objetos de discurso construídos para o discurso, não preexistentes a ele.

Ferrari (2018), por sua vez, apresenta diversas definições de categorização, enfatizando sua relação com a capacidade de memória. Ele discute o modelo clássico de categorização, destacando a necessidade de atributos definidores para que um elemento pertença a uma categoria específica. Além disso, menciona conclusões relacionadas aos achados de Rosch e Labov, ressaltando a ancoragem de categorias em protótipos e a imprecisão das fronteiras cognitivas entre elas. Ferrari também destaca o nível básico de categorização, que possui características específicas conferindo-lhe um status especial.

Marcuschi (2007) aborda a categorização como uma atividade discursiva em suas atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. O autor destaca a categorização como uma atividade discursiva, sustentando que a experiência humana não é um dado natural, mas resulta de um trabalho social e histórico coletivamente conduzido.

2.5 ERRO, INADEQUAÇÃO, DESVIO, PROBLEMAS E EQUÍVOCOS

O objetivo principal deste trabalho é verificar como professores de português como língua materna analisam textos de alunos estrangeiros e brasileiros em termos das ocorrências de desvios no português escrito. Os termos que examinaremos derivam das avaliações realizadas pelos professores ao analisarem os textos dos alunos. Para uma análise mais aprofundada, nesta seção, apresentaremos os conceitos que posteriormente nos auxiliarão a avaliar as respostas fornecidas pelos professores. Esses termos desempenharam um papel fundamental ao nos ajudar a compreender como os professores percebem as discrepâncias entre a escrita de um brasileiro e a de um estrangeiro, e como essas percepções influenciam suas abordagens de correção, que podem variar entre mais rigorosas ou mais flexíveis. Notamos que os termos "inadequações", "desvios" e "equivocos" foram mais frequentemente empregados nas análises e, apesar de serem conceitos de grande importância no cotidiano do professor, é difícil encontrá-los abordados de forma

aprofundada nos estudos teóricos. Quando são abordados em textos acadêmicos, muitas vezes, são tratados de maneira superficial, ou seja, sem definição ou forma de uso; ou sem uma diferenciação clara, especialmente no caso da inadequação, dos desvios e dos equívocos.

2.5.1 Erro

O erro é definido pelo dicionário Houaiss como sendo um "ato ou efeito de errar", no qual há um "juízo ou julgamento em desacordo com a realidade observada, engano". O dicionário também o define como a "qualidade daquilo que é inexato, incorreto", onde há o "desvio do caminho considerado correto, bom, apropriado; desregramento" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 790).

O conceito de erro, de acordo com a visão da norma culta, é abordado por Monteiro (2016 [1999]) em seu texto, no qual ele discute a hipótese de que, na prática, não existe erro gramatical. O que é frequentemente censurado no uso da língua são, na verdade, variantes estigmatizadas ou construções menos comuns, porém plausíveis de serem formadas. Muitas vezes, quando analisadas sob a perspectiva da norma culta da língua, essas construções são interpretadas como transgressões a uma regra gramatical, mas segundo ele, elas representam apenas o empréstimo de outra norma. O autor ressalta que ao rotular essas ocorrências resultantes do desconhecimento da norma, fatores psico-biológicos ou desvios expressivos como erros, atribui-se uma conotação negativa. Essa conotação está associada à ideia de despreparo, descaso ou até mesmo falta de amor e respeito pela língua materna (MONTEIROS, 2016 [1999]), quando, segundo o autor, se os indivíduos que não têm acesso a um bom nível de escolaridade, fossem culpabilizados por se expressarem de maneira diferente, seguindo sempre a norma culta que não está muito presente em seu cotidiano.

Monteiros (2016 [1999]) também argumenta que a prática de julgar frases como bem ou mal-formadas é fortemente influenciada pela subjetividade de quem as corrige, uma vez que o que pode ser considerado perfeitamente normal em determinadas variações linguísticas pode não ser considerado apropriado em outras. Quando ocorre a introdução de uma nova construção na língua por parte de um falante, essa pessoa pode estar simplesmente explorando as potencialidades que definem o sistema de uso linguístico no seu dia a dia.

O autor afirma ainda que os critérios de avaliação de uma forma de expressão como errada ou correta são de ordem social, e não de natureza estritamente linguística. Essa afirmação é bem

ênfâtizada também por Simon (2004), que reflete que, mesmo na academia, encontramos a concepção do erro sendo revelada como uma manifestação de determinada variedade linguística. Simon observa que, nas esferas em que os usos linguísticos não se mostram preponderantes, como a utilização da língua no cotidiano (pagar contas, procurar um emprego etc.), a noção de erro é muito clara.

Possenti (1996) afirma que a gramática normativa exclui todos os fatos que divergem da variedade padrão; porém, nos compêndios gramaticais, alguns problemas são apontados: os regionalismos e os solecismos; os estrangeirismos; os cacófatos; e as ambiguidades. (POSSENTI, 1996). Diferentemente do que veremos a seguir sobre o erro na visão da língua como uso, não é julgado como erros em diferenças provenientes de diversos fatores, entre os quais a região, a classe social do falante e o registro ou situação comunicativa.

Possenti (1996) lembra de haver correntemente dois tipos: o erro sutil, que não causa a seu autor grande estigma: “vô saí” por “vou sair”, e o erro percebido, que choca, capaz de distinguir falantes, discriminando-os: “nós foi” (POSSENTI, 1996). O autor reflete que a tese de natureza político cultural diz que é uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. O autor explica essa percepção pois com as formas linguísticas presentes na língua (com a sintaxe, a morfologia, a pronúncia, a escrita), seriam também impostos valores culturais ligados às formas ditas cultas de fala e escrita, implicando na destruição ou diminuição dos valores populares (POSSENTI, 1996). Por outro lado, consideramos que não se trata de “não ensinar”, na escola, a variedade que goza de prestígio social, mesmo porque é cobrado dos discentes, em diversas circunstâncias da vida, o conhecimento da variedade padrão, como acontece nos processos seletivos a que os alunos são submetidos, como o ENEM, por exemplo, e em concursos públicos.

O erro, no contexto do ensino da língua materna (LM), pode ser abordado de duas maneiras distintas. Primeiramente, pode ser interpretado como uma manifestação da falta de familiaridade dos alunos com as regras da “norma culta”, uma vez que muitas vezes não aplicam essas regras em sua comunicação cotidiana. Além disso, o erro na LM também pode ser encarado como uma variação linguística influenciada por fatores sociais, como a região geográfica, a classe social do falante e a situação comunicativa ou registro adotado.

Por outro lado, quando se trata do erro em uma língua estrangeira (LE), conforme Lennon (1991, apud FIGUEIREDO, 2023, p. 54-55), ele é definido como uma construção linguística que não seria produzida pelos falantes nativos na mesma situação e sob condições similares de

produção. É importante ressaltar que a identificação e a definição de um erro podem ser desafiadoras, mesmo para falantes nativos de uma língua.

Uma abordagem alternativa para compreender o erro no ensino de LE, conforme proposta por Figueiredo (2023, p. 54-55), baseia-se na teoria sociocultural, com apoio em Frawley & Lantolf (1985 apud FIGUEIREDO, 2023, p. 54-55). Segundo essa abordagem, o erro não deve ser encarado como um sinal de fracasso na aprendizagem, mas sim como resultado das tentativas do aprendiz de adquirir habilidades em uma tarefa específica. Nesse contexto, os alunos podem recorrer a estratégias que ocasionalmente levam ao erro enquanto buscam cumprir suas tarefas linguísticas. É relevante observar que nem todos os erros prejudicam o processo de interação comunicativa entre os falantes, conforme destacado por Figueiredo (2023, p. 54-55).

Para Zaczek (2012, p. 61), o erro linguístico na aquisição de uma LE pode ser considerado como um fenômeno que auxilia a aprendizagem, ou seja, a aprendizagem em si implica que, durante o processo, é natural cometer erros. Para o pesquisador, existem diferentes categorias de erros devido ao domínio insuficiente, ou ao não domínio da língua, havendo também a existência de erros cometidos pelos usuários competentes da língua, capazes de autocorrigir estes erros (ZACZEK, 2012, p. 61-62). Zaczek (2012) define o erro linguístico indicando que o erro é um desvio da norma linguística que possui várias fontes, assim a presença do erro comprova que o aluno ainda não domina as estruturas obrigatórias em cada sistema linguístico e os erros nos discursos produzidos por ele dificultam a comunicação (ZACZEK, 2012, p. 62). O autor relata que existem teorias que aceitam o erro e que o tratam como algo natural no processo da aquisição de uma língua estrangeira (método cognitivo ou comunicativo); outras querem eliminar os erros vendo neles um elemento indesejado e nocivo na aprendizagem de uma língua.

Figueiredo (2023), apoiando-se em Ilari & Possenti (1985) considera que a noção de erro pode ser aplicada ao aprendizado da L2. Ele cita que o erro pode ser considerado como uma estratégia utilizada pelos aprendizes no processo de aquisição da língua, sendo tratado como uma hipótese formulada pelos alunos para atingir a forma convencionada (FIGUEIREDO, 2023, p. 54-55). Os erros, nessa percepção, são vistos como algo positivo, sendo um resultado natural no processo de aquisição da língua.

De acordo com Scherer (2002), a palavra "erro" é utilizada para se referir a diferentes tipos de equívocos na aprendizagem de línguas, tais como lapsos de língua, lapsos de memória e outros erros de desempenho. Enquanto os erros são facilmente detectados e corrigidos pelo próprio

aprendiz, os "erros" muitas vezes não são corrigidos pelos alunos, pois fazem parte de suas regras de interlíngua². Em outras palavras, essas estruturas errôneas podem se integrar ao sistema de regras da linguagem e precisam ser testadas, aceitas ou rejeitadas para a aprendizagem da L2. Um exemplo de erro seria o uso de uma forma linguística desviante, ou seja, uma forma que difere do padrão utilizado por falantes nativos (ALLWRIGHT e BAILEY, 1991 apud SCHERER, 2002). No entanto, essa definição não considera que a maioria do ensino de L2 é realizada por professores não nativos, que fornecem um modelo não nativo da língua-alvo, e mesmo os alunos que adquirem a L2 em um país onde a língua é falada podem ser expostos a uma variedade de língua fora do padrão.

Scherer (2002) reflete que a escolha do tipo de erro a ser corrigido está ligada à sua importância para o foco de ensino na sala de aula e à relação da sua comunicação com a sociedade, como a compreensibilidade, frequência, enfoque pedagógico e características individuais. Assim, ao analisarmos a primeira, a compreensibilidade, percebemos que a correção dos erros interfere na comunicação e deve ser priorizada. Já na frequência, há a correção dos erros recorrentes que devem ser corrigidos de forma mais sistemática, enquanto itens desviantes isolados podem ser ignorados. O enfoque pedagógico analisa os erros que reflitam incompreensão ou aquisição incompleta dos itens que o professor deve tratar.

Segundo Eliseu André (2008), a Gramática atua como um instrumento linguístico descritivo e normalizador, categorizando as construções frásicas em duas principais classes: Gramaticais e Agramaticais. Esta é um conceito crucial na linguística, fundamentado na ideia de que as frases devem aderir às regras gramaticais para garantir sua aceitabilidade linguística.

Agramaticalidade, conforme destacado por Capello, Lobão e Coelho (2009), surge quando o falante viola as regras do sistema linguístico. Embora seja raro, quando ocorre, a comunicação torna-se inviável. Essas violações não estão relacionadas à aceitação social do falante, mas sim à estrutura linguística. Por exemplo, se alguém decide modificar as regras de organização de palavras em um enunciado, pode comprometer a compreensão do ouvinte e, conseqüentemente, a comunicação. Uma frase como "Não hoje a criança o viu brinquedo lá" ilustra claramente a

² Em estudos sobre aquisição de segunda língua, o termo "interlíngua" refere-se ao estágio intermediário no qual os aprendizes de uma língua estrangeira podem produzir uma linguagem que compartilha características da língua-alvo, mas ainda apresenta influências da língua materna. É um estágio normal durante o processo de aprendizagem de uma nova língua.

violação de regras relacionadas à colocação do artigo, verbo, advérbio, entre outros (CAPELLO; LOBÃO; COELHO, 2009, p. 23).

É essencial estabelecer uma distinção crucial no contexto do uso da língua: enquanto o erro linguístico está vinculado à inadequação em relação a padrões e aceitabilidade social, não comprometendo a comunicação, a agramaticalidade implica a infração a regras específicas do sistema linguístico, resultando na impossibilidade de estabelecer comunicação. Dessa forma, compreender a diferença entre erro e agramaticalidade é fundamental para analisar as construções linguísticas de maneira mais abrangente. Enquanto o erro pode ser considerado uma variação dentro dos limites aceitáveis da língua, a agramaticalidade representa uma quebra fundamental das regras estruturais, impactando diretamente na viabilidade da comunicação.

Na abrangência desta pesquisa, o termo "erro" denota a falta de compreensão do conteúdo expresso pelo aluno em seu texto. Definimos erro como uma inadequação gramatical que resulta na obstrução da compreensão mútua entre as partes envolvidas. Outras discrepâncias encontradas nos textos, embora possam representar interpretações não ideais para determinadas situações, não são consideradas como erros pelas pesquisadoras.

2.5.2 Inadequações

Definiremos agora o termo “inadequação”. Começamos por procurar uma palavra primitiva da qual ela deriva: o verbo “adequar”. Esse verbo é definido pelo dicionário Houaiss como: “tornar-se ajustado, adaptado a; tornar-se conveniente ou oportuno a; pôr-se ou estar em harmonia; combinar” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 48). Já a palavra adequação é definida pelo dicionário Houaiss como: “ato ou efeito de adequar (se); adaptação 1. Ajustamento disciplinado a; acomodação, conformidade [...] 3. Correspondência que a língua escrita idealmente deveria manter com a língua falada” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 48). Esse termo remete à qualidade de algo que concorda com o que é necessário ou esperado, ou ainda, à qualidade de algo que corresponde com as regras, normas, princípios etc. Na linguística, adequação se refere à conformidade de uma forma linguística com as regras e convenções da língua. Em outras palavras, trata-se da propriedade de uma frase, palavra ou expressão de ser considerada aceitável e compreensível dentro do contexto e da norma da língua em questão. Por exemplo, uma frase gramaticalmente correta, que segue as

convenções da língua é considerada adequada, enquanto uma frase com erros gramaticais ou que não segue as convenções da língua é considerada inadequada.

Com isso, quando Vida (2015) discute sobre a variação linguística no contexto escolar, ela afirma que não há que se falar em erros e acertos, mas sim em inadequações ou adequações linguísticas. Sendo assim, o falante, antes de optar por uma determinada variedade em uma situação comunicativa, é necessário considerar a variação que será utilizada, ou seja, o teor da mensagem, a identidade do interlocutor, as condições do ambiente etc. (VIDA, 2015, p. 29). Vida (2015, p. 35) considera que a adequação linguística está muito ligada à competência sociolinguística, que trata do conhecimento que o falante possui sobre as regras envolvidas na utilização da língua, assim como a habilidade que ele tem de expressar e compreender enunciados de um modo adequado em relação a fatores sociais e culturais do contexto de comunicação, tais como a finalidade, as normas de interação e o tipo de relação que ele possui com o interlocutor. Desse modo, essa competência equivale à já mencionada noção de adequação proposta por Hymes (1972).

Hymes (1972) reflete que a adequação é dificilmente considerada nas análises da teoria linguística, agregada sob o título de desempenho e correspondendo à aceitabilidade. A adequação sugere a ideia necessária de relação às características contextuais, uma vez que qualquer decisão é tomada em contexto definido. Ela pode sempre envolver um fator de adequação, de modo que esta dimensão deva ser controlada, mesmo no estudo de competência puramente gramatical. Se considerarmos uma visão comunicativa, juízos de adequação não podem ser transferíveis a diferentes esferas, entre a linguística e a cultural, porém, certamente as duas esferas irão se interceptar. Podemos pensar em adequação considerando-se a gramática como as regras de subcategorização sensíveis ao contexto e a seleção para qual a componente base é sujeito; ainda assim haveria intersecção com o cultural.

Conforme Bortoni-Ricardo (2004), Dell Hymes propôs o termo “adequação” em 1966 para descrever a competência comunicativa de um falante. Essa competência vai além de simplesmente utilizar as regras gramaticais para formar frases e inclui o uso apropriado das normas sociais e culturais, considerando o papel social que o falante está desempenhando na interação linguística. Em outras palavras, a competência comunicativa permite que um falante saiba o que dizer e como dizer em diferentes situações e com diferentes interlocutores, adaptando-se a diferentes papéis e contextos sociais.

Batista (2019) completa o pensamento de Bortoni-Ricardo (2004) quando assume que não existe “erro”, mas sim o uso inadequado do estilo mais monitorado, ou menos monitorado da língua, conforme a situação de comunicação. Resumidamente, existem tanto formas adequadas quanto inadequadas de utilizar a linguagem, e é importante que os alunos compreendam que todas as formas de uso da língua são igualmente necessárias e relevantes. Portanto, é fundamental que eles aprendam a adaptar sua linguagem às diferentes situações comunicativas em que se encontram. O que é uma diferença fundamental que existe entre as noções dos termos “erro” e “inadequação” que iremos trabalhar, onde o “erro” toma em conta mais especificamente o co-texto, e a “inadequação” está relacionada ao uso linguístico inapropriado para um dado contexto. E, assim, o erro estaria para a noção de língua/código/estrutura como a inadequação estaria para uma visão de língua(gem) em uso.

2.5.3 Desvios

A palavra desvios deriva do verbo desviar, definido no dicionário Houaiss como "ser diferente; divergir, destoar" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 673). O dicionário também define a palavra “desvio” como: “afastamento de um padrão de conduta considerado aceitável; erro, falha” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 673). Tal como o conceito de inadequação, "desvio" indica um caminho para longe do padrão da norma. Podemos associá-lo, portanto, a questões relacionadas à variação linguística. Um desvio pode ser um caminho alternativo, e, pensando em textos, nos parece uma situação em que nada substancial ou grave aconteceu em nível de gramaticalidade

Figueiredo (2023, p. 24 -25) explica que há diferentes tipos de desvios, pautando-se nos textos de Grosjean (1982) e Tarallo (1986). O autor ressalta que há desvios que podem ser causados por generalização, podendo ocorrer em fonologia e morfologia, assim como em sintaxe e em semântica. O autor traz os seguintes exemplos:

[...] no campo semântico, ocorre quando a criança falante da língua portuguesa amplia o sentido do verbo "vestir", imediatamente associado a vestuário, dizendo "vestir os sapatos" em vez de "calçar os sapatos". Crianças falantes de português comumente generalizam o pretérito perfeito de alguns verbos "irregulares" em analogia aos verbos "regulares". Dessa forma, ouvimos-las dizer "trazeu", "fazeu", em analogia a "vendeu", "prende", etc. O mesmo acontece com crianças falantes da língua inglesa que dizem "I taked", "I goed", no lugar de "I took", "I went", em analogia a danced, asked etc. (FIGUEIREDO, 2023, p. 24).

Outro tipo de desvio, segundo o autor, é causado por simplificação. Isso ocorre, por exemplo, quando há a omissão de "algumas palavras, preposições, bem como marcadores de plural, etc." (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25), devido ao fato de que o falante, ao se comunicar, está mais preocupado com o que vai exprimir do que com as questões gramaticais. Figueiredo destaca que: "Não raramente observamos falantes da língua portuguesa omitirem a marca de plural, com isso, dizerem 'as menina bonita chegou', pois, a marca de plural no substantivo, adjetivo e verbo torna-se redundante".

Por fim, o último tipo de desvio apresentado por Figueiredo (2023) é a hipercorreção, a qual ocorre no aprendizado inicial das crianças, como, por exemplo, no aprendizado do plural. Figueiredo (2023, p. 25) exemplifica que "Podemos ouvi-las dizer 'a gente somos' e 'o pessoal são' porque, num dado momento, perceberam 'a gente' e 'o pessoal' como constituídos de mais de uma pessoa. Dessa forma, tendem a pluralizar o verbo."

2.6 ESTIGMA

De acordo com Batista (2019), há uma certa brecha no ensino de línguas que dificulta na contribuição para a aprendizagem dos alunos em diversas situações comunicativas, pois não considera os diversos fatores que influenciam o uso do vernáculo pelos falantes. Infelizmente, quando um aluno não segue as regras gramaticais estabelecidas como norma-padrão, ele é frequentemente estigmatizado, não apenas na sala de aula, mas também fora dela. Pessoas de baixa renda ou com menos oportunidades educacionais, bem como aquelas que falam com sotaque regional ou usam outras variedades da língua, são frequentemente discriminadas e ridicularizadas em público, levando à estigmatização desses falantes. Utilizamos a teoria de estigma neste trabalho, pois a noção de estigma do Goffman abrange outras teorias, como o preconceito linguístico.

O estigmatizado, segundo os gregos e explicado por Goffman (2021 [1988]), é aquele cujos sinais corporais, culturais, linguísticos e psicológicos diferem da categorização feita pela sociedade em que essas pessoas estão inseridas. O teórico menciona três tipos de estigma presentes na sociedade:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo — as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídios e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2021 [1988][1988], p. 14).

É nesse último tipo de estigma que os falantes de língua estrangeira ou língua materna que a utilizam de modo diferente da norma culta se encontram, pois são provenientes de locais e culturas linguísticas diferentes do que é imposto pela variedade padrão das línguas. Isso evidencia que os falantes de Português como Língua Materna são estigmatizados devido à forma como utilizam a língua.

Monteiros (2016 [1999]) ressalta que essa estigmatização cria um profundo sentimento de insegurança nesses falantes, levando-os a aceitar o estigma e a acreditar que falam incorretamente ou não possuem habilidade no uso do português. Esses indivíduos poderiam ter sido integrados nas interações sociais cotidianas das escolas, mas acabam sendo afastados devido ao estigma que lhes é imposto. Conforme Goffman (2021 [1988]) afirma, isso resulta na "destruição da possibilidade de atenção a outros atributos pessoais" (GOFFMAN, 2021 [1988], p. 14).

É preciso ter cuidado com esse tipo de pensamento e ação em relação aos alunos nessa situação, pois Goffman reforça que "durante os contatos mistos, é provável que o indivíduo estigmatizado sinta que está 'em exibição' e leve sua autoconsciência e controle sobre a impressão que está causando a extremos e áreas de conduta que supõe que os demais não alcançam." (GOFFMAN, 2021 [1988], p. 24). Esse sentimento pode causar males provisórios na situação do aluno e o professor que age dessa forma pode achar que está acolhendo, mas, na verdade, está estigmatizando mais o aluno e a sua atuação como professor para esse público, que já é estigmatizada.

Monteiros (2016 [1999]) defende que todos os dialetos são igualmente válidos como sistemas linguísticos, uma vez que atendem às necessidades de seus falantes, tanto os falantes nativos quanto os aprendizes. No entanto, é fundamental compreender que, ao abordar questões linguísticas, estamos frequentemente discutindo abstrações e valores, mas nem sempre consideramos os contratos sociais vigentes. A primeira questão relevante é a importância do

contexto na comunicação. Quando falamos, escrevemos ou nos expressamos de qualquer forma, é crucial levar em conta o contexto em que estamos inseridos. Nossas palavras e ações não são isoladas, mas sim moldadas pelas circunstâncias e pelo ambiente que nos cerca. O que é apropriado ou aceitável em um grupo social pode não ser o mesmo em outro. Portanto, quando alguém fala fora de seu grupo específico, pode ser desafiador encontrar o tom certo e a linguagem adequada para se comunicar eficazmente.

É importante notar que o sentimento de inadequação em relação ao modo de falar culto muitas vezes é resultado de um grave preconceito social e estigmatização daqueles que falam de maneira "diferente" da norma culta. Monteiro argumenta que não há nada intrinsecamente errado ou estigmatizado em uma variante popular da língua; o que existe é apenas uma associação entre falantes dessa variante e classes sociais menos privilegiadas. Mesmo que uma construção seja estigmatizada, ela não deveria ser avaliada como incorreta se for incorporada à língua padrão. Nas palavras do pesquisador: "A atitude prescritiva da gramática e a pressão institucional da escola são, em grande parte, responsáveis pela perpetuação do preconceito que sustenta essa concepção equivocada de erro" (MONTEIRO, 2016 [1999]).

Goffman (2021 [1988], p. 65) explica que o desafio da manipulação do estigma está relacionado ao nosso conhecimento, ou falta dele, em relação ao indivíduo estigmatizado. Diante disso, é crucial termos uma compreensão clara de como a influência linguística afeta a formulação de um conceito de identidade pessoal. Essa noção está ligada à suposição de que cada indivíduo pode ser distinguido dos demais e que, a partir dessas distinções, histórias sociais contínuas e únicas são construídas e entrelaçadas (GOFFMAN, 2021 [1988], p. 67), tornando-se significativas para os falantes da língua. É importante notar que a identidade pessoal desempenha um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social exatamente por causa de sua singularidade, embora isso nem sempre seja facilmente percebido.

No presente capítulo, exploramos conceitos fundamentais que fornecem a base teórica para a compreensão do tema em questão. Discutimos conceitos como língua, erro, inadequação e estigma, os quais desempenham um papel essencial na análise e na compreensão do fenômeno em estudo. Ao longo do capítulo, foi possível perceber a importância desses conceitos para a compreensão mais aprofundada dos processos linguísticos e sociais envolvidos.

Através dessas discussões, ficou evidente a complexidade e a interconexão entre esses conceitos, bem como a sua relevância para a pesquisa em questão. Ao compreender a influência

desses conceitos dentro do campo do ensino e da linguística, podemos obter uma visão mais abrangente e aprofundada do fenômeno em análise. No próximo capítulo, iremos abordar as questões metodológicas desta pesquisa. Analisaremos os métodos utilizados, os dados coletados e as principais descobertas que contribuirão para o desenvolvimento de um entendimento mais abrangente do fenômeno. Com isso, buscamos preencher uma lacuna de conhecimento e contribuir para o avanço do campo de estudo.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, forneceremos uma visão geral dos métodos utilizados nesta pesquisa, destacando os caminhos metodológicos adotados. Inicialmente, abordaremos os fundamentos teóricos que embasam o estudo e discutiremos a importância da abordagem qualitativa escolhida para esta investigação. Além disso, destacamos a utilização de formulários e entrevistas não estruturadas como métodos de coleta de dados. Em seguida, apresentaremos o percurso metodológico seguido ao longo do trabalho, descrevendo as etapas realizadas e as decisões tomadas em cada fase do estudo.

Optamos por adotar uma abordagem de pesquisa predominante qualitativa neste estudo, pois ela nos permite investigar os dados em seus contextos naturais, buscando compreender e interpretar os fenômenos com base nos significados atribuídos pelas pessoas envolvidas (DENZIN; LINCOLN, 1994, p. 2). Seguindo essa perspectiva, conforme Denzin e Lincoln (1994, p. 17), a pesquisa qualitativa é uma prática situada que dispõe o pesquisador no mundo, envolvendo tanto aspectos materiais quanto interpretativos. Nosso objetivo é capturar as percepções dos professores de português como língua materna diante das respostas produzidas pelos três grupos de alunos de português como língua materna e português como língua estrangeira. Como resultado, buscamos analisar os contextos naturais, com vista a compreender e interpretar os fenômenos à luz das questões sociais presentes na sociedade estudada.

Utilizamos como ferramenta de pesquisa dois formulários (apêndices B e D), com perguntas abertas para os alunos e para os professores responderem, um dos formulários foi enviado para os alunos de português como língua materna e português como língua estrangeira, e o segundo formulário foi enviado para os professores realizarem as suas análises. Junto a esses formulários, estavam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (doravante TCLE) que foram preenchidos de maneira diferenciada para poderem se adequar ao formato da ferramenta utilizada. Cada TCLE não foi assinado de maneira tradicional, mas sim gerado a partir da aceitação informada da participação dos alunos e dos professores, como é possível ver nos apêndices B e D.

Fizemos também uso de entrevistas não estruturadas, que, embora sigam um roteiro geral de perguntas e respostas, possuem flexibilidade para se adaptar às respostas dos professores e suas análises iniciais. De acordo com Fontana e Frey (1994, p. 365), as entrevistas não estruturadas são empregadas para compreender comportamentos complexos dos membros da sociedade, sem impor

categorizações prévias que possam limitar as perguntas realizadas. Essa abordagem está alinhada aos princípios dos estudos qualitativos. Diferentemente das entrevistas estruturadas, que buscam coletar dados que justifiquem comportamentos dentro de categorias predefinidas, as entrevistas não estruturadas não se baseiam em categorizações.

3.1 O PERCURSO DESTE TRABALHO

O objetivo deste trabalho é verificar como professores de português como língua materna analisam textos de alunos estrangeiros e brasileiros em termos das ocorrências de desvios em relação à norma culta, sendo composto de duas partes: a primeira, que é um levantamento de dados; e a segunda parte, que é uma entrevista.

A pesquisa foi feita em três fases: na primeira fase, realizamos a coleta inicial dos dados com os alunos aprendizes de português como língua materna e português como língua estrangeira. Para o levantamento de dados que subsidiaram a primeira parte desta pesquisa, foi construído um formulário com textos de alunos provenientes de diferentes estudantes de português, a saber: alunos de português como língua materna; alunos de português como língua estrangeira que possuem uma língua próxima (espanhol); e alunos de português como língua estrangeira que possuem uma língua distante (japonês e coreano).

O instrumento de pesquisa foi elaborado a partir das questões de um formulário que existe em um processo empregado nas inscrições dos exames do Celpe-Bras³. O exame compreende duas partes: Parte Escrita (coletiva) e Parte Oral (individual), elaboradas por especialistas também selecionados/as por meio de chamada pública (BRASIL, 2016, p. 7). Para a Parte Oral do exame, os participantes precisam preencher um formulário de inscrição, com perguntas que versão sobre, além dos dados pessoais, atividades e interesses do candidato, a partir de tópicos como: família, hobbies, profissão e outros. Neste formulário de inscrição, também há perguntas a respeito de tópicos do cotidiano e interesses gerais, como: ecologia, educação, esportes etc. É importante ter essas respostas, pois os aplicadores estudam acerca das preferências dos candidatos para poderem "criar um clima positivo, de forma a deixar o/a examinando/a à vontade" (BRASIL, 2016, p. 28-29). Com isso, o avaliador poderá desenvolver uma conversa demonstrando interesse pelas

³ Para mais informações, acessar o site do exame: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras>

respostas do/da examinando/a; conseqüentemente, este/esta deverá ser avaliado/a com base na capacidade de conversar sobre questões de natureza pessoal a partir das informações contidas no formulário de inscrição (BRASIL, 2016, p. 29).

Um colega da pós-graduação, observando esse exame, resolveu empregar a metodologia para avaliar a produção dos alunos brasileiros. Essa pesquisa estava em andamento, mas o contato com esse colega e a minha participação como avaliadora, tanto no exame quanto como ajudante em sua pesquisa, despertou um interesse pela análise dos textos produzidos na fase inicial, em que os alunos respondam por escrito a um conjunto de questões, cujo objetivo é ter algum conhecimento prévio sobre eles. Observando essas respostas, encontramos alguns elementos que nos lembraram textos escritos por estrangeiros, nos levando a pedir aos estudantes estrangeiros que respondessem às mesmas perguntas.

Após o primeiro contato com o material escrito que os alunos de português como língua materna produziram para um dos participantes do grupo de pesquisa na aplicação deste questionário adaptado da inscrição do exame Celpe-Bras e discussões com a orientadora, surgiu uma pergunta que guiou esta pesquisa: os professores de português como língua materna têm percepções diferentes sobre ocorrências de desvios na escrita do português em textos produzidos por alunos brasileiros e estrangeiros?

Para podermos utilizar essa metodologia do exame, foi preciso adaptar o formulário de uma forma que não fosse tão extensa para os alunos de português como língua materna e português como língua estrangeira. Assim, houve uma seleção das perguntas que nos renderiam, em princípio, textos maiores; para isso, também acrescentamos uma pergunta a mais nos formulários que não consta na inscrição do exame Celpe-Bras (pergunta 2). No final, chegamos às seguintes perguntas:

1. Como é um dia típico de sua rotina?
2. Com que adultos/quem você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?
3. Comente sobre suas preferências (*hobbies*, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe)

(Apêndice A)

O primeiro grupo a que foi aplicado esse questionário era formado por sete alunos do 9.º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal na cidade de Juiz de Fora, de idades entre 15 e 17 anos. A escolha desses alunos foi feita conforme a determinação do Artigo 4.º da Portaria de

número 1787/1994, que limita a inscrição no exame a candidatos com ensino fundamental completo e maiores de 16 anos. Dessa forma, ao fazer o levantamento desses participantes, o doutorando do grupo de pesquisa à época aplicou o questionário, cujo objetivo de pesquisa era o de coletar informações sobre a rotina e os interesses dos avaliados. Para o estudo do colega, com esse levantamento, foi possível recolher as informações necessárias para os próximos passos de sua pesquisa. Para este trabalho, essas respostas serviram como dados para a comparação e análise, o que serão feitos no capítulo de análise de dados.

O segundo passo foi escolher os grupos de estrangeiros para responderem o mesmo formulário para podermos comparar com as respostas dos alunos brasileiros. Inicialmente pensamos em convidar alunos estrangeiros que vieram para o Brasil em situação de refúgio e que estudavam nas escolas públicas de Juiz de Fora; porém, por questões diversas, não foi possível realizar esse levantamento. Enviamos, então, esse formulário (Apêndice B) para professores de português como língua estrangeira, que estavam realizando a especialização da PUC-Rio de Formação de Professores de Português como Língua Estrangeira e atuavam em diversos países, para que pudessem compartilhar com os alunos que quisessem participar. As respostas vieram de alunos falantes de espanhol dos professores que atuavam no Peru e no Equador. Este segundo grupo foi composto por 14 peruanos e 1 equatoriano, no qual 11 alunos tinham mais de 30 anos, 3 alunos tinham entre 18 e 30 anos e 1 aluno tinha menos de 18 anos. Dentro desse grupo de alunos, 14 alunos estudavam há menos de 1 ano a língua portuguesa e 1 aluno estudava há mais de 1 ano e menos de 2 anos. Esses alunos estudavam o português no centro de idiomas da Universidad Nacional Mayor de San Marcos e com professores particulares.

Ao recebermos os textos produzidos por esses alunos, percebemos haver uma similaridade na forma de escrita entre esses dois grupos de alunos que possuíam idiomas próximos, o espanhol e o português. Assim, decidimos acrescentar ao estudo alunos de idiomas distantes do português para verificar como seriam essas produções, ao serem comparadas aos materiais que já possuíamos.

Entramos em contato com a bolsista do programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), que ministrava aulas de Português para Estrangeiros para alunos intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Perguntamos se ela poderia enviar o formulário (Apêndice B) para os alunos que estavam matriculados em sua turma. Recebemos respostas de três alunos, sendo dois japoneses e um coreano, todos com idades entre 18 e 30 anos. Dentre esses alunos, dois estudaram

português por mais de 2 anos e 1 estudou o português entre 1 e 2 anos. Assim, começamos a separar os textos que seriam utilizados para a próxima parte da pesquisa.

Na segunda fase desta pesquisa, elaboramos um instrumento para a apreciação dos professores. Criamos um formulário (Apêndice D) com as três perguntas que foram apresentadas aos alunos e selecionamos três respostas para cada pergunta, uma de cada um dos seguintes grupos de alunos: um texto do aluno com o português como língua materna; um do aluno com o português como língua estrangeira sendo falante nativo de espanhol; e outro do aluno com o português como língua estrangeira, tendo como língua materna japonês ou coreano. Os nove textos foram escolhidos de forma que a escrita fosse semelhante entre eles e não houvesse evidências claras que identificassem os textos como sendo de brasileiros ou de estrangeiros.

Enviamos o formulário para professores de português conhecidos das pesquisadoras, além de grupos do Facebook. Essa seleção obedeceu mais à oportunidade e à disposição das pessoas do que a algum critério muito específico. Recebemos respostas de 10 professores, todos profissionais da área de língua portuguesa como língua materna, com atuação em ensino fundamental 2 (20%), ensino médio (10%), ensino fundamental e médio (50%), e ensino superior (20%). A maioria atua em redes públicas (60%), enquanto 20% atuam em redes privadas e outros 20% atuam em ambas. A idade dos professores varia entre 20 e 40 anos (40%) e acima de 40 anos (60%), e o tempo de atuação varia entre 2 e 5 anos (10%), mais de 5 anos (30%), e mais de 10 anos (60%).

Na terceira e última fase, realizamos entrevistas com professores para a consolidação dos dados obtidos na segunda fase. Procedemos à triangulação dos dados por meio de entrevistas não estruturadas com os professores que concordaram em participar da segunda fase da pesquisa, após terem respondido ao questionário. Essas entrevistas nos permitiram obter uma compreensão mais direta das perspectivas dos professores em relação aos termos utilizados e aprofundar suas respostas. Optamos pelo uso de entrevistas não estruturadas, pois as perguntas foram formuladas com base nas respostas fornecidas pelos professores no questionário e tinham o objetivo de aprofundar suas análises. Resumindo, o percurso de levantamento de dados foi assim concebido:

Quadro 1-Etapas da pesquisa

Etapas desta pesquisa para a produção dos dados
1. Recolher os textos dos alunos brasileiros.

2. Recolher os textos dos alunos de língua próxima.
3. Recolher os textos dos alunos de língua distante.
4. Selecionar, de cada grupo, três textos para cada pergunta.
5. Pedir aos professores que fizessem uma análise cega dos textos.
6. Analisar as observações feitas pelos professores.
7. Fazer as entrevistas com professores que fizeram a análise.

Fonte: Material das autoras (2023)

4 ANÁLISE DOS DADOS

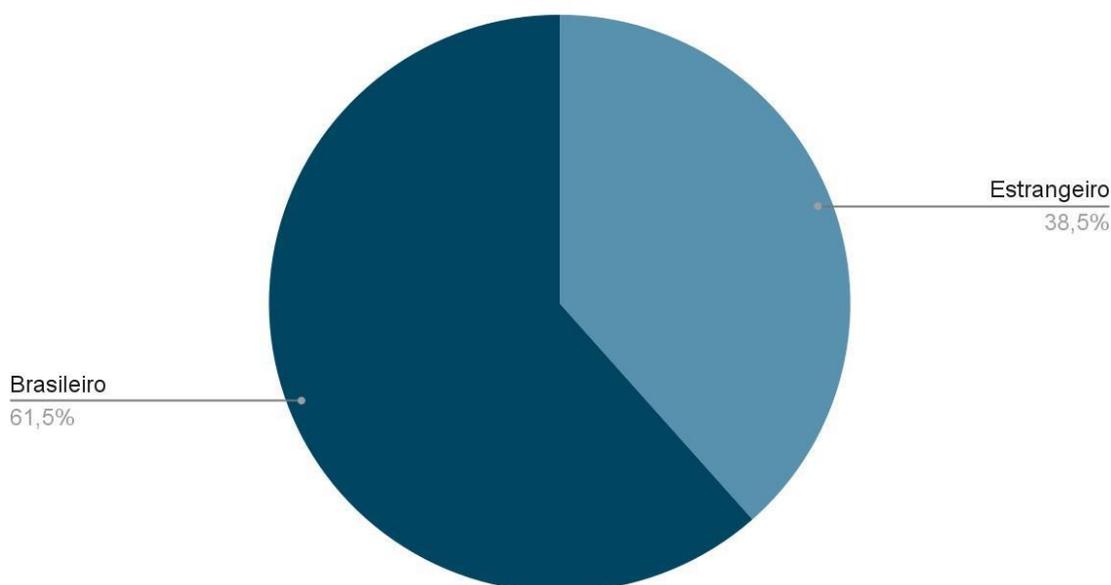
4.1 PERGUNTA 1: "COMO É UM DIA TÍPICO DE SUA ROTINA?"

Resposta 1:

"A minha rotina é comum acordar prá mim ir para escola depois levar minha irmã na escola depois voltar almoçar é dormir um pouco acordar é pegar ela na escola depois quando ficar de noite ir dormir"

Gráfico 1- Qual foi a percepção dos professores? (PIR1)

Qual foi a percepção dos professores?

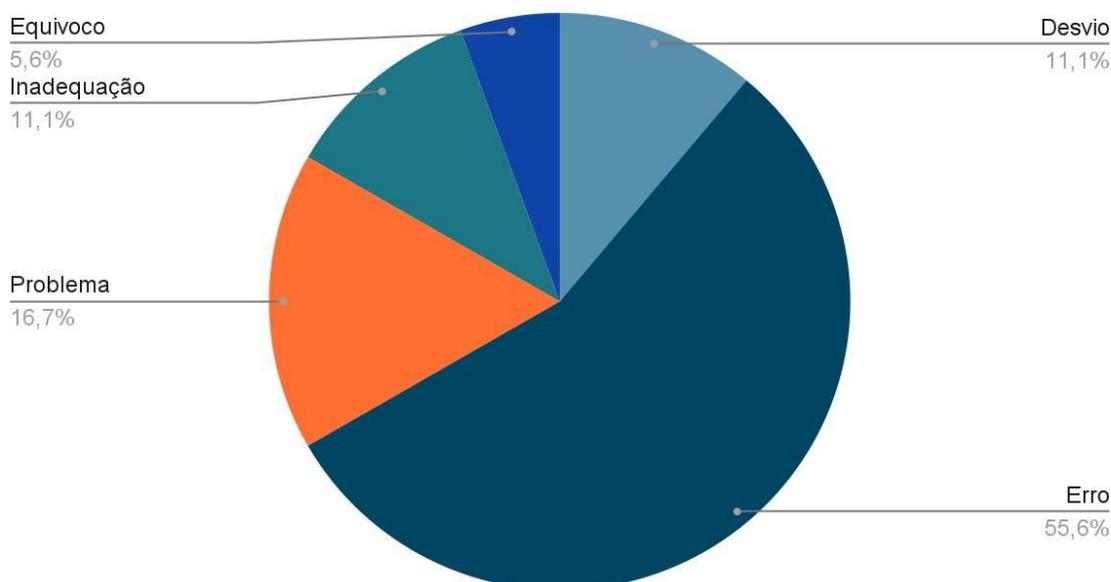


Fonte: Material das autoras (2023)

Na primeira resposta da primeira pergunta percebemos que cinco professores acreditaram se tratar de um aluno estrangeiro e oito professores acreditaram ser um texto de um aluno brasileiro. Esses professores usaram os seguintes termos em suas análises:

Gráfico 2-Pergunta 1- Resposta 1

Pergunta 1- Resposta 1



Fonte: Material das autoras (2023)

Como mostrado no gráfico acima, houve maior emprego do termo "erro", logo seguido pelos termos "problema" e "desvio", nas análises realizadas pelos professores. O termo "inadequação" também aparece nas análises da resposta 1, utilizada principalmente pelos professores 5 e 7.

O professor 5 analisa a resposta deste aluno como sendo a de um estrangeiro e reflete que o que aparece na resposta do aluno são "[...] inadequações cometidas quando aprendemos uma língua estrangeira por estarmos aprendendo a sua estrutura, vocabulário e pontuação" (resposta 1). O professor informa que essas inadequações são uma das últimas coisas que aprendemos ao estudar um idioma, muito parecido com o que Vida (2015, p. 35) reflete sobre inadequação. O autor observa que a adequação linguística está ligada à competência sociolinguística e, conseqüentemente, tratando do conhecimento que o falante possui sobre as regras envolvidas na utilização da língua. Ao apontar as inadequações, o professor 5 relata: "há algumas inadequações de uso nos pronomes pessoais, de pontuação, de acentuação, ligadas à questão fonética, e também confusão entre o verbo 'ser' e a conjunção 'e'" (resposta 1); "As inadequações são: uso do pronome

pessoal oblíquo no lugar do pessoal reto, acentuação, ausência de pontuação, confusão entre terceira pessoa do verbo ser e a conjunção ‘e’” (resposta 2).

Já o professor 7 utiliza o termo "inadequação" junto com os termos ‘problema’ e ‘erro’, sendo que ao responder, ele apresenta o seguinte detalhamento: "[...] a inadequação do pronome oblíquo ‘mim’ antes do verbo ‘ir’" (resposta 2). Percebe-se que, assim como o professor 5, o professor 7 associa a inadequação a uma questão gramatical, assim como ele usa o termo problema, "há problemas de coesão (repetição e pontuação), de acentuação ("prá", "é)" (resposta 2). O professor 10 também faz uso do termo "problema" quando relata: "[...]há muitos problemas encontrados neste texto que estão presentes nos textos dos meus alunos" (resposta 1); "[...]Há problema na sequência" (resposta 2). Ao analisar as respostas desses professores, percebemos que esses dois termos foram usados de maneira semelhante, e até mesmo complementares, diferente quando o professor usa o termo "erro".

Ao utilizar o termo "erro", o professor 7 relata que "os erros seriam facilmente cometidos por alunos brasileiros" (resposta 1), o que é visto da mesma forma pelo professor 3: "São erros comuns cometidos por brasileiros (prá mim, é)" (resposta 1); e pelo professor 9: "São erros comuns que vemos na maioria dos textos" (resposta 1). Percebemos que essa forma de observar o erro é descrita por Figueiredo (2023, p. 87) como "erro intralingual", o qual é compreendido como "erros desenvolvimentais". Esses erros são ocasionados por formas alternadas, caracterizados pela alternância de membros de uma mesma classe (FIGUEIREDO, 2023, p. 90), como visto pelo professor 7: "[...] como a troca de ‘eu’ por ‘mim’" (professor 7, resposta 1).

O professor 4 apresenta que "Há erros de pontuação, repetição e morfossintaxe (pegar ela)" (resposta 2); já o professor 8 diz "[...] que há erros quanto ao uso dos verbos no infinito" (resposta 2); o professor 12 aponta "erros de acentuação e pontuação e concordância" (resposta 2). Estes professores analisaram a resposta do aluno como erro visto pela norma culta da língua, essa visão de erro é a visão que decorre da gramática normativa, apredentando que é erro tudo aquilo que foge à variedade eleita como "boa linguagem" (POSSENTI, 1996). Levando em consideração essa variedade explicada por Possenti (1996), percebe-se que a resposta do professor 12 explicou acreditar ser um aluno estrangeiro "pois os verbos não estão devidamente conjugados e as preposições não estão concordando com o texto." (resposta 1).

Já o termo "desvio" é utilizado pelo professor 1, "Há desvio de norma padrão, não erro" (resposta 2), e pelo professor 6, "Há desvios da norma padrão" (resposta 2). Esse desvio observado

pelos professores é descrito por Figueiredo (2023, p. 24-25) como desvio causado por simplificação, o qual se pode observar a omissão de alguns elementos que são previstos na norma culta, por exemplo: "[...] por usar o infinitivo em ambientes específicos" (resposta 1, professor 1); "[...] A pontuação não corrobora a estrutura e aproxima o escrito da oralidade" (resposta 2, professor 1); "[...] O coloquialismo está muito presente no encadeamento de ideias sem a pontuação adequada, na redução da preposição 'para e na regência do verbo ir'. Há confusão entre 'e' e 'é'.". Quando os professores relatam que o texto está próximo da oralidade ou que há um coloquialismo presente na escuta do aluno, percebemos que o falante está mais preocupado com a informação que irá ser passada ao se comunicar, do que com as questões gramaticais (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25).

O professor 1 utilizou o termo "equivoco" ao fazer a comparação entre um falante de PLM e um falante de PLE, mostrando que há uma certa disparidade nas correções quando os professores fazem as análises acreditando ser um aluno brasileiro e um aluno estrangeiro. Este professor analisou este texto como sendo o de um estrangeiro, devido às ocorrências que ele apresentou como: "por usar o infinitivo em ambientes específicos — em tais ambientes, brasileiros usariam equivocadamente a primeira pessoa singular, no presente do indicativo" (resposta 1).

Quadro 2- Resumo P1-R1

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Equívoco, desvio
Professor 2	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Brasileiro	Erro
Professor 4	Brasileiro	Erro
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Brasileiro	Desvio
Professor 7	Brasileiro	Erro, problemas, inadequado
Professor 8	Estrangeiro	Erro
Professor 9	Brasileiro	Erro

Professor 10	Brasileiro	Problema
Professor 11	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 12	Estrangeiro	Erro
Professor 13	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências. Porém, explica o motivo de não usar o termo "erro"

Fonte: Material das autoras (2023)

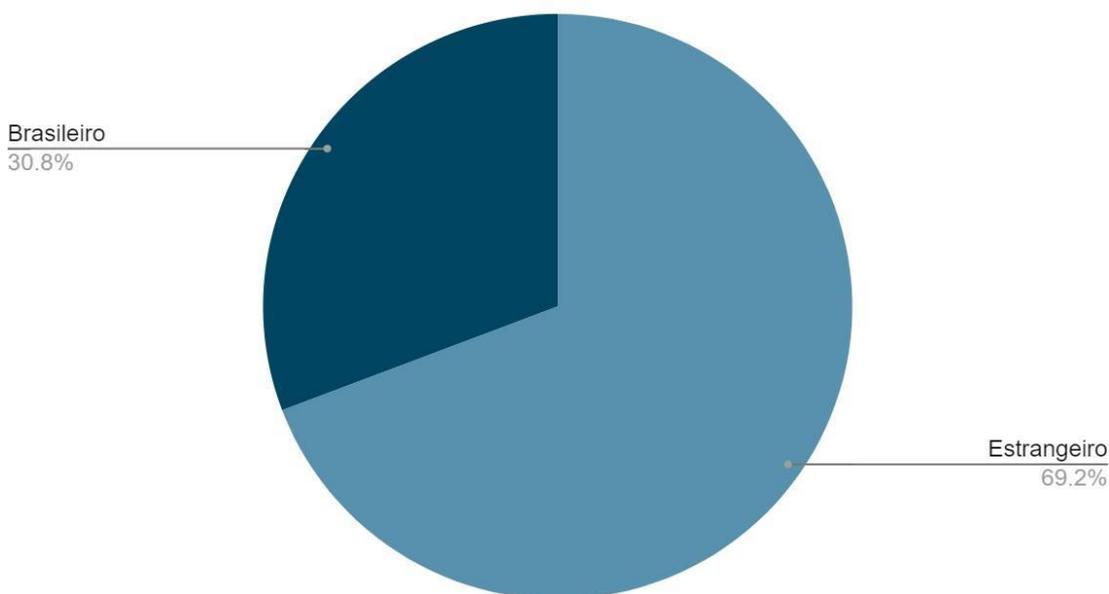
Resposta 2:

"Todos os *días* eu *acordó* as 5 da *manha*, levanto Tomo banho, me arrumo , tomo *agua* e saio de casa para trabalhar. Eu sempre vou trabalhar no meu carro. A *viajem* *lleva* 40 minutos mais ou menos. trabalho *ate* as 5 da tarde."

O gráfico a seguir mostra a quantidade de professores que acreditaram se tratar de um aluno brasileiro ou um aluno estrangeiro. Podemos ver que quatro professores acreditam ser um aluno brasileiro (30,8%) e nove professores acreditam ser um aluno estrangeiro (69,2%).

Gráfico 3- Qual foi a percepção dos professores? (P1-R2)

Qual foi a percepção dos professores?



Fonte: Material das autoras (2023)

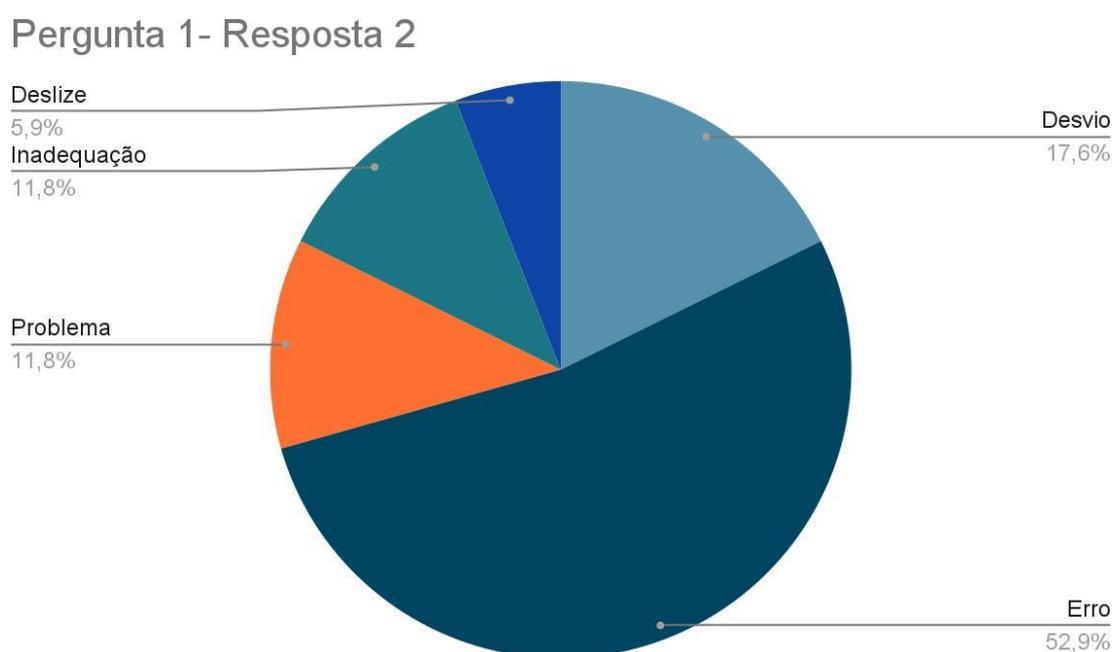
Um fato interessante é que ao analisarem a resposta deste aluno como sendo de um aluno estrangeiro, os professores 1, 3, 8 e 9 perceberam a transferência/mistura de outros idiomas junto a escrita do português. O professor 1, como apresentado anteriormente, acreditou ser um estrangeiro e com ocorrências que o levaram a acreditar se tratar de um estrangeiro francófono. Já os professores 3 e 8 identificaram que "Há uma mistura com espanhol /portunhol" (resposta 1, professor 3) e que "é nítido que quem escreveu a frase mistura os idiomas português e espanhol" (resposta 1, professor 8). Já o professor 9 percebeu que "há palavras que não são do nosso idioma" (resposta 1), porém ele não conseguiu identificar de qual idioma provém o aluno.

Entre os professores que analisaram como sendo a resposta de um brasileiro, percebemos uma visão interessante dos professores 5, 6 e 12. O professor 6 explicou que acreditou se tratar de um aluno brasileiro "pois também apresenta um conhecimento bom da estrutura da língua." (resposta 1), já o professor 12 relatou: "Acredito que quem produziu essa frase seja um brasileiro, pois os verbos estão devidamente conjugados e as preposições bem colocadas." (resposta 1).

Percebe-se com essas respostas um olhar estruturalista em relação ao uso da língua, não havendo incômodos com as ocorrências presentes no texto do aluno.

Abaixo podemos observar quais termos esses professores utilizaram para realizar as suas análises.

Gráfico 4-Pergunta 1-Resposta 2



Fonte: Material das autoras (2023)

Percebemos que nessa resposta também houve um grande percentual de utilização do termo "erro"; porém, segundo o professor 2, "As frases são compreensíveis, mas há pequenos erros de acentuação e pontuação". Podemos, assim, considerar que esses "erros" que foram identificados pelos professores, são entendidos e considerados aceitáveis pelos falantes de PLM e podendo ser ignorados temporariamente durante a comunicação (FIGUEIREDO, 2023, P. 109). O professor 4 segue a mesma linha de análise do professor 2 quando fala: "Há erros de pontuação, repetição, ortografia (viagem) e morfossintaxe." (resposta 2). Porém, este professor também utilizou o termo deslize quando foi responder à primeira pergunta: "[...] embora siga uma ordem frasal de segmentação, há deslizes gramaticais." (resposta 2). Percebe-se que este professor utiliza os termos

de forma parecida, utilizando o termo "erro" para quando explica quais ocorrências são observadas e “desvio” quando há ocorrências gerais.

O professor 7 utiliza o termo "erro" explicando que "[...] Não são erros comuns de um brasileiro." (resposta 1, segunda parte) e "Há erros de ortografia: acentos em excesso, em ‘días’, ‘acordó’; falta de acento em ‘ate’ e ‘agua’; falta de crase em ‘as 5’; falta de til em ‘manhã’; troca de g por j em ‘viajem’; ‘lleva’ no lugar de ‘leva’." (resposta 2). Na primeira resposta dada por esse professor, ele analisa as ocorrências como erros únicos (FIGUEIREDO, 2023, p. 95), que são cometidos unicamente por aprendizes de uma L2. Entretanto, quando o professor 7 detalha quais são as ocorrências na resposta 2, percebe-se que ele identificou os chamados erros interlinguais, que são os que refletem a interferência da L1 na produção da língua-alvo (FIGUEIREDO, 2023, p. 61). Essas ocorrências podem ter sido realizadas pelo aluno devido à extensão por analogia, no qual o aprendiz usa de maneira indevida um vocábulo porque este compartilha traços fonológicos ou ortográficos semelhantes aos da L1 (FIGUEIREDO, 2023, p. 61). Esses argumentos são reforçados quando o professor 7 utiliza o termo "problema": "[...]porque os problemas não são necessariamente da construção da escrita, mas de influência de outra língua (talvez o espanhol)" (resposta 1, primeira parte).

O último professor que utilizou o termo "erro" foi o professor 10, que, assim como o professor 7, analisou as ocorrências como: "[...] Não são erros geralmente encontrados em textos de alunos brasileiros [...]" (resposta 1, segunda parte). Percebe-se que este professor também percebeu os chamados “erros intralinguais”, com as semelhanças ortográficas e fonéticas, apoiando-se no sistema fonético/fonológico e gráfico da sua L1. Porém, ao responder à pergunta 2, este professor sempre se refere às ocorrências como erros pelo olhar da norma culta escrita:

Sim, levando em consideração a norma culta escrita. 1) Acentuação: "dias e acordo" não têm acento. 2) "Manhã" tem sinal de nasalização. 3) Faltou a crase em às. 4) Faltou a vírgula após a expressão "Todos os dias" e após a palavra "levanto" 5) Tomo/tomo (letra minúscula) 6) Falta de acento em água. 7) viagem/viagem 8) lleva/leva 9) ate as/ até às 10) Faltou a letra maiúscula em trabalho.

O segundo termo mais utilizado foi o termo "desvio", o professor 1 relata que "Há um desvio de norma padrão pouco relevante - os acentos e a falta de crase." (resposta 2). Esses desvios podem ser causados por uma certa hipercorreção por parte do aluno, visto que tanto os brasileiros

quanto os estrangeiros possuem uma certa dificuldade com a acentuação, principalmente com o acento grave indicativo de crase. O professor 6 analisou de forma parecida com o professor 1, porém esse apresentou mais elementos em sua análise: "Há desvios da norma padrão. Ortografia, acentuação gráfica e pontuação." (resposta 2). Esta resposta reforça ainda mais a hipótese de desvio por hipercorreção, por outro lado, a percepção dos dois professores sobre quem é o autor deste texto foi diferenciada. O professor 1 acreditou se tratar de um "Estrangeiro, pelo uso de acentos em demasia. O uso de um "l" duplicado também me leva a crer que se trate de um estrangeiro francófono" (resposta 1), já o professor 6 acreditou se tratar de um "Brasileiro, pois também apresenta um conhecimento bom da estrutura da língua." (resposta 1). Dessa forma, percebe-se que mesmo havendo desvios no texto do aluno, os professores analisaram de maneira similar, porém pensando se tratar de alunos distintos.

O último professor que utilizou o termo "desvio" foi o professor 13, porém este também utilizou na sua análise o termo "problema", como visto a seguir:

Novamente, há problemas (e não "erros") considerados, em certa medida, semelhantes aos verificados na escrita de brasileiros, como a ausência dos sinais de pontuação para delimitar pausas da fala. Algo mais específico e que causa "estranheza" a um brasileiro são as dificuldades relacionadas ao domínio do sistema de escrita do português, como o emprego inadequado do acento agudo em "días" e "acordó" e o uso de letra dobrada em início de palavra ("lleva"). Por outro lado, a ausência do acento em "agua" pode ser uma dificuldade comum a brasileiros nos anos iniciais de escolarização. Assim como os brasileiros em fase de consolidação da escrita, estrangeiros também têm dificuldade com a ortografia, pelo fato de um mesmo som poder ser representado por mais de uma letra: é o caso do uso de "j" em vez de "g" ("A viagem leva..."). Esse problema de ortografia revela falta de domínio quanto à diferença entre o verbo "viajem" e o substantivo "viagem". Problemas com o emprego do acento grave não são específicos dos estrangeiros (como em "as 5 da manhã"). Outra evidência de que os estrangeiros costumam escrever como falam (tal qual ocorre com os brasileiros) pode ser encontrada nas construções com próclise ("Tomo banho, me arrumo..."). Novamente, considero importante distinguir o que são de fato "erros" do que são "desvios" de ortografia ou diferenças quanto ao uso de uma variedade da língua em relação à norma-padrão. (resposta 2)

O professor apresenta, em sua análise, os possíveis motivos pelos quais o aluno revelou essas dificuldades de escrita, ficando evidente também que este professor utiliza os dois termos, "problema" e "desvio", de forma similar. A percepção da diferenciação dos termos foi algo que foi levantado na entrevista não estruturada realizada com esse professor, que será analisada na última parte deste capítulo.

Por fim, o termo "inadequação" foi utilizado pelo professor 5, quando diz:

[...] as inadequações presentes no texto são de alguém que conhece a marcação de pausas no texto (pontuação), o uso do pronome pessoal reto (estrutura sintática) e algumas questões de regência, que muitas pessoas costumam não saber marcar no texto, de digitação e ortografia (uma inadequação comum entre falantes de língua materna, cometida na palavra "viagem")." (resposta 1);
 "As inadequações são: uso de crase (regência), ortografia ou digitação (lleva, viajem, acordó, letra minúscula após ponto final), acentuação (acordó, agua etc.). (resposta 2).

O professor 5 analisou a resposta como sendo a de um brasileiro, pautando-se nas evidências textuais citadas, com isso podemos perceber que as inadequações refletem a competência linguística deste aluno. Isso representa o que Hymes (1995) reflete sobre adequação, que, levando em consideração a visão comunicativa, os juízos de adequação não podem ser transferíveis a diferentes esferas linguísticas e culturais.

Quadro 3- Resumo P1-R2

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Desvio
Professor 2	Brasileiro	Erros
Professor 3	Estrangeiro	Concorda que há um "erro"
Professor 4	Estrangeiro	Deslize, erro
Professor 5	Brasileiro	Inadequado
Professor 6	Brasileiro	Desvio
Professor 7	Estrangeiro	Problema, erro
Professor 8	Estrangeiro	Concorda que há um "erro"
Professor 9	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 10	Estrangeiro	Erro
Professor 11	Estrangeiro	Não há erros
Professor 12	Brasileiro	Concorda que há um "erro"

Professor 13	Estrangeiro	Problemas, desvio
--------------	-------------	-------------------

Fonte: Material das autoras (2023)

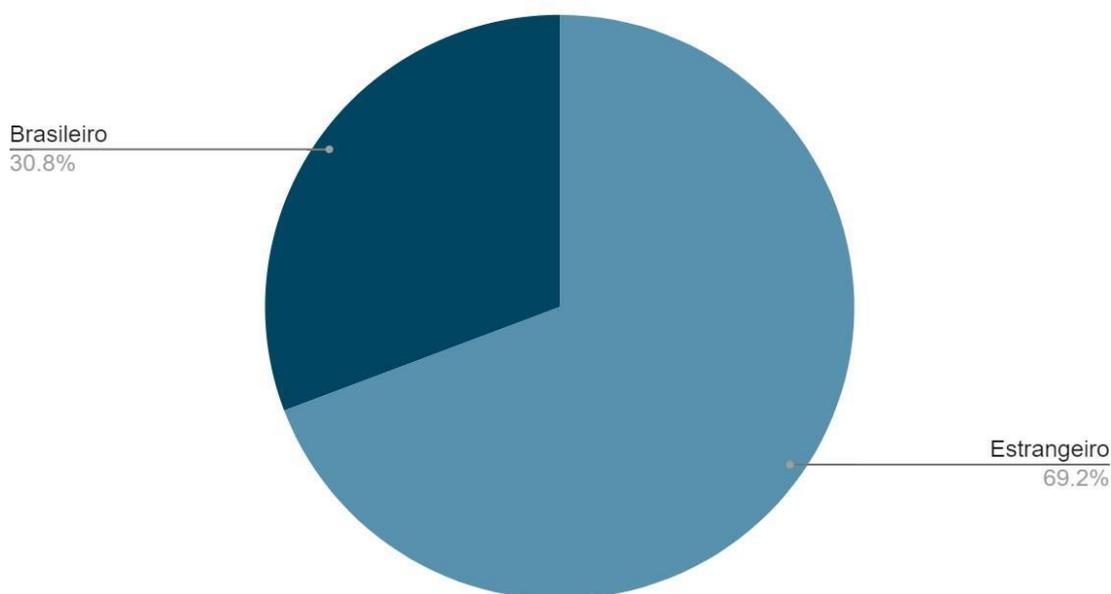
Resposta 3:

"Primeiro eu acordo às 9 da manhã e vou lavar meus dentes e depois tomo o café da manhã .Em seguinte quando tenho aula presencial vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos, a maioria das minhas aulas começa às 10:30.O almoço, como na cafeteria da escola.Quando a aula é de on-line ,uso meu iPad e participo pelo meu quarto.Às 17:00 horas vou trabalhar ,durante o descanso eu janto, eles cozinham para nós que trabalhamos. Término às 1 hora da manhã e volto para ' minha casa e tomo um banho e vou dormir."

O gráfico a seguir mostra a quantidade de professores que acreditaram se tratar de um aluno brasileiro ou um aluno estrangeiro. Podemos ver que quatro professores (30,8%) acreditam ser um aluno brasileiro e nove professores (69,2%) acreditam ser um aluno estrangeiro.

Gráfico 5- Qual foi a percepção dos professores? (P1-R3)

Qual foi a percepção dos professores?

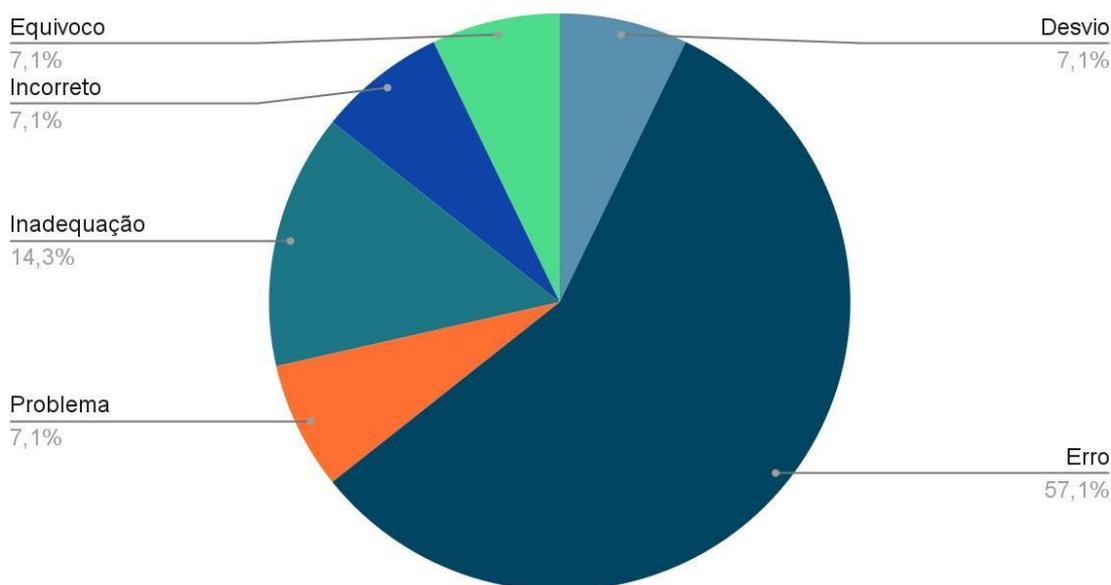


Fonte: Material das autoras (2023)

Abaixo podemos ver quais foram os termos utilizados por esses professores ao realizarem as suas análises.

Gráfico 6-Pergunta 1-Resposta 3

Pergunta 1- Resposta 3



Fonte: Material das autoras (2023)

Aqui na última resposta da primeira pergunta, percebemos o maior emprego do termo "erro", porém foram utilizados outros termos em conjunto nas análises. O professor 3 utilizou dois termos quando realizou as suas análises, o termo "erro" em: "São erros mais "refinados", apesar de haver erros pouco comuns entre brasileiros (lavar os dentes, em seguinte, de on-line)." (resposta 1); e o termo "incorreto" em: "Uso incorreto de vocabulário, verbos, expressões, proposições, plural, espaçamento, acentuação." (resposta 2). Ao utilizar a expressão "erros mais 'refinados'", podem ser considerados os "erros ambíguos" (FIGUEIREDO, 2023, p. 100). Estes erros são considerados por Figueiredo (2023) como aqueles que podem ser resultado de outras variações da língua portuguesa ou ocorrências semelhantes aos cometidos por crianças que adquirem a língua portuguesa como L1. Ao utilizar o termo "incorreto", o professor reafirma aquilo que, na visão da norma culta do português brasileiro, não é considerado correto.

Já os professores 4, 8 e 9 utilizaram o termo "erro" de forma semelhante, revelando realizar uma análise de acordo com a visão da norma culta brasileira, afirmando, ainda, se tratar de erros comuns do dia a dia de um professor de PLM. Comparando as análises dos professores 4 e 8: (Há erros de pontuação, repetição e morfossintaxe (de on line...) Alguns pensamentos aproximam-se de incoerências, mas inteligíveis (lavar meus dentes - LN)." resposta 2, professor 4 e "Alguns erros de pontuação e acentuação e concordância." resposta 1, professor 8), percebemos que houve análises parecidas do texto do aluno, porém esses professores acreditaram se tratar de alunos diferentes. O professor 4 acreditou se tratar de um aluno estrangeiro e percebeu possíveis erros interlinguais, principalmente inter-variacionais; já o professor 8 acreditou se tratar de um aluno brasileiro. Esse pensamento (de se tratar de um aluno brasileiro) também foi evidenciado pelo professor 9, o qual argumentou que são "erros comuns do que costumo ver." (resposta 1), sendo aquilo que foge da variedade eleita como "boa linguagem" (POSSENTI, 1996).

O último professor que utilizou o termo "erro" foi o professor 7: "[...] há alguns erros não comuns na produção de brasileiros, de adequação vocabular e de preposições." (resposta 1). Ao perceber essas ocorrências, o professor relatou o que é chamado de “erros intralinguais” (FIGUEIREDO, 2023, p. 87), que são resultado da aprendizagem de uma língua-alvo, não refletindo a influência da L1 do indivíduo. Essa análise é ainda mais evidenciada quando observamos a resposta do professor na segunda pergunta:

Algo gramaticalmente correto, mas não utilizado é "lavar meus dentes" (escovar meus dentes seria mais adequado); "em seguinte", cuja forma utilizada em português seria "em seguida"; em "o almoço" seria mais adequado "no almoço"; em "aula é de on-line" não usaríamos a preposição "de"; "participo pelo meu quarto" não soa natural em português, poderia dizer "participo no meu quarto" ou "assisto do meu quarto"; em "término às 1 hora", há o acento agudo inadequado e também a falta de concordância entre o artigo e a hora. (resposta 2)

Na sua resposta, podemos notar que o professor 7 percebeu que gramaticalmente o texto do aluno possui estruturas corretas, porém não são utilizadas no português brasileiro. O professor também percebeu os chamados “erros únicos” (FIGUEIREDO, 2023, p. 95), que são cometidos unicamente por aprendizes de uma L2, sem sofrerem interferência de uma L1. Este professor também utilizou, na parte final de sua análise, o termo inadequado, quando se refere à utilização dos acentos pelo aluno.

O termo "inadequação" também foi utilizado pelo professor 5, quando ele relata: "algumas inadequações de regência que parecem vir de estruturas de outras línguas, como 'aula de on-line', 'em seguinte', 'lavar dentes' ." (resposta 1), "Há inadequações de pontuação, de regência, de acentuação (término) e algumas expressões citadas na resposta anterior." (resposta 2). Este professor identificou as inadequações que eram provenientes de outras línguas, porém essas ocorrências podem também ser provenientes de diferentes variações do português, o que mostra que o aluno optou por uma determinada variedade ao escrever o seu texto, acreditando ser adequada também no português brasileiro. Já na segunda resposta dada pelo professor, percebemos que o professor 5 aborda a "inadequações" linguísticas que remetem às mudanças da gramática em situações formais, podendo ser esperado daqueles que passaram pelo sistema escolar e aprenderam normas que não fazem parte da sua gramática internalizada (DUARTE; SERRA, 2015). Outro professor que utilizou o termo "inadequação" e seguiu a mesma linha de análise do professor anterior foi o professor 6, que fez a seguinte avaliação: "Aposto em estrangeiro porque emprega inadequadamente as expressões 'em seguinte', 'cafeteira da escola' e 'de on-line'." (resposta 1), "Inadequação vocabular, acentuação e pontuação." (resposta 2).

O professor 13 utilizou três termos de maneira conjunta em suas análises:

Há "erros" que um falante de português como L1 não cometeria, como casos de inadequação vocabular e dificuldade de emprego de preposições, adquiridas naturalmente na fase de aquisição da linguagem, anterior à escolarização." (resposta 1);

"Os "erros" de adequação vocabular mencionados na questão anterior seriam os seguintes: "lavar meus dentes"; "Em seguinte". O uso "estranho" de preposições ocorre em "Quando a aula é *de on-line, uso meu iPad e participo *pelo meu quarto". Além disso, causa estranheza a construção sintática sem o demonstrativo "o" antes de "que"(em "vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos" = "o que leva..."). Outro problema de escrita, mas que não é bem um "erro" e que pode ser observado também na escrita de brasileiros, refere-se à dificuldade de identificar adequadamente a sílaba tônica de determinadas palavras, o que pode levar ao emprego equivocado do acento agudo (a exemplo de "Término" por "Termino"). Destaco uma construção típica da fala, mas que não chega a ser "erro": a topicalização do objeto ("O almoço, como na cafeteria da escola."). (resposta 2)

Percebe-se que o professor utilizou inicialmente o termo "erro" remetendo-se aos “erros únicos”, resultantes de ocorrências em relação à língua-alvo, cometidos unicamente por aprendizes de L2, sem serem ocasionados pela interferência da L1 do aprendiz (FIGUEIREDO, 2023, p. 95). Ao exemplificar esses erros únicos, o professor utilizou o termo "inadequação" para se referir às

ocorrências vocabulares e gramaticais, afirmando ainda que são ocorrências que aprendemos antes do contexto escolar. Essa análise do professor reforça o que é relatado por Vida (2015, p. 35), quando este, menciona que a adequação linguística está muito ligada à competência sociolinguística, tratando do conhecimento que o falante possui sobre as regras envolvidas na utilização da língua. Porém, podemos perceber que, na segunda resposta, o professor troca o termo "inadequação" por "erros de adequação", podendo ter o mesmo significado entre os dois, enfatizando ainda mais a fluidez desses termos. Por fim, o professor 13 utiliza o termo "problema" para relatar as ocorrências de escrita que também podem ser observadas em texto de alunos brasileiros, e o termo "equivoco" no final para mostrar a forma como o aluno realizou a acentuação dentro do texto.

Para finalizar, temos o termo "desvio" utilizado pelo professor 1, quando relata que "Não há desvio relevante que prejudique a leitura, nem que chame a atenção" (resposta 2). Todas as análises apresentadas indicam que, mesmo tendo sido apresentadas ocorrências de vários níveis gramaticais pelos professores anteriormente, essas não são questões que dificultem ou atrapalhem a comunicação do aluno ao escrever seu texto.

Quadro 4- Resumo P1-R3

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Desvio
Professor 2	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Brasileiro	Erro, Incorreto
Professor 4	Estrangeiro	Erro
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Estrangeiro	Inadequado
Professor 7	Estrangeiro	Erro, inadequado
Professor 8	Brasileiro	Erro
Professor 9	Brasileiro	Erro
Professor 10	Estrangeiro	Concorda que há um "erro"

Professor 11	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 12	Estrangeiro	Concorda que há um "erro"
Professor 13	Estrangeiro	Inadequado, problema, equívoco

Fonte: Material das autoras (2023)

4.2 PERGUNTA 2: "COM QUEM VOCÊ MAIS CONVERSA NO SEU COTIDIANO? SOBRE QUAIS ASSUNTOS?"

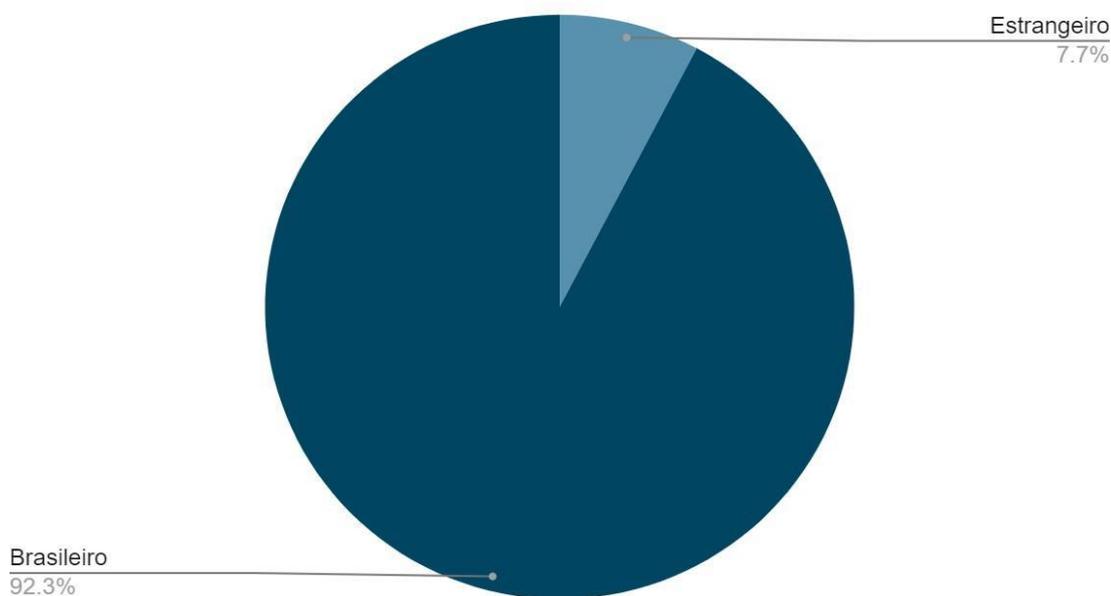
Resposta 1:

"Eu tenho um amigo que o nome dele é léo ele tem 21 anos e eu e ele conversa muito sobre tecnologia"

Nesta resposta percebemos muitos professores que acreditaram se tratar de um aluno brasileiro, doze professores, mas somente um professor acreditou se tratar de um aluno estrangeiro.

Gráfico 7- Qual foi a percepção dos professores? (P2-R1)

Qual foi a percepção dos professores?

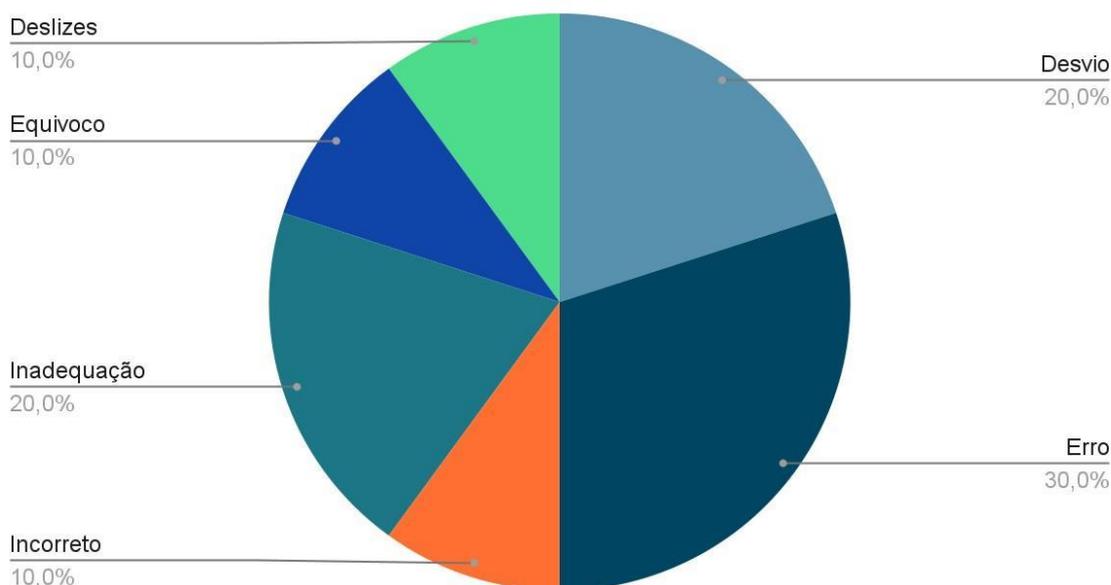


Fonte: Material das autoras (2023)

Percebemos também um uso diversificado de termos durante as análises, como podemos ver abaixo:

Gráfico 8-Pergunta 2-Resposta 1

Pergunta 2- Resposta 1



Fonte: Material das autoras (2023)

Nesta análise da primeira resposta da segunda pergunta percebemos o uso de vários termos, mas o mais utilizado continua sendo o termo "erro". O professor 3 apresenta na sua análise a seguinte afirmação: "Erros comuns cometidos na forma falada." (resposta 1). Percebe-se que o que foi considerado como "erro" na resposta do aluno são os elementos que se aproximaram da fala, porém, é visto que, como reforçado por Monteiro (2016), não foi considerada a construção da língua realizada pelo falante, podendo ele estar apenas desenvolvendo as potencialidades que definem o seu sistema de uso no cotidiano. E ao detalhar quais eram os erros vistos nesta resposta, o professor 3 lançou mão do termo "incorreto": "Uso incorreto do pronome relativo e concordância verbal." (resposta 2). Percebe-se que, ao apresentar as ocorrências, o professor assumiu uma perspectiva mais voltada à normativa em sua análise.

O professor 7 lançou mão de três termos, "erro"; "inadequação"; "equivoco", ao realizar a sua análise, como vemos a seguir:

Poderia ser produzida por brasileiro ou estrangeiro, mas acredito que seja um brasileiro. Porque os equívocos são de questão de coesão e podemos ver inadequações em relação à norma culta, mas não de estrutura da língua em si." (resposta 1)

"Se considerarmos a gramática normativa, sim. Há a escrita do nome próprio com letra minúscula (léo); a falta de concordância entre "eu e ele" e o verbo "conversar"; a falta do acento agudo em "e léo". Também há erros coesivos, como a falta de pontuação dentro do período. (resposta 2)

Percebemos que o professor utilizou os termos "erro" e "equívoco" de forma similar quando se refere às ocorrências de coesão; já o termo "inadequação" foi utilizado para mostrar que as ocorrências observadas foram analisadas com um olhar da norma culta do português. O professor 5 também empregou o termo "inadequação", ainda mostrando que "As inadequações são: pontuação e concordância entre sujeito composto "eu e ele" e o verbo "conversar"." (resposta 2).

Outro participante do estudo que utilizou o termo "erro" foi o professor 9, que analisou ser um texto de "Brasileiro, erros comuns também." (resposta 1). Este professor percebe ocorrências que podem ser somente produzidas por um brasileiro, e quando perguntado quais eram essas ocorrências, o professor relatou: "uso de letra maiúscula, pontuação e acentuação" (resposta 2). Entretanto, outros professores analisaram de forma semelhante, mas relataram se tratar de um estrangeiro, como o professor 5. Mesmo havendo essa semelhança nas análises, o professor 5 utilizou o termo "inadequação" para apontar as ocorrências vistas no texto do aluno, como descrito a seguir: "As inadequações são: pontuação e concordância entre sujeito composto "eu e ele" e o verbo "conversar"." (resposta 2). Percebe-se que este professor observou a questão da competência sociolinguística deste aluno (VIDA, 2015, p. 35), analisando a habilidade dele de se expressar.

Os professores 1 e 6 utilizaram o termo "desvio" ao analisarem esta resposta, conforme podemos constatar a seguir: "Brasileiro, por apresentar desvio apenas de pontuação (além de aproximar a escrita da fala)" (resposta 1, professor 1); "Há desvios. A substituição de 'cujo nome' por 'que o nome'; pontuação e emprego de letra maiúscula." (resposta 2, professor 6). Percebemos, assim, que os professores observaram uma proximidade com a fala na escrita deste aluno, havendo a substituição de elementos que seriam mais adequados na escrita por elementos mais utilizados na fala. É observado que a visão de desvio adotada pelos professores é a de desvio por simplificação, segundo a qual o falante, ao se comunicar, está mais preocupado com o que vai exprimir do que com as questões gramaticais (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25).

Essa proximidade com a fala também é vista pelos professores 10 e 13:

Brasileiro. Linguagem muito próxima à língua falada no Brasil: que o nome dele é léo. Existe também a falta de concordância não empregada por brasileiros: eu e ele conversa." (resposta 1, professor 10);

"Brasileiro. Primeiro porque a construção da relativa com "que" + "dele" é típica da fala de quem adquiriu uma variedade do português como L1 em que não se usa o pron. relativo "cujo". Segundo porque a falta de flexão verbal no processo de concordância entre sujeito e verbo é típica de uma variedade do português associada à fala de um brasileiro que não consolidou sua escolarização. (resposta 1, professor 13)

Observa-se que essa proximidade com a fala é uma ocorrência bastante comum na escrita de um falante de português como L1, havendo um certo estigma, não necessariamente negativo, deste aluno que não realiza a concordância entre o sujeito e o verbo. Estas ocorrências, como observado pelo professor 13, são ocorrências comuns que podem aparecer em textos de brasileiros que possuem uma escolaridade baixa. Somente o professor 1 relatou um certo prejuízo na compreensão deste texto quando relatou: "Há falta de pontuação, prejudicando a coesão do trecho" (resposta 2).

Por fim, o professor 4 utilizou o termo "deslize" ao realizar a sua análise, quando relatou: "Brasileiro. Comete deslizes gramaticais, mas segue uma ordem." (resposta 1). Percebemos que esse professor reconheceu uma ordem sintática no texto do aluno, mas as ocorrências não chamaram tanta atenção, diferente do que vimos com alguns professores anteriormente.

Quadro 5-Resumo P2-R1

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Brasileiro	Desvio
Professor 2	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Brasileiro	Erros, Incorreto
Professor 4	Brasileiro	Deslize
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Brasileiro	Desvio
Professor 7	Brasileiro	Equívoco, inadequado, erro
Professor 8	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências

Professor 9	Brasileiro	Erro
Professor 10	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 11	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 12	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 13	Brasileiro	Diferença

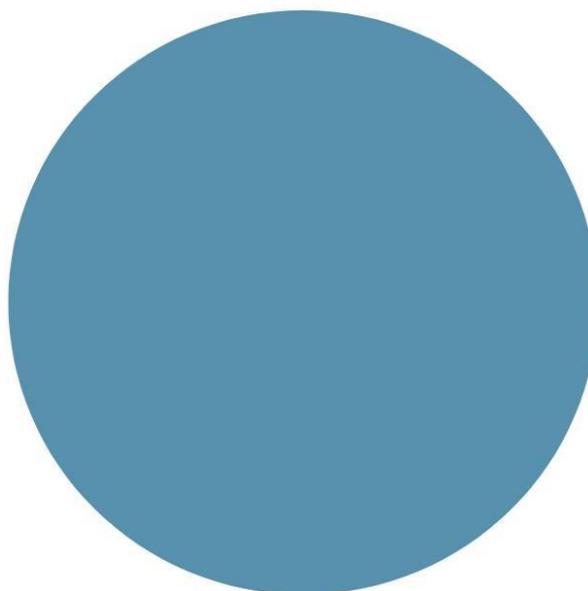
Fonte: Material das autoras (2023)

Resposta 2:

"EU falar minha irmas sobre assuntos da minha familia"

Gráfico 9-Qual foi a percepção dos professores (P2-R2)

Qual foi a percepção dos professores?



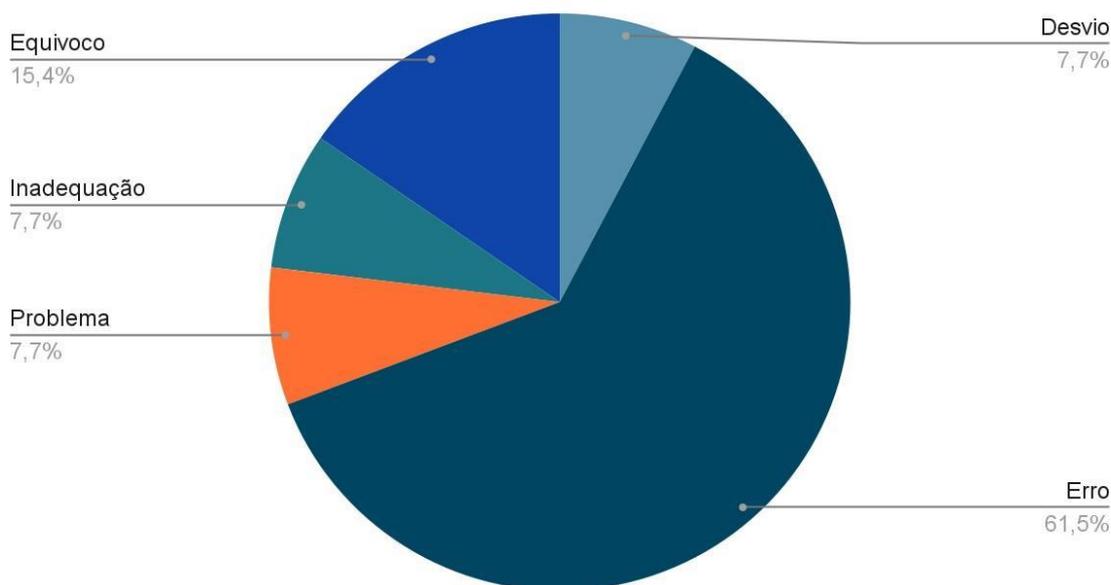
Fonte: Material das autoras (2023)

Na resposta 2 da segunda pergunta, todos os professores acreditaram se tratar de um aluno estrangeiro, conforme visto no gráfico acima. Ao analisarem essa resposta, houve novamente a

maior utilização do termo "erro"; os outros termos foram empregados na avaliação de modo mais equilibrado, conforme visto no gráfico a seguir.

Gráfico 10-Pergunta 2-Resposta 2

Pergunta 2- Resposta 2



Fonte: Material das autoras (2023)

Os professores 3, 9, 12 e 13 utilizaram o termo "erro" ao analisarem a resposta do aluno, explicando ainda que:

"Erro comum de falantes de inglês." (resposta 1, professor 3)

"[...] erros são característicos de pessoas que não dominam o idioma." (resposta 1, professor 9)

"[...] erros comuns praticados por estrangeiros que estão aprendendo português." (resposta 1, professor 12)

"Nesse caso, pode-se considerar "erro" a construção "EU falar minha irmas" ("Eu falo com minhas irmãs")." (resposta 2, professor 13)

Percebemos aqui que, segundo os professores, o aluno cometeu os chamados “erros intralinguais” (FIGUEIREDO, 2023, p.87), resultantes da aprendizagem do português, os quais não refletem a influência da L1 do aluno. Dentro dos “erros intralinguais,” há o "erro único" (FIGUEIREDO, 2023, p. 95), observado pelos professores, pois resultam de hipóteses em relação

à língua-alvo. Figueiredo (2023) considera que esses erros são cometidos unicamente por aprendizes de uma L2, que não são ocasionados pela interferência da L1 do indivíduo. As justificativas dadas pelos professores são os chamados de "erros ocasionados por omissão", como visto nas respostas dos professores a seguir:

"Capitalização, conjugação verbal e acentuação." (resposta 2, professor 3)

"[...] conjugação, pontuação, concordância" (resposta 2, professor 9)

"Essa frase foi produzida por um estrangeiro devido aos erros de concordância, falta de conectivos e conjugação verbal realizadas de maneiras equivocadas" (resposta 1, professor 12)

"[...] erros de concordância, falta de conectivos e conjugações verbais realizadas de forma equivocada." (resposta 2, professor 12)

"Estrangeiro, porque a sentença é agramatical. Nenhum falante nativo do português constrói uma oração com sujeito + verbo no infinitivo, por exemplo, ou omite uma preposição que é obrigatoriamente exigida (como em "falar com", sendo que essa preposição consta da pergunta). Outro caso relevante é a omissão do {-s} de plural no possessivo "minha" e manutenção da marca de flexão no substantivo que o acompanha: considerando o uso de uma variedade não padrão, um falante de português como L1 falaria (ou escreveria) "minhas irmã", e não o contrário." (resposta 1, professor 13)

"[...]A falta do til em "irmas" indicando nasalização da vogal na escrita, bem como do acento agudo em "familia" são equívocos de domínio do sistema ortográfico, os quais podem ser encontrados também em textos de brasileiros em fase inicial da escrita. Portanto, os exemplos associados à ortografia não são "erros", por não serem casos de "agramaticalidade"." (resposta 2, professor 13)

Além do termo "erro", os professores 12 e 13 lançaram mão do termo "equívoco" para relatar as ocorrências de nível gramatical (professor 12) e ortográficos (professor 13). O professor 13 vai além ao explicar que "os exemplos associados à ortografia não são "erros", por não serem casos de "agramaticalidade"", isso mostra que o erro, na visão deste professor, é voltado para questões mais gramaticais, que podem dificultar a comunicação do falante na L2.

O professor 7 utilizou o termo "problema" quando analisou a resposta do aluno, justificando que "não é simplesmente uma questão de variação linguística, mas vemos problemas estruturais: falta de conjugação do verbo "falar", por exemplo." (resposta 1). Uma análise parecida, porém, com a utilização do termo "inadequação" foi realizada pelo professor 5, que relatou acreditar ser um estrangeiro, "pois parece não conhecer muito ainda a estrutura da língua portuguesa, não flexionando verbos e conjunções." (resposta 1) e ainda que "As inadequações são a falta de flexão no verbo, a falta de conjunção e pontuação." (resposta 2). Percebemos que esses dois termos estão sempre sendo utilizados de forma similar para descrever a competência

linguística do aluno, o que é visto por Batista (2019), quando este reflete que não há "erro", mas sim o uso inadequado do estilo mais monitorado, ou menos monitorado da língua, conforme a situação de comunicação.

O professor 1 utilizou o termo "desvio" na sua análise, relatando que "Há um desvio no uso de preposições- que, nesse caso, requer-se um esforço maior de um possível interlocutor; apesar disso, o trecho é coerente" (resposta 2). O desvio analisado por este professor, é o causado por simplificação (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25). Neste tipo de desvio, podemos observar a omissão de "algumas palavras, preposições, bem como marcadores de plural, etc." (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25), o que é apresentado pelo professor também quando responde à pergunta 1: "[...] pelo desuso de preposições na regência de ‘falar com’".

Quadro 6-Resumo P2-R2

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Desvio
Professor 2	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Estrangeiro	Erro
Professor 4	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 7	Estrangeiro	Problemas
Professor 8	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 9	Estrangeiro	Erro
Professor 10	Estrangeiro	Concorda que há um "erro
Professor 11	Estrangeiro	Concorda que há um "erro
Professor 12	Estrangeiro	Erro, equívoco
Professor 13	Estrangeiro	Equívoco

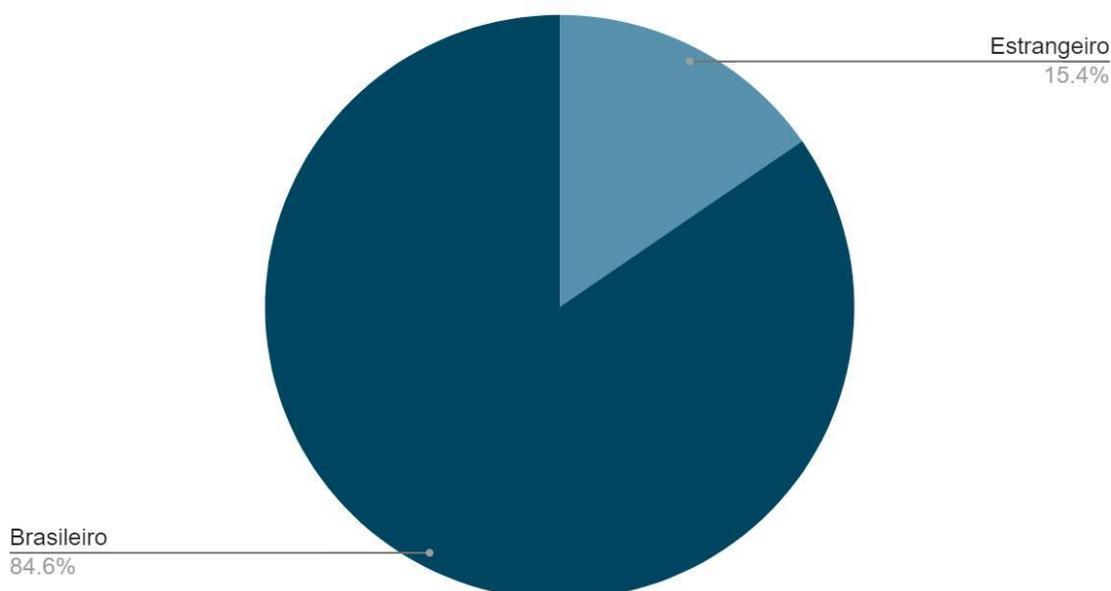
Fonte: Material das autoras (2023)

Resposta 3:

"Converso mais com a minha melhor amiga que se chama Júlia. Nós conversamos muitas coisas, sobre o futuro, sobre as tarefas de casa, sobre nossas famílias. qualquer coisa que acontecer no dia nós compartilhamos, principalmente o assunto que nos não paramos de falar é sobre os namorados nossos que dão trabalhos."

Gráfico 11- Qual foi a percepção dos professores? (P2-R3)

Qual foi a percepção dos professores?

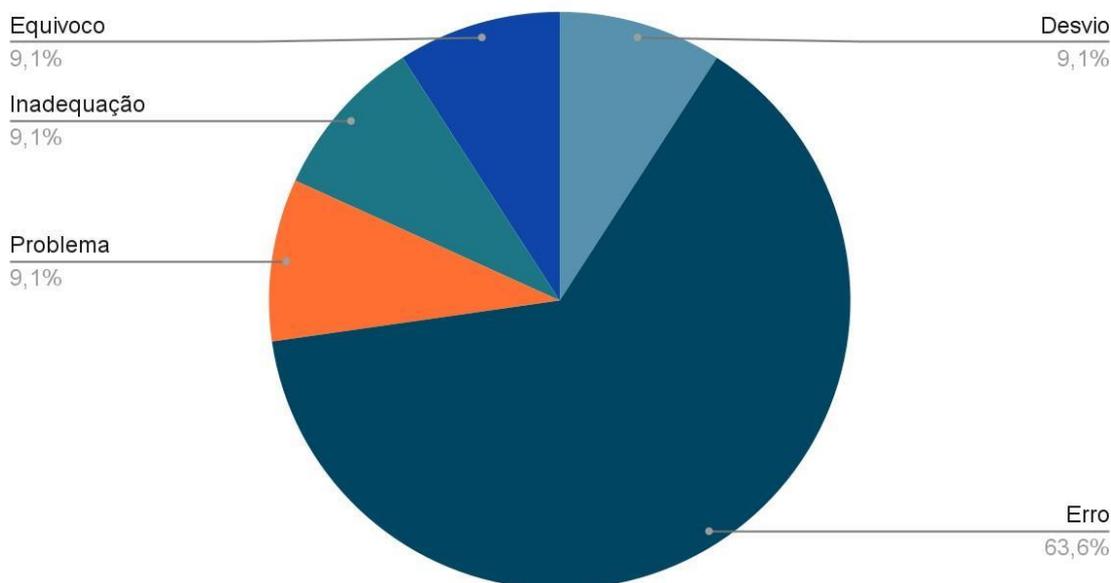


Fonte: Material das autoras (2023)

Na última resposta da segunda pergunta, percebemos que a maioria dos professores acreditou ser um texto de um aluno brasileiro e, ao analisarem, utilizaram, em sua maioria, o termo "erro", seguido dos termos "equivoco", "inadequação", "desvio" e "problema", conforme visto no gráfico a seguir:

Gráfico 12-Pergunta 2-Resposta 3

Pergunta 2- Resposta 3



Fonte: Material das autoras (2023)

Os professores 2, 3 e 4 utilizaram o termo "erro" ao justificarem o porquê de acreditarem se tratar de um brasileiro, como é visto a seguir:

"Erro de pontuação." (resposta 2, professor 2)

"Erros mais refinados." (resposta 1, professor 3)

"Mais brasileiro... mais fluente, embora com erros." (resposta 1, professor 4)

As respostas dadas por esses professores nos fizeram refletir sobre o que seriam erros mais "refinados" ou o que significa ser mais "fluente" na língua; seriam estes "erros entendidos e aceitáveis pelos falantes nativos" (FIGUEIREDO, 2023, p. 109)? Visto que ao apresentarem quais foram as ocorrências que havia no texto do aluno, os professores apresentaram além da pontuação (professor 2), "Pontuação e concordância." (resposta 2, professor 4) e "Espaçamento, uso incorreto de preposições, capitalização, acentuação, plural/singular." (resposta 2, professor 3). Seriam esses "erros" considerados por Figueiredo (2023, p. 110) "erros que pouco afetam a comunicação"? Este tipo de "erro" integra o grupo daqueles que afetam alguns elementos em uma sentença, nesse caso pontuação e concordância, porém eles não comprometem a significação da mensagem a ser expressa pelo aluno.

O professor 3, na sua segunda resposta, além do termo "erro", utilizou o termo "incorreto" para se referir às ocorrências mais gramaticais da sua análise. Uma análise muito similar à feita pelo professor 5, porém este utilizou o termo "inadequação" na sua resposta ao apresentar que "são inadequações geralmente cometidas por falantes de língua materna quando estão em processo de aprendizado de escrita: ortografia e pontuação." (resposta 2). Isto é algo observado por Vida (2015, p. 35) quando ele propõe que a adequação linguística está muito ligada à competência sociolinguística, que trata do conhecimento que o falante possui sobre as regras envolvidas na utilização da língua, assim como a habilidade que ele tem de expressar e compreender enunciados de um modo adequado em relação a fatores sociais e culturais do contexto de comunicação. O professor 5 ainda afirma se tratar de um brasileiro, pois "conhece a estrutura da língua, flexionando verbos e usando os pronomes pessoais retos de forma adequada". Também utiliza elipse no trecho "nós conversamos muitas coisas", processo comum usado por falantes nativos." (resposta 1).

Outro professor que utilizou o termo "inadequação" foi o professor 7, quando relatou que:

Em "sobre das tarefas", a preposição "de" deveria ser retirada (sobre as tarefas); em "os namorados nossos" há uma inadequação na ordem do pronome em relação ao substantivo (os nossos namorados). Há também a falta de acento em "assunto que nos" (nós) e do til em "nao". Por fim, em "dão trabalhos", "trabalho" deveria estar no singular. (resposta 2)

Percebe-se que este professor utiliza o termo para se referir a ocorrências de natureza gramatical, algo observado anteriormente, porém considerando se tratar de um aluno estrangeiro, porque "ele comete equívocos que não são comuns para brasileiros, como ordem do pronome e do substantivo." (resposta 1), fato que não foi notado pelos professores que acreditaram se tratar de um aluno brasileiro. Além disso, o professor 7, ao responder esta primeira pergunta, lançou mão do termo "equivoco", também utilizado por outro professor que analisou a resposta como sendo de um aluno estrangeiro. O professor 13 realizou uma análise muito semelhante à do professor 7, relatando acreditar ser um estrangeiro, em razão

não só da sequência das preposições "sobre" e "de", que um brasileiro não combinaria ("conversamos...sobre das tarefas"), como também do emprego equivocado da expressão idiomática "dar trabalho" com flexão do substantivo e posposição do possessivo ("os namorados nossos que dão trabalhos"). (resposta 1)

O professor 13 ainda utiliza o termo "problema" para explicar o porquê de não considerar como "erro" as ocorrências observadas no texto do aluno, quando diz:

Como se mencionou na resposta anterior, podem ser considerados "erros" que um estrangeiro comete os casos observados em "conversamos...sobre das tarefas"; "dão trabalhos". Não considero "erro" a posposição do possessivo em "namorados nossos", mas uma construção pouco usual. Outros problemas verificados na Resposta 3 (e que também podem ser encontrados em textos escritos por brasileiros), os quais considero dificuldades, e não "erros" [...] (resposta 2)

Nota-se que este professor observou ocorrências que poderiam ser chamadas de "erros", os que são classificados como "erros intralinguais", ou seja, "erros que um estrangeiro comete". Por outro lado, ela não considera como "erro" as ocorrências que poderiam ser cometidas tanto por um aluno estrangeiro quanto por um aluno brasileiro, chamando assim de "problema", ou até mesmo de "dificuldade", como é utilizado também pelo professor 13. Vemos que este último não afeta o entendimento do contexto descrito pelo aluno, diferente do primeiro, que pode até tornar a sentença "agramatical".

Por fim, o professor 1 utilizou o termo "desvio" em sua análise. Ele explicou a presença de "desvios de pontuação que não comprometem o entendimento do texto" (resposta 2); essa ocorrência descrita pelo professor se aproxima da fala, dessa forma acreditando se tratar de um aluno brasileiro, conforme visto na resposta 1: "Brasileiro, por não mobilizar pontuação e aproximar o texto escrito da fala.". Essa proximidade com a língua falada também é observada pelo professor 10, quando ele relata que "A construção sintática das frases, usada oralmente (uso de oração iniciada com que)." (resposta 1). Apesar de o professor 10 não lançar mão de nenhum termo específico, ele seguiu a mesma linha de análise do professor 1, mostrando que o chamado "desvio por simplificação" não atrapalha o entendimento do ouvinte, visto que o falante, ao se comunicar, está mais preocupado com o que vai exprimir do que com as questões gramaticais (FIGUEIREDO, 2023, p. 24-25).

Quadro 7-Resumo P2-R3

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Brasileiro	Desvio
Professor 2	Brasileiro	Erro

Professor 3	Brasileiro	Erro, incorreto
Professor 4	Brasileiro	“Erro”
Professor 5	Brasileiro	Inadequado
Professor 6	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 7	Estrangeiro	Equívoco, inadequado
Professor 8	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 9	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 10	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 11	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 12	Brasileiro	Concorda que há um "erro"
Professor 13	Estrangeiro	Equívoco, problema

Fonte: Material das autoras (2023)

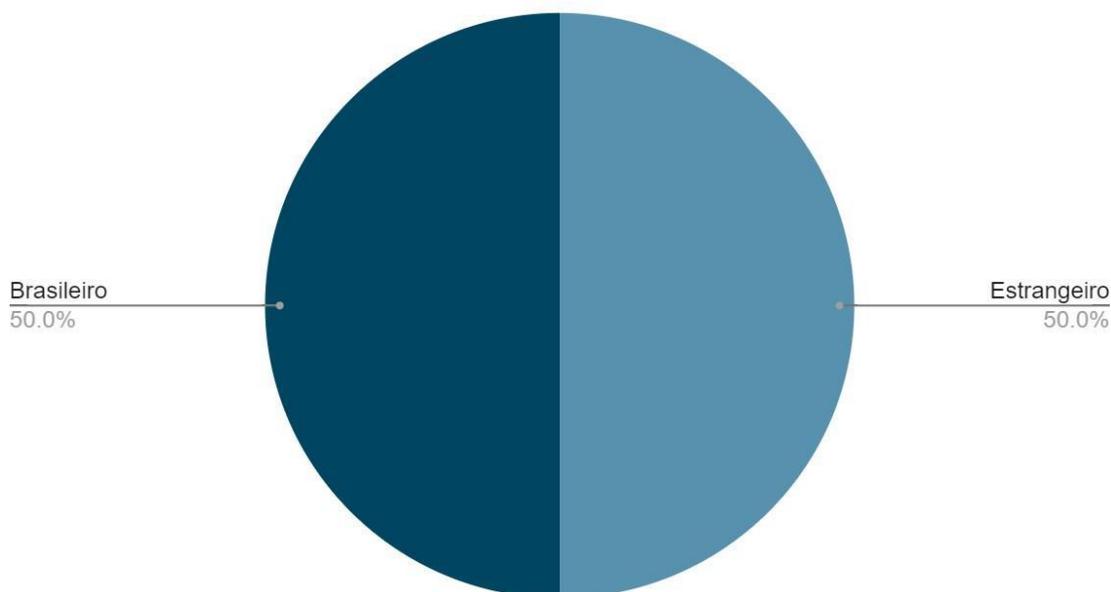
4.3 PERGUNTA 3: "COMENTE SOBRE SUAS PREFERÊNCIAS (HOBBIES, COMIDAS, LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, ALGO QUE GOSTARIA DE APRENDER, DESEJOS PARA O FUTURO, PESSOA FAMOSA QUE VOCÊ ADMIRA OU ALGO DE SEU PAÍS DE QUE VOCÊ SE ORGULHE)"

Resposta 1:

"Ah eu gosto de fazer natação eu até fazia mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Belgica ficar um tempo com a meha prima que mora la e em relação meus pais nós ser dar muito bem sempre nós conversa e sai juntos"

Gráfico 13-Qual a percepção dos professores? (P3-R1)

Qual foi a percepção dos professores?

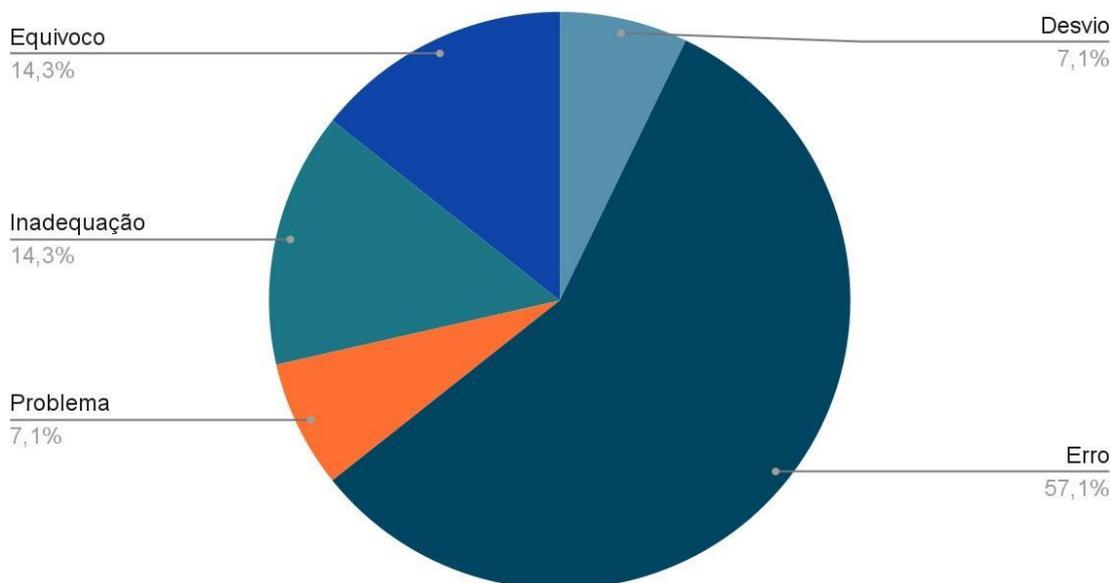


Fonte: Material das autoras (2023)

Como podemos ver, ao analisarem a primeira resposta da última pergunta, metade dos professores acreditaram se tratar de um aluno brasileiro e metade acreditou se tratar de um aluno estrangeiro. Junto a isso, podemos ver, no gráfico abaixo, que mesmo ainda havendo muitas ocorrências do termo "erro", também houve um número maior de emprego dos termos "equivoco" e "inadequação", seguido dos termos "desvio" e "problema". Como podemos ver abaixo:

Gráfico 14-Pergunta 3-Resposta 1

Pergunta 3- Resposta 1



Fonte: Material das autoras (2023)

O professor 3 utilizou o termo "erro", relatando que as ocorrências que observou eram "erros comuns cometidos por brasileiros." (resposta 1). Ao detalhar sua análise, ele destacou a "Pontuação, acentuação, ortografia, concordância verbal e nominal." (resposta 2). O professor 8 também seguiu em uma análise parecida com a do professor 3, avaliando que o aluno "Cometeu alguns erros gramaticais, comuns na linguagem falada." (resposta 2), justificando ainda que acreditava ser um brasileiro, pois "Sabe estruturar uma frase." (resposta 1). Percebemos que esses dois professores analisaram o texto do aluno com um olhar mais voltado para a gramática normativa; entretanto, como comentado por Monteiro (2016 [1999]), aquilo que é condenado no uso da língua são variantes estigmatizadas ou construções menos frequentes, porém possíveis de serem construídas. Muitas vezes, quando analisadas sob a perspectiva da norma culta da língua, essas construções são interpretadas como transgressões a uma regra gramatical, mas na realidade, elas representam apenas o empréstimo de outra norma.

Já o professor 7 relatou acreditar se tratar de um brasileiro "Porque novamente há erros de coesão e as demais 'inadequações' parecem ser de ordem da variante linguística do aprendiz." (resposta 1). Percebe-se que este professor utilizou o termo "erro" somente para as questões

voltadas à gramática, como "erros de coesão"; porém, quando ele avaliou as ocorrências de outras ordens, ele as caracterizou como "inadequações". Isso mostra que o professor identificou uma possível escolha do falante de uma determinada variedade em uma situação comunicativa, ou seja, o teor da mensagem, a identidade do interlocutor, as condições do ambiente etc. (VIDA, 2015, p. 29). Junto a isso percebemos uma certa estigmatização deste aluno por parte do professor 7 quando ele relata que "Além disso, a confusão entre "dar" ser infinitivo ou presente do Indicativo é algo que ocorre na fala de brasileiros com baixa escolaridade." (resposta 1).

Outro participante deste estudo que lançou mão do termo "inadequação" foi o professor 5, porém ele acreditou se tratar de um aluno estrangeiro, justificando a sua resposta com os seguintes argumentos: "pois não faz a concordância entre pronome e verbo, parecendo não compreender muito bem ainda a estrutura da língua." (resposta 1) e "As inadequações são: concordância, pontuação, acentuação, ortografia (meha), regência." (resposta 2). Aqui percebemos que o professor analisou o texto do aluno também com uma certa estigmatização, porém voltada para um aluno estrangeiro, diferente do professor 7. Junto a isso, as ocorrências mencionadas pelo professor 5 parecem levar a crer que houve um uso inadequado do estilo mais monitorado da língua (BATISTA, 2019), não sendo relatadas como "erro" e nem como outro termo já apresentado.

Por fim, o último professor que utilizou o termo "erro" foi o professor 13, este professor também acreditou se tratar de um aluno estrangeiro. Ao justificar essa análise, o professor relatou que

Há erros típicos de um estrangeiro ("meha prima" e "nós ser dar) e "equivocos" que brasileiros também cometem, como a falta de flexão de verbos ("sempre nós conversa e sai juntos"), a ausência de acento gráfico ("la") e de sinais de pontuação na escrita para indicar as pausas da fala ("Ah eu gosto de fazer natação eu até fazia mas parei..."), e ainda o emprego excessivo da conjunção "e" para ligar as orações, tal qual acontece na fala ("mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Belgica ficar um tempo com a meha prima que mora la e em relação..."). (resposta 2)

Percebe-se que este professor começou a sua análise para a resposta 2 percebendo que havia a presença dos chamados "erros intralinguais", mais precisamente dos "erros únicos". Estes são os "erros" que são cometidos unicamente por aprendizes de uma L2, sem serem ocasionados pela interferência da L1 do aluno (FIGUEIREDO, 2023, p. 95). Este professor também utilizou o termo "equivocos" para fazer referências às ocorrências que também podem ser cometidas pelos alunos brasileiros, algo também observado pelo professor 1, quando analisa ser um aluno estrangeiro "pela

construção equivocada do som nasal [ñ]. Além disso, a troca de "se" por "ser" é considerável - brasileiros dificilmente fariam essa troca por conta do som glotal [r]" (resposta 1). O professor 13 ainda lança mão do termo "problema" na sua análise, quando justifica ser um texto de um aluno estrangeiro, "devido à grafia "estranha" do possessivo "meha" (em "meha prima") e aos problemas de morfossintaxe, decorrentes da falta da preposição "a" ("em relação meus pais) e da confusão entre "ser" e "se" ("nós ser dar muito bem sempre)." (resposta 1).

Por fim, o professor 6 lançou mão do termo "desvio" quando descreveu as ocorrências que encontrou no texto do aluno. Ele relatou que "Há desvios de pontuação, ortografia, acentuação gráfica, flexão verbal..." (resposta 1), mostrando que ele visualizou os "desvios" que podem ser classificados como "desvios causados por hipercorreção" (FIGUEIREDO, 2023, p. 25). Esse professor ainda declarou que o texto era de um estrangeiro "porque citou a Bélgica e porque o uso do "h" em "meha não é comum." (resposta 1).

Quadro 8-Resumo P3-R1

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Equívoco
Professor 2	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Brasileiro	Erro
Professor 4	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Estrangeiro	Desvio
Professor 7	Brasileiro	Erro, inadequado
Professor 8	Brasileiro	Erro
Professor 9	Brasileiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 10	Estrangeiro	Concorda que há um "erro
Professor 11	Resposta incoerente	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 12	Brasileiro	Concorda que há um "erro

Professor 13	Estrangeiro	Problema, erro, equívoco
--------------	-------------	--------------------------

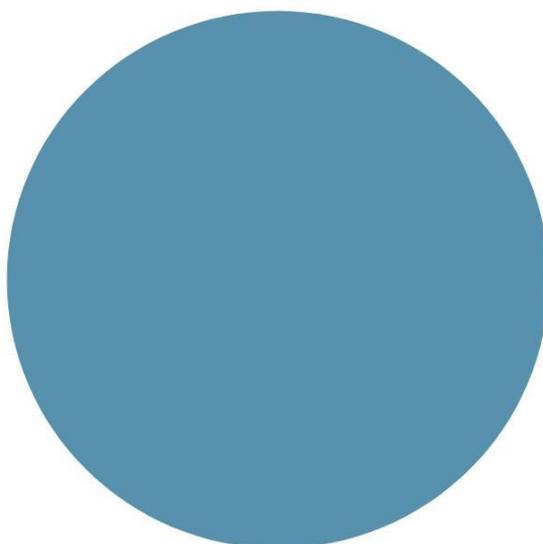
Fonte: Material das autoras (2023)

Resposta 2:

"Meu hobbies é dormir. Minha comida favorita é arroz com cabaia. Meus lembranças da infância são viagens em família para o ano novo. Minha pessoa famosa que admiro é Shakira"

Gráfico 15- Qual foi a percepção dos professores? (P3-R2)

Qual foi a percepção dos professores?

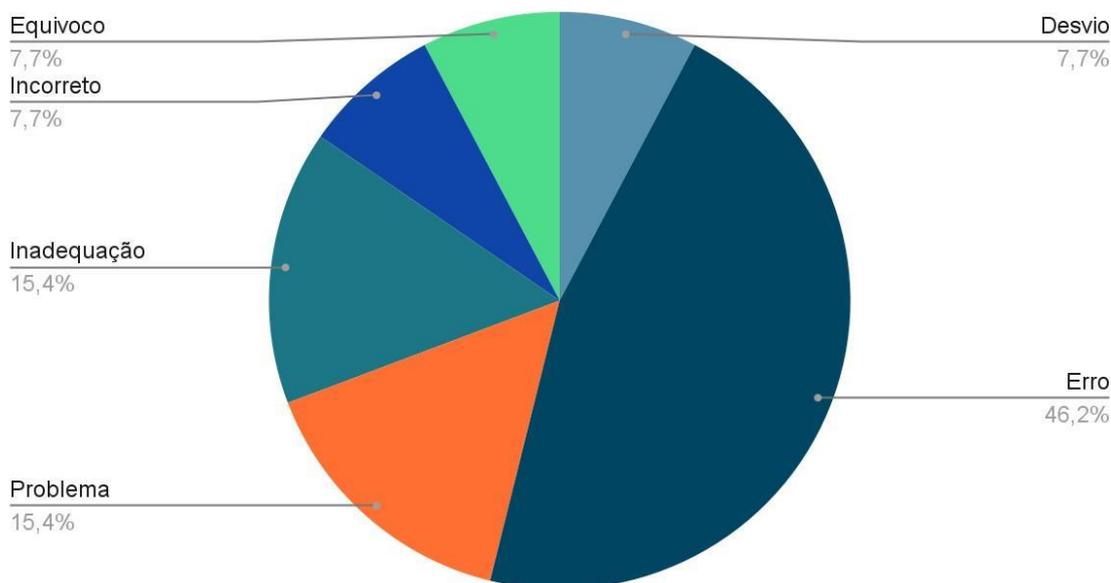


Fonte: Material das autoras (2023)

Na segunda resposta da terceira pergunta todos os professores acreditaram se tratar de um texto de um aluno estrangeiro, como é visto no gráfico acima. Com isso, houve uma utilização maior de diversos termos nas análises, o maior uso continua sendo do termo "erro", seguido dos termos "problema" e "inadequação", como podemos ver adiante no gráfico 16.

Gráfico 16- Pergunta 3-Resposta 2

Pergunta 3- Resposta 2



Fonte: Material das autoras (2023)

O professor 3 utilizou o termo "erro" destacando que são "Erros comuns de estrangeiros aprendendo português." (resposta 1), o que revela que esse professor identificou os chamados "erros intralinguais", mais especificamente os "erros únicos" (FIGUEIREDO, 2023, p. 95). Esses "erros" são aqueles cometidos unicamente por aprendizes de uma L2, nesse caso o português, sem a interferência da L1 do aluno. Quando perguntado sobre quais ocorrências havia no texto, o professor respondeu: "Concordância verbal, ortografia, uso incorreto de vocabulário, gênero, capitalização, espaçamento." (resposta 2). Percebe-se, nesta segunda resposta, que ao se referir às ocorrências presentes no texto, o professor utilizou o termo "incorreto" para questões voltadas ao uso cotidiano da língua.

O professor 7 empregou o termo "erro", porém, ressaltou que "Os erros ortográficos parecem ter influência do espanhol, tanto pela escrita quanto pela pronúncia" (resposta 1), o que pode ser caracterizado como "erros interlinguais" (FIGUEIREDO, 2023, P. 61). Esses tipos de "erro" são os que refletem a interferência da L1 na produção da língua-alvo, sem que isso seja considerado negativo (FIGUEIREDO, 2023, p. 61). Percebemos isso na resposta 2 dada pelo professor ao identificar as ocorrências, como podemos ver a seguir:

A concordância em "meu hobbies é dorme" (meu hobbie é dormir) e também na escrita do verbo. Em "arroz con cobaia", há erro em "con" (com) e também na palavra "cobaia", que parece estar inadequada no contexto. Também em "meus lembranças " o problema é de adequação do gênero do pronome (minhas lembranças). (resposta 2)

Nesta segunda resposta, o professor 7 também lançou mão do termo "problema" para analisar as ocorrências, algo muito parecido com o que foi destacado pelo professor 13, que relatou:

Na oração "Meu hobbies é dorme", é incomum a falta da marca de plural no pronome que acompanha o substantivo flexionado (a não ser que esse estrangeiro não saiba que "hobbies" é plural de "hobby"); além disso, o emprego da forma nominal de infinitivo após o verbo de ligação ("é dormir") é uma construção adquirida espontaneamente por um falante do português como L1. Há erro também em "meus lembranças" pelo uso de um pronome no masculino com um substantivo do gênero gramatical feminino. O ajuste de flexão de gênero é naturalmente adquirido. Problemas relacionados à representação ortográfica da nasal em "arroz *con cobaia" ("com") e ao emprego de minúsculas em início de frase não são "erros", mas dificuldades de domínio da escrita que podem ser encontrados também em textos de crianças brasileiras na fase inicial da escrita. (resposta 2)

O último professor que utilizou o termo "erro" foi o professor 12, que ressaltou os "verbos conjugados de forma errada e pontuação." (resposta 2), mostrando uma análise mais voltada para a norma culta da língua. Entretanto, quando o professor foi justificar o motivo pelo qual acreditava se tratar de um estrangeiro, ele relatou que "Essa frase foi escrita por um estrangeiro, os verbos não se encontram conjugados de forma adequada e a pontuação se encontra de forma equivocada." (resposta 1), lançando mão do termo "equivocado".

Os professores 5 e 6 utilizaram o termo "inadequação" quando foram detalhar as ocorrências de vocabulário, como "Ortografia, concordância e inadequação de vocabulário." (resposta 2, professor 5) e "Pontuação, concordância, flexão verbal, inadequação vocabular, emprego de maiúsculas..." (resposta 2, professor 6). O professor 6 ainda relatou que "[...] o gênero dos pronomes 'meu' e 'minha' é aprendido logo na infância." (resposta 1), mostrando que a construção "meus lembranças" é difícil de ser produzida por um brasileiro, mesmo ainda estando na fase de aquisição da linguagem.

Por fim, o professor 1 empregou o termo "desvio" em sua análise, porém ele o fez por meio de uma comparação entre alunos brasileiros e estrangeiros, como mostrado a seguir: "Estrangeiro,

pela concordância nominal não redundante (traços de gênero e número repetidos nos sintagmas todos). Brasileiros também escrevem com esse desvio de norma culta, mas não com troca do gênero de pronomes." (resposta 1). Constatamos que as respostas dos professores 1 e 6 são similares, mas houve a utilização de termos diferentes para descrever as mesmas ocorrências.

Quadro 9-Resumo P3-R2

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Desvio
Professor 2	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Estrangeiro	Erro, incorreto
Professor 4	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Estrangeiro	Inadequado
Professor 7	Estrangeiro	Erro, problema
Professor 8	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 9	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 10	Estrangeiro	Concorda que há um "erro
Professor 11	Resposta incoerente	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 12	Estrangeiro	Equívoco, erro
Professor 13	Estrangeiro	Erro, problema

Fonte: Material das autoras (2023)

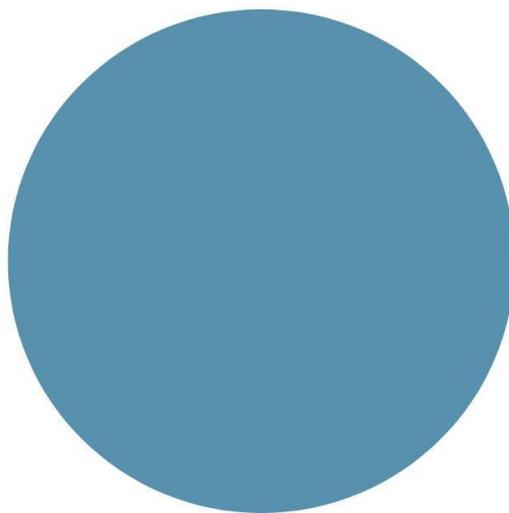
Resposta 3:

"Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes porque quando eu assisto, posso pensar só sobre conteúdos dos trabalhos e muito divertido. Estou assistindo uma telenovela <Glitch> na Netflix. Gosto de cozinhar também, mas eu não posso cozinhar quase toda a comida coreana porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana.

Eu gosto de morar no Brasil porque as pessoas aqui é muito amigáveis, mas é solitário porque é muito longe do meu país."

Gráfico 17-Qual foi a percepção dos professores? (P3-R3)

Qual foi a percepção dos professores?

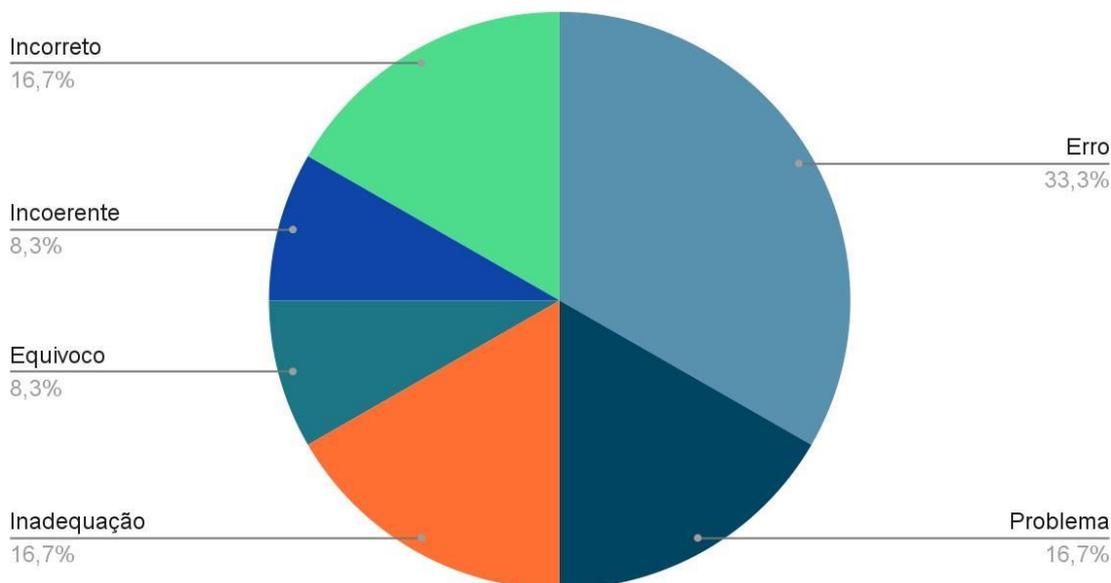


Fonte: Material das autoras (2023)

Na última resposta da última pergunta, notamos também no gráfico anterior que todos os professores acreditaram se tratar de um aluno estrangeiro e, assim como a resposta anterior, houve uma utilização significativa de outros termos nas análises além de “erro”, conforme demonstrado no gráfico 18 a seguir:

Gráfico 18-Pergunta 3-Resposta 3

Pergunta 3- Resposta 3



Fonte: Material das autoras (2023)

O professor 3 utilizou o termo "erro", afirmando serem "Erros comuns cometidos por estrangeiros." (resposta 1) e "[...] erros mais refinados, cometidos por um estudante que já está num nível mais avançado em português, mas falta o traquejo de dizer "novela" no lugar de telenovela, por exemplo." (resposta 2). Esse professor percebeu os chamados "erros intralinguais", mais especificamente os "erros únicos". Entretanto, faltou na análise uma explicação mais clara sobre a concepção desse professor a respeito do que ele denominou como "erros refinados". Seriam esses "erros" os que também podem ser cometidos por brasileiros? Ou "erros" cometidos somente por aprendizes de português em um nível já avançado?

O professor 3 também empregou o termo "incorreto" ao apresentar as ocorrências que ele identificou, como o "Uso incorreto de vocabulário, falta de alguns verbos, concordância verbal, 'muito' em lugar trocado..." (resposta 2). A utilização desse termo também foi encontrada na análise do professor 8, porém ele foi associado a "Uso incorreto de alguns verbos" (resposta 2), sendo empregado de modo menos detalhado se comparado com o professor 3.

Outro participante que utilizou o termo "erro" foi o professor 12, que empregou de maneira muito semelhante à dos professores 3 e 8, conforme observado em: "[...] possuem erros de

conjugação de verbos." (resposta 1). Essas três respostas mostram uma certa fluidez ao utilizar os termos nas análises, principalmente voltadas para uma visão mais normativa da língua.

O professor 1 optou pelo termo "incoerente", como pode ser verificado no "Trecho incoerente 'eu saudade muito'" (resposta 2), o que foi visto também por outros professores. O professor 7 relatou que "as inadequações são em relação à própria estrutura da língua." (resposta 1), deixando evidente que reconhece esta ocorrência como uma "inadequação", tal qual foi visto pelo professor 5, que relatou que "As inadequações são de sintaxe e de acentuação." (resposta 2).

Por fim, o professor 13 utilizou três termos em suas análises: "problema", "equivoco" e "erro", como podemos ver a seguir:

Estrangeiro. Porque há referência específica à comida coreana em uma construção sintática na qual se observam problemas de morfossintaxe muito peculiares: um brasileiro não omitiria verbos que são naturalmente adquiridos, como "ser" e "ter"/"sentir" ("...porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros"; "Eu saudade..."), nem combinaria "muito" seguindo um substantivo, como em "...saudade muito de comida coreana". Essa posição da palavra "muito" é licenciada quando esta segue um verbo (a exemplo de "sinto muito"). Parece que, no contexto em questão, a palavra "saudade" foi empregada com valor verbal ("saudade muito"), o que um brasileiro jamais faria." (resposta 1)

""Erros" de fato são aqueles de natureza gramatical, verificados em construções como as apontadas na resposta anterior: omissão de verbos, como "ser" e "ter" e emprego de "muito" após a palavra "saudade", como se esta fosse um verbo: "...porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana". Além disso, constata-se um "equivoco" muito peculiar quanto à falta de flexão do verbo de ligação em uma estrutura marcada por substantivos e adjetivos no plural: "...porque as pessoas aqui é muito amigáveis" (um brasileiro não construiria espontaneamente uma oração dessa natureza, mesmo que a variedade falada não fosse o padrão). Outro problema verificado na resposta 3, que também poderia ser observado em textos redigidos por brasileiros (mas que não chega a ser um "erro" propriamente, mas uma diferença em relação à norma-padrão) diz respeito, por exemplo, ao emprego do verbo "assistir" (=ver) sem a preposição "a" ("Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes..."; "Estou assistindo uma telenovela..."). (resposta 2)

Percebe-se que o professor utiliza o termo "erro" para se referir às ocorrências de natureza gramatical, destacando a estranheza provocada ao ler a sentença construída pelo aluno. Já os outros termos, "problema" e "equivoco", foram utilizados de maneira similar, podendo, até mesmo, ser trocados de posição. No próximo capítulo, iremos analisar as respostas dadas pelas professoras 12 e 13 sobre as suas respostas, principalmente em relação aos termos que possuem mais proximidade de sentido.

Quadro 10-Resumo P3-R3

Professor	Opinião sobre a nacionalidade	Termo utilizado
Professor 1	Estrangeiro	Incoerente
Professor 2	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 3	Estrangeiro	Erro, incorreto
Professor 4	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 5	Estrangeiro	Inadequado
Professor 6	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 7	Estrangeiro	Inadequado
Professor 8	Estrangeiro	Incorreto
Professor 9	Estrangeiro	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 10	Estrangeiro	Concorda que há um "erro
Professor 11	Resposta incoerente	Não usa termos, só aponta as ocorrências
Professor 12	Estrangeiro	Erro
Professor 13	Estrangeiro	Problema, equívoco, erro

Fonte: Material das autoras (2023)

4.4 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Nesta subseção, iremos analisar as entrevistas realizadas com as professoras 12 e 13, com vistas a tornar mais clara as respostas que forneceram nas análises dos textos. As entrevistas foram conduzidas no formato de entrevistas não estruturadas, para flexibilizar as possíveis respostas das entrevistadas. Detalharemos, primeiramente, as respostas dadas pela professora 12 em sua entrevista; em seguida, as respostas dadas pela professora 13. É importante ressaltar que as professoras não possuem o mesmo tempo de trabalho: a professora 12 é recém-formada e atua em escolas públicas e particulares, ensinando alunos desde o ensino fundamental até adultos. Já a professora 13 atua na rede pública de ensino superior e está perto de seu tempo de aposentadoria, com 38 anos de magistério.

4.4.1 Entrevista com a professora 12

Realizamos a nossa entrevista com a professora 12, que possui a idade entre 20 e 40 anos e trabalha em instituições públicas e privadas, além de dar aulas particulares. Ela atua nos segmentos do ensino fundamental 2, ensino médio e ensino superior há um ano. Esta professora ainda possui experiência no ensino de Português como Língua Estrangeira. Começamos perguntando sobre o que ela achou da pesquisa, e sua resposta foi a seguinte:

3	professora 12	então, responder às perguntas desse formulário me deixou muito inquieta, muito apreensiva porque:: eu fiquei observando os erros né? e dentre desses erros eu comecei a perceber que são erros muito semelhantes e são muito recorrentes. então eu fiquei pensando né? eu parei e ficava um uns dez minutos na mesma questão, parecendo uma aluna né? olhando e falando gente! é um estrangeiro ou não é? né? e eu comecei a ver que os erros estavam muito semelhantes e percebi uma diferença quando é um aluno brasileiro ele comete alguns erros né? bem específicos e o estrangeiro também, que geralmente é:: ele vai ter dificuldade né? com conjugação de verbos, com: as preposições, né? é: com questão de gêneros, se é feminino, se é masculino. então assim, ao mesmo tempo que eu ia respondendo, eu me senti repetindo a mesma resposta, muita das vezes, porque eu via que era os mesmo erros. então assim, eu fiquei aflita porque eu pensei que eu queria que terminasse, eu me sentia repetitiva, eu falei será que era essa a proposta da pesquisa? eu acho que eu estou me repetindo, mas eu não sei, eu me senti dessa forma.
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		

Nota-se que a professora 12, ao analisar os textos às cegas, percebeu a semelhança das ocorrências nos tipos de alunos que participaram da pesquisa, o que a deixou inquieta, devido às similaridades e à impossibilidade de saber certamente a quem pertenciam os textos. Em seguida, perguntamos para a professora 12 como ela definiria o termo "erro" e sua resposta foi a seguinte:

27	professora 12	é: erro é:: no sentido real da palavra eu não usaria assim, com um aluno meu eu não usaria erro né? que aqui a gente tratando como erro é: por questão de uma pesquisa, mas eu falaria como dificuldade né? seria uma dificuldade, porque é: as línguas elas funcionam de maneiras diferentes e com o português é: é do mesmo jeito. em algumas línguas a gente tem a preposição e outras línguas a gente tem conjugação de verbo e outras não, né? como, por exemplo, a libras não tem conjugação de verbos, também não tem, então é uma dificuldade para
28		
29		
30		
31		
32		
33		
34		
35		
36		

37		um surdo aprender português. então, não consideraria um
38		erro, eu consideraria uma barreira uma dificuldade que
39		acontece de língua para língua.

A professora 12 diz não utilizar o termo "erro" com seus alunos, entendendo esse termo mais como uma dificuldade quando o utilizamos no âmbito do ensino de línguas estrangeiras; o que ela reforça nas linhas 29 a 32. Isto também é observado por Scherer (2002), a qual relata afirma que o termo é utilizado para se referir a diferentes tipos de ocorrências, o que, para a autora, é um equívoco quando se trata de aprendizagem de línguas.

Esta professora usou somente os termos "erro" e "equívoco" em suas análises; pedimos, então, que ela definisse esses dois termos. A resposta foi a seguinte:

73	professora 12	é: de sentido assim é:: equivocado, quando eu coloquei
74		equivocado que eu penso que poderia ser é: estruturar de
75		uma melhor forma né? equivocado não do sentido de errado
76		mas de que essa resposta poderia ser estruturada de uma
77		melhor forma gramaticalmente, estruturado de uma melhor
78		maneira e não que estivesse errado, mas que poderia ser
79		mais adequado o tipo de resposta

Verificamos que a professora utiliza o termo "equivocado" como sinônimo de "inadequado" ou do que "poderia ser mais adequado" (linhas 73 a 79). Houve uso parecido desses termos em muitas das análises que foram feitas pelos outros professores também, tendo sido muito difícil achar embasamento teórico a respeito, pois até quando tentavam defini-los, os teóricos os usavam como sinônimos.

Em seguida, perguntamos se havia uma diferença entre os termos "adequado", pois ela utilizou em sua fala o "mais adequado" (linha 79), e o termo "erro". A professora 12 respondeu:

84	professora 12	sim:, na verdade, tem o mais adequado, tem o certo, e
85		tem o errado, né? o mais adequado seria uma expressão
86		que ela pode ser utilizada né? falar ah: tá certo, né?
87		de acordo com a gramática está certo, mas o mais
88		adequando, o mais usual né? em exemplos assim eu costumo
89		é: utilizar muito o que a gente fala e o que a gente
90		escreve né? é mais adequado o que a gente é: o que a
91		gente usa no dia a dia, às vezes o que a gente usa no
92		dia a dia não é o que a gente escreve. né? então às
93		vezes o mais adequado pra gramática seria de um jeito,
94		mais adequado pra fala seria de outro. então às vezes
95		eu falo olha você até pode utilizar tal palavra, mas o

96 97 98		mais adequado aqui no Brasil, caso você venha para o Brasil, vai ser esse. se você usar o termo da gramática, ai eu até brinco, você vai ser zoad
99		(risos)
100	professora 12	né? então [nesse]=
101	entrevistadora	[sim]
102 103 104 105 106 107 108	professora 12	=sentido. então o mais adequado para que ele não passe um constrangimento. mas eu falo há uma grande diferença da gramática e o que a gente usa no dia a dia. ai eu uso os dois né? ai eu falo não está errado (.) está certo, mas eu dou uma sugestão de adequação ali e falo, olha vai ficar mais legal se você falar dessa forma né? ai fica melhor

A professora 12 declarou que procura hierarquizar as ocorrências na análise dos textos de seus alunos, "o mais adequado, tem o certo, e tem o errado" (linhas 84 e 85). Percebe-se aqui uma diferenciação feita pela professora entre a língua como norma e a língua em uso. Para ela "o mais adequado", está gramaticalmente certo (linhas 85 a 94). Nas linhas 103 a 108, podemos perceber um olhar de ensino de português, principalmente no ensino de PLE, que visa mais a língua em uso do que a língua como norma, quando a professora diz: "mas eu falo há uma grande diferença na gramática e o que a gente usa no dia a dia" (linhas 103 a 104).

Observando essa resposta dada pela professora 12, perguntamos se ela não usa o termo "erro" com os seus alunos, mas sim "adequado" e "inadequado". Sua resposta foi o seguinte:

111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127	professora 12	isso:: geralmente eu falo, olha isso aqui eu acho que você pode melhorar. porque eu acho que quando você fala erro, você desmotiva o seu aluno a aprender. você fala tá errado, né? eu já passei muito por isso é na minha graduação nas aulas de línguas estrangeiras. ah: tá errado, você fez errado e eu me sentia desmotivada a aprender tanto que eu fui reprovada em uma matéria. né?? então como aluna eu me senti muito desmotivada e eu me coloco muito no lugar deles, sempre. então, assim, não que eu não use. às vezes eu posso até usar, mas eu me policio muito para tentar não usar. por que? senão se eu falo tá errado tá errado tá errado eu acabo desmotivando ele e ele não vai querer aprender. né? então eu falo, olha vou te dar uma sugestão o que você falou não está muito adequado, mas: vou te dar uma sugestão de como melhorar isso, pode ser? então não é: é: o que você diz pro outro, é como você diz, porque às vezes o como
---	---------------	---

128		você diz vai estimular o seu aluno é: a continuar, né? porque às vezes você fala que está errado você vai falar nossa eu não sei falar português, não sei falar esse idioma, vou desistir. então eu levo o meu aluno a desistência ao invés de leva ele a persistência.
129		
130		
131		
132		

Nota-se que a professora acredita que o termo "erro" possui um grande impacto no aluno, chegando até a desmotivá-lo (linhas 112 e 113). A professora relatou a sua própria experiência como aluna em sua aprendizagem de LE (linhas 113 a 119), mostrando o impacto que o termo "erro" pode ter na vida dos estudantes. Essa experiência se refletiu na sua forma de ensinar, visto que ela pode até usar o termo ao constatá-lo na escrita dos alunos, porém com certo policiamento (linhas 119 a 123).

Ao começarmos a rever algumas das análises realizadas pela professora, fomos revelando para ela qual era a nacionalidade dos alunos. Começamos com o primeiro texto da primeira pergunta. Nesta primeira análise, a professora acreditou ser a resposta de um aluno estrangeiro, embora fosse de um aluno brasileiro. Quando perguntamos se ela faria outra avaliação da escrita, uma vez sabendo a nacionalidade do aluno, a professora respondeu:

148	professora 12	bom, na verdade (tosse) (.) é: porque de noite, esse ir dormir aqui confundiu a minha cabeça, porque geralmente é: é: é um é: uma dificuldade que eu vejo muito grande nos estrangeiros, né? dessa conjugação de: como eu vou usar esse verbo, em que momento eu vou usar esses verbos.
149		
150		
151		
152		

Constatamos nas linhas 149 a 151 os primeiros indícios do que alguns professores chamaram de "erros comuns de estrangeiro", quando a professora informa que observa essas ocorrências nas suas turmas de português como língua estrangeira. Isso é verificado também quando a professora relata:

154	professora 12	isso: então isso não não é muito comum é: em em redações produções escritas de: de: brasileiros. então eu acho qu- isso:: acho que isso me confundiu é uma é:: uma dificuldade que um brasileiro né? tá tendo em relação a uma coisa que um estrangeiro teria. então eu achei realmente que era e tenho tenho as questões das preposições né? que não tão: é: adequadas né? é:: tem é: essa questão do pra mim ir para a escola, nesse caso é
155		
156		
157		
158		
159		
160		
161		

162		pra eu ir né? para a escola, né? essa essa dificuldade
163		aí eu acho que: não sei as inadequações continuam as
164		mesmas, mas me surpreende muito ser um brasileiro. eu tô
165		ate com medo de ter errado tudo.

Aqui a professora apresentou outras questões que a fizeram acreditar ser um estrangeiro, como as preposições. Apesar de ela se surpreender com o fato de a resposta ser de um aluno brasileiro, ela acredita que as ocorrências, que ela chama de "dificuldade" (linha 162) e "inadequações" (linha 163), continuam as mesmas.

No segundo texto da primeira pergunta, a professora 12 acreditou se tratar de um brasileiro, porém mostramos a ela que o texto tinha sido produzido por um aluno estrangeiro hispano-falante. A resposta da professora foi a seguinte:

176	professora 12	isso explica muita coisa, porque, por exemplo, tomo banho
177		e me arrumo né? e tomo água, exatamente assim, nessa
178		construção é:: provavelmente, de acordo com a
179		experiência que eu já tenho, eu vejo muitos brasileiros,
180		né? tendo isso, mas de acordo com a minha experiência
181		né? é:: com com alunos falantes de espanhol, eu vejo que
182		muitos deles tem facilidade com conjugação dos verbos
183		por serem semelhantes né? aos deles. assim, por ser um
184		hispano-falante, nesse caso aqui, explica muito bem como
185		ele estruturou e porque que eu fiz essa confusão. porque
186		você tá dizendo que é um hispano-falante e é parecido.
187		então por ser parecido é mais fácil pro hispano-falante

Notamos que a professora se confundiu devido à proximidade dos idiomas, português e espanhol, o que pode ter auxiliado na aprendizagem do aluno ao estudar português. A professora relata que, na sua experiência, tanto de professora de PLM quanto de PLE, ela já observou as construções analisadas por ela ao responder o formulário.

A professora 12, ao analisar o primeiro texto da segunda pergunta e outros textos que considerou serem de brasileiros, focalizou a falta de acentuação. Perguntamos se a professora acreditava que essas ocorrências eram vistas com um "equivoco" cometido por brasileiros, ao que ela respondeu:

254	professora 12	isso: uhum e é muito grande isso, né? eu como professora
255		de português brasileiro também vejo muito isso, porque
256		alunos do primeiro ano aqui no brasil não estão sabendo
257		é:: acentuação e eu tô tendo que enfrentar um momento

258 259 260 261 262		que eu estou tendo que voltar em matéria do quinto ano, sobre regras de acentuação para que eles conseguirem acentuar as palavras. então assim, é: dentre o nativo e o não nativo, vamos tratar assim, é:: é uma dificuldade tanta de nativos quanto de não nativos.
263	entrevistadora	sim
264 265 266 267 268 269 270 271 272	professora 12	posso ver muito bem pela crase, né? é uma dificuldade muito grande, é um acento grave é uma acentuação e muitos de nós que somos nativos não sabemos. então, o que dizer do meu aluno estrangeiro que não sabe sendo que nós que somos falantes dessa língua, nós que somos é:: a gente nasceu aqui, nós temos propriedade para falar da nossa língua, que ela veio, né? com a gente, digamos assim, entre aspas, ela veio com a gente entre aspas. e a gente não consegue
273	entrevistadora	sim
274 275	professora 12	quem dirá é: esse aluno que está vindo de uma outra cultura (tosse) de um outro país. perdão (tosse)

Com essa fala da professora 12, percebemos que há uma semelhança quanto às ocorrências de acentuação entre os alunos brasileiros e os alunos estrangeiros. Entretanto, elas são tratadas de forma diferenciada.

Ao mostrar a análise do último texto da segunda pergunta, que a professora acreditou ser de um brasileiro, quando era, na verdade, de um aluno japonês, a professora ficou surpresa. Quando questionada sobre o porquê, ela relatou:

293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305	professora 12	porque:: (.) ele escreveu muito bem, por exemplo, nós conversamos muitas coisas sobre o futuro (.) sobre o futuro, aqui por exemplo, sobre das tarefas de casa seria um um um erro comum, um erro u- uma inadequação no caso de um brasi- de um brasileiro, né? ele poderia muito bem é: fazer isso. mas a construção tá muito bem estruturada. o assunto que é:: aqui tá faltando um acento, né? nós não paramos de falar. então quando a gente é: vê dessa forma, né? conjugado tão corretamente, nós não paramos, geralmente, a gente não costuma ver um estrangeiro fazer isso, dessa determinada forma, né? é sobre os namorados nossos que dão trabalho, aqui no caso, né? teria um erro de: de singular e plural
306	entrevistadora	uhum

307 308 309 310	professora 12	né? mas: que dão trabalho, né:? sobre dar trabalho, geralmente isso é uma expressão usada por brasileiro, nossa tal pessoa me dá trabalho. é diferente, esse me dar trabalho, de trabalho é: profissional
311	entrevistadora	sim
312 313	professora 12	de trabalho escolar, esse dar trabalho é uma expressão brasileira
314	entrevistadora	uhum
315 316 317 318 319	professora 12	que tá sendo colocada aqui no discurso, foi justamente por isso que eu achei que era que era um brasileiro, né? porque são expressões que não são usuais, né? de: de estrangeiro construir, de estrangeiro utilizar no dia a dia. nossa, estou muito surpresa

Verificamos que aqui a professora comparou algumas ocorrências de escrita com as que um brasileiro normalmente escreveria (linhas 296 a 297), como a construção do futuro e a questão da acentuação. Ela chamou a atenção ainda para as construções que não costumamos ver os estrangeiros usarem (linhas 301 a 303). Porém, o que mais surpreendeu esta professora foi a utilização pelo aluno da expressão "dar trabalho" (linhas 307 a 310, 312 e 313), uma construção muito utilizada no português brasileiro, mas pouco usada por estrangeiros. Essa construção levou a professora a acreditar que se tratava de um brasileiro.

Durante essa parte da entrevista, notamos que a professora estava usando muito os termos "erro" (linha 320), "inadequação" (linha 321), "muito bem estruturada" (linha 323) "corretamente" (linha 326). Decidimos, então, perguntar qual era a visão de "correto" desta professora, se era uma visão mais gramatical ou não na perspectiva tradicional. A professora respondeu:

323 324 325 326 327 328	professora 12	sim: mais: mais gramatical, né:? é: de acordo com a gramática. tem muitas palavras às vezes que eu em sala falo, olha a gente na gramática a gente não vai usar isso não, mas: você pode é:: usar no seu dia a dia, né::? é:: como por exemplo, geralmente eu não costumo ensinar nem o tu nem o vós.
--	---------------	---

Na sua resposta, a professora relata ter uma visão mais normativa, porém percebemos que ela considera a língua em uso. Assim, ela vai se adaptando ao cotidiano dos alunos e a maneira que eles podem adaptá-la fora de sala de aula. A professora continuou explicando que:

<p>332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376</p>	<p>professora 12</p>	<p>né? e eu tenho um aluno meu que ele é: que ele queria estudar o tu e o vós (.) e aí eu pensei, por que né? ele fez uma Quadro de verbos inteira com tu e vós baseado na gramática, baseado na gramática. ele queria gramática e eu expliquei o porquê que eu não daria o tu e o vós, expliquei que o vós a gente encontra na literatura brasileira e o tu é usado no sul como forma regionalismo e tudo. e ele estudou pra prova, não que eu dei, mas as Quadros que ele fez. e quando ele, ele pegou a gramática pra isso, quando ele foi fazer a prova, ele falou você não acredita o que eu fiz, eu falei o que que você fez? ele na na nas pessoas que eram você, né? quando eu fui conjugar, eu coloquei esse em tudo como no tu. eu falei ah::: é? ele é! então assim, eu sinto às vezes que a gente fica preso a gramática e nós como professores a gente às vezes se sente preso a gramática, né? como que eu vou ensinar uma língua sem a gramática, mas às vezes eu acho, né? agora que você tá me questionando, tá me perguntando, tá me fazendo refletir, né? de uma boa forma de que às vezes o que a gente aprende no- no- no dia a dia, o que a gente mostra do cotidiano e o que a gente mostra como a língua é usada no cotidiano às vezes ela tem muito mais valor é: e muito mais peso do que na gramática, porque às vezes o que a gente ensina na gramática a gente não usa, né? e os alunos estão ficando preso a gramática do tipo por que que é assim? né? as invés de perguntar no que que eu vou usar, né? esse tempo verbal que você está me ensinando, que você está me instruindo, de que forma isso vai acontecer? então às vezes uma aula que dá fora da gramática, às vezes ela é muito mais proveitosa pra experiência que o estrangeiro vai viver naquele país, do que ficar presa na gramática, porque o dia a dia não é a gramática. a gramática é aquilo que te ajuda a entender uma pouco da língua, mas a tua vivência no idioma que faz a língua é o falante. então quem faz a língua é o falante, por que que eu estou presa a uma gramática que não é utilizada pelo falante, muito menos pelo nativo no dia a dia, né? então assim, eu não vejo assim, eu não vejo muito (tosse) eu não me vejo muito assim: no sen- é: por mais que nós estejamos pressos né? à gramática é:: eu agora com essa reflexão, eu to me olhando como professora e pensando que talvez fugir um pouco da gramática é: vai agregar muito mais no ensino da língua que eu tenho pra dar pro meu aluno estrangeiro, do que se eu deixar ele preso a gramática.</p>
--	----------------------	---

(marcação feita pelas autoras)

Nos trechos marcados nesta parte da entrevista, observamos a reflexão da professora sobre a forma que ela ensina os seus alunos (linhas 345 a 349), mostrando que, às vezes, os professores ficam "presos" a uma visão mais gramatical ao ensinar e ao corrigir os trabalhos de seus alunos.

Percebemos nas linhas 351 a 369 uma autoanálise feita pela professora sobre o ensino do português, com uma visão da língua em uso, o que pode ser benéfico tanto para o ensino de português como língua materna, quanto para português como língua estrangeira. A professora ainda reflete que:

385	professora 12	não, eu acho que: assim, essa questão da gramática foi
386		muito interessante porque eu vivi isso ontem, no meu dia
387		a dia como professora. e: às vezes a gente acha que uma
388		língua é a gramática da língua, mas não a língua é aquilo
389		que a gente vive e aquilo que a gente dispõe para o
390		outro, né? a cultura que a gente insere na língua que a
391		gente é: abre a janela e joga pro mundo, né:? então
392		quando a gente escolhe ser professor de qualquer idioma
393		que seja, né:? a gente não está transmitindo a gramática
394		daquela língua, a gente tá transmitindo a língua viva.
395		e a gente tem o costume de acha a língua viva é: você
396		abrir uma gramática e falar isso tá certo e isso tá
397		errado. a gente vê muito isso é: não só no ple, mas no
398		português como língua materna mesmo, ah: tá certo, tá
399		errado. tá certo e errado pra quem? será que o certo e
400		errado ele existe? será que o equivocado existe? ou é só
401		uma norma que foi colocada né? pra, vamos dizer assim,
402		pra prender todas as línguas? né? já que todas as línguas
403		são livres, é? e a gente- livres no sentido de que eu
404		não preciso me prender as normas, me prender as regras,
405		mas eu preciso aprender a usá-la e a me comunicá-la, de
406		desprender a gramática né? dessa ditadura, por assim
407		dizer, né? a gramática tem se tornado uma ditadura ao
408		invés de se tornar muleta, pro aprendizado. então isso
409		me chocou bastante, vou sair daqui pensativa. inclusive
		obrigada por isso, né?

(marcação feita pelas autoras)

Essa reflexão trazida nas linhas 387 a 408 revela a importância dos trabalhos voltados para o campo da sociolinguística e o ensino de língua materna e estrangeira, levando os professores a refletirem sobre como podem lidar com a presença de alunos estrangeiros em suas salas de aula, refletindo também sobre a forma como vemos a gramática em nossas salas de aula de PLM e PLE, e a importância da diferenciação dos termos que estamos analisando neste trabalho.

4.4.2 Entrevista com a professora 13

A professora 13 tem 38 anos de magistério, sendo que ela atua em uma instituição pública de ensino superior há 30 anos. Essa professora também possui experiência no ensino de Português

como Língua Estrangeira por 10 anos. Começamos a entrevista com a professora 13 perguntando suas impressões sobre o formulário e ela respondeu da seguinte forma:

2 3 4 5 6 7 8 9 10	professora 13	Então, meu nome é professora 13. eu não sei se eu fui objetiva (.) eu tenho dificuldade em ser objetiva. Então assim eu senti, eu achei trabalhoso, então, porque eu quis cobrir o máximo as impressões que eu tive quando eu li, entendeu? então eu achei trabalhoso. Mas:: (.) é:: (.) como é que eu posso te dizer? (.) assim eu gostei da experiência, eu achei interessante é:: enxergar o português num outra perspectiva que não a de um falante de português como L1, entendeu?
11	entrevistadora	Sim, aham
12 13 14	professora 13	eu achei interessante analisar as construções do ponto de vista de alguém que tem o português como L2, e aí eu fiquei pensando sobre
15	entrevistadora	sim
16 17	professora 13	o funcionamento dessa gramática em construção, por esse falante que está aprendendo essa segunda língua [então]=
18	entrevistadora	[a senhora já]
19	professora 13	= Então eu achei interessante

Apesar de ter achado trabalhoso, a professora 13 achou a experiência interessante, pois houve a possibilidade de ela analisar as construções realizadas por alunos aprendizes de português como LE. Aqui podemos mostrar uma das relevâncias deste trabalho, que consiste na possibilidade de os professores analisarem os alunos de PLM e PLE em suas salas de aula de maneira mais igualitária, tendo em vista a experiência que os participantes deste estudo tiveram em relação à análise às cegas.

A professora 13, ao analisar o primeiro e o segundo texto da primeira pergunta, relatou que prefere "evitar o termo 'erro' e analisar os casos elencados como diferenças linguísticas decorrentes de um uso da língua que se distancia da norma-padrão" (análise do primeiro texto, pergunta 1). Ela complementou sua visão dizendo o seguinte: "[...] considero importante distinguir o que são de fato 'erros' do que são 'desvios' de ortografia ou diferenças quanto ao uso de uma variedade da língua em relação à norma-padrão." (análise do segundo texto, pergunta 1). E quando questionamos o porquê de ela não empregar o termo "erro", a professora respondeu:

43 44 45	professora 13	Porque do ponto de vista linguístico, erro é todo o desrespeito ao processo de construção de sentenças não necessariamente do uso na norma padrão
46	entrevistadora	Uhum
47	professora 13	Então houve casos ali em que eu percebi erro
48	entrevistadora	Uhum
49 50 51 52 53 54 55	professora 13	Então é: uso de infinitivo, sabe? quando o verbo deveria vir flexiona:do. Então eu considero erro na perspectiva linguística do termo qualquer tipo de desrespeito ao processo de construção da sentença (.)então não necessariamente diz respeito à norma. Então assim, um desvio de concordância de regência, sabe? eu não considero muito assim: dependendo do problema de regência né?

Constatamos, por meio das respostas da professora, que a sua noção de "erro" não corresponde ao desrespeito da norma culta, mas sim a ocorrências que tornam as frases agramaticais. Essa visão é também a de Possenti (1996), quando o autor propõe que a distinção entre diferença linguística e erro linguístico é fundamental, pois no primeiro caso trata-se de construções ou formas que divergem de um certo padrão pré-estabelecido. Por outro lado, são considerados erros pelo autor as construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua (POSSENTI, 1996).

No decorrer das suas análises, a professora 13 utilizou os termos "desvio", "problema" e "inadequação". Visto isso, perguntamos quais seriam as diferenças desses termos na sua visão, ao que ela respondeu da seguinte forma:

85 86	entrevistadora	Quais são- na sua opinião quais são as diferenças desses termos?
87 88	professora 13	Então, quando eu usei problema foi pensando então que existe uma norma e que você não está respeitando essa norma mas
89	entrevistadora	Não seria um erro
90	professora 13	Não seria erro né?
91	entrevistadora	Uhum

92 93 94 95 96	professora 13	a inadequação seria ao que é vamos pensar assim em termos é: conceito de aceitabilidade. Porque na linguística você tem gramaticalidade, e o erro estaria relacionado ao que é gramatical ou não. E aceitabilidade, então, o que é adequado aceitável ou não
97	entrevistadora	Uhum
98 99 100 101 102 103	professora 13	Então quando eu usei o termo problema ou o termo inaceita- desculpa inadequações eu estava trabalhando com esse conceito de aceitabilidade da linguística. Que tem a ver com o que- vamos dizer assim o que é: diverge do que a norma padrão estabelece, mas não chega a ser erro porque é uma das variedades que o português brasileiro tem. Entende?
104	entrevistadora	Aham
105 106 107 108	professora 13	É uma variação enquanto ao uso e que é possível na língua né? então problemas por exemplo de concordância. Agora, eu achei estranha a marca (.) por exemplo no substantivo e não no determinante.

A professora 13 informou que utiliza o termo “problema” quando há um desrespeito à norma-padrão (linhas 87 e 88), porém isso não torna a frase agramatical, conceito ao que ela associa o termo "erro". Já o termo “inadequação” é tratado pela professora como um caso de não aceitabilidade (linha 100), divergindo do que a norma-padrão estabelece (linhas 102 e 103), sendo considerado uma variedade do português brasileiro. Nas linhas 105 a 108, a professora retoma a análise que ela fez do texto 2 da pergunta 2, no qual o aluno respondeu "EU falar minha irmas sobre assuntos da minha familia". A professora observou que:

160	professora 13	Isso não é uma flexão padrão né [mas que o falante]=
161	entrevistadora	[é mais uma variação]
162 163 164	professora 13	=usa ainda mais se ele é de baixo, vamos dizer assim, se ele possui um grau de escolaridade mais baixo isso é muito comum
165	entrevistadora	Aham
166 167	professora 13	né? Os meus vizinho você até fala os meu vizinho, mas você nunca fala o meu vizinhos, entende?

Nessa resposta, ela reafirma o que havia comentado no formulário, "[...] porque a sentença é agramatical. Nenhum falante nativo do português constrói uma oração com sujeito + verbo no infinitivo" (resposta 2, pergunta 2). Essa explicação reforça o que, para ela, pode ser considerado "erro", uma construção agramatical.

Na análise do primeiro texto da última pergunta, a professora identificou a presença de "erros típicos de um estrangeiro". Por estarmos discutindo essa questão com a pergunta anterior, questionamos o que ela consideraria um "erro típico de estrangeiro". A professora respondeu da seguinte forma:

235	professora 13	Então! É porque aqui você nota ser dar tá vendo?
236	entrevistadora	aham
237 238 239	professora 13	é: não havia flexão do verbo (.) usar tudo no infinitivo às vezes o estrangeiro aprende o infinitivo mas ele não sabe flexionar

Entretanto, esse texto pertencia a um aluno brasileiro. Ao saber da identidade do aluno, a professora realizou outra análise do texto, relatando que pode ter ocorrido uma hipercorreção por parte do aluno:

253 254 255 256 257	professora 13	Bom eu tenho até uma explicação do ser já que ele é brasileiro aqui seria uma hipercorreção que seria nós nos damos e aí o que está acontecendo é: no caso do português, o se está sendo usado como um reflexivo universal, vamos se ver, vamos ser falar, vamos se. Você já reparou o vamos se
294 295 296	professora 13	o se é universal, talvez aqui ele deva ter usado o se como universal né? Aí fez uma hipercorreção, talvez por influência do dar
304 305	professora 13	E aí usou esse dar, por quê? porque normalmente as pessoas omitem esse erre no infinitivo
309 310	professora 13	E aí como o infinitivo geralmente tem esse erro omitido, a confusão do presente com o infinitivo é muito grande

316 317 318	professora 13	Então as pessoas distinguem isso pela tonicidade, ai na hora de escrever a pessoa sai colocando erre [onde não precisa]=
-------------------	---------------	--

366 367	professora 13	É eu analisaria como hipercorreção e usaria como se universal e reflexivo. Explicaria dessa maneira.
------------	---------------	--

Ao saber sobre a identidade do aluno, a professora pôde realizar outra interpretação das ocorrências produzidas por esse aluno, classificando-as como hipercorreção. Figueiredo (2023) define a hipercorreção como sendo uma categoria do termo "desvio", que ocorre no aprendizado de uma língua materna de crianças (FIGUEIREDO, 2023, p.25). Os exemplos apresentados pela professora convergem com essa definição do teórico, como o uso do "se" (linhas 256 a 257, 294 a 296), a utilização da letra r ainda no "se" devido ao verbo seguinte (linhas 295 a 296, 304 e 305, 309 e 310, 316 e 318, 366 e 367).

Em seguida, perguntamos sobre a resposta que a professora deu no último texto da primeira pergunta, ao que ela respondeu: "Outro problema de escrita, mas que não é bem um "erro" e que pode ser observado também na escrita de brasileiros" (terceiro texto, primeira pergunta). Perguntamos primeiro sobre quais seriam as ocorrências que poderiam acontecer com os dois grupos de alunos de modo semelhante e a professora respondeu o seguinte:

398 399 400	professora 13	Então a questão de concordância que eu acho que os estrangeiros podem é: construir outras possibilidades assim como os brasileiros também podem.
-------------------	---------------	--

Percebemos que a dificuldade com a concordância é muito comum nos os dois grupos e que apareceram diversamente nos textos presentes nesta pesquisa, o que pode ter levado os professores a interpretações diferenciadas. E quando perguntada sobre o que ela consideraria então como "erros típicos de brasileiros", a professora respondeu:

403 404	professora 13	Então, pra mim, principalmente omissão da marca de flexão, uma vez que há a redundância
405	entrevistadora	Uhum
406 407 408	professora 13	Acho que isso é muito comum. hipercorreção agora que a gente já saber. Por exemplo usar é: usar o erre do

		infinitivo no presente ou no passado, dependendo da conjugação do verbo.
409	entrevistadora	Uhum
410 411	professora 13	Então verbos de segunda e terceira eles vão colocar o erre no pretérito que é igual né?

Os considerados "erros típicos de um brasileiro" são aqueles que só podem ocorrer com o uso da língua no cotidiano ou com o decorrer do aprendizado do aluno brasileiro, podendo levá-lo à hipercorreção. Figueiredo (2023) define essas ocorrências como "erros desenvolvimentais" (FIGUEIREDO, 2023, p. 87), sendo estas ocorrências produzidas por crianças que adquirem a língua-alvo como LM. Essas ocorrências são explicadas pelos seguintes processos: omissão, adição, generalização, formas alternadas e ordem indevida de palavras (FIGUEIREDO, 2023, p. 87-88).

Ao final da nossa conversa, retomamos as diferentes terminologias que apareceram no decorrer deste trabalho. A professora 13 esclareceu que:

476 477 478	professora 13	então você ai você tá vendo que a questão da ortografia eu chamei de inadequação porque erro para mim é algo associado à gramaticalidade?
-------------------	---------------	---

493 494 495	professora 13	então é desvio em relação àquilo que é considerado ortograficamente adequado ou inadequado. eu usaria essas palavras. [essas duas]=
-------------------	---------------	---

A professora retomou o que tinha definido como "inadequação" e "erro", sendo o primeiro termo associado à ortografia, e o segundo, à gramaticalidade. Por outro lado, ao definir "desvio", a professora pareceu associar esse termo à ideia de "adequado" e "inadequado", reforçando a dificuldade para definirmos esses termos de forma mais precisa, podendo alguns deles serem utilizados como sinônimos uns dos outros.

Em seguida, perguntamos para a professora se ela acreditava haver um impacto no aluno ao utilizar esses termos nas suas correções. A professora respondeu que:

503	professora 13	eu acho que sim, eu acho que erro é uma palavra muito forte
504	entrevistadora	aham

505	professora 13	é::: (.) pra mim desvio e inadequação deixa claro que existe um conjunto de regras que nós respeitamos em situações formais da quando língua somos requisitados a a revelar que dominamos essa língua, entende?
506		
507		
508		

A professora novamente utiliza os termos "desvio" e "inadequação" como sinônimos e considera que as ocorrências que são classificadas dessa forma mostram um certo domínio da língua, sendo necessário respeitar a situação comunicativa. Entretanto, antes de tratar do termo "erro", a professora faz uma ressalva muito importante sobre o ensino de português como língua materna.

510	professora 13	porque assim, ninguém vai para a escola para aprender a falar (.) as pessoas vão para a escola para aprender a ler e escrever. e a escola ainda ensina é: a norma-padrão apesar de haver nos documentos oficiais de ensino de língua portuguesa uma sinalização para que se respeite a variante do aluno
511		
512		
513		
514		
515		
516	entrevistadora	uhum
517	professora 13	então, se chega lá um aluno da zona rural que fala galfo, ele vai escrever galfo né? se ele fala abobra ai independentemente da região, porque a gente fala abobra, mesmo na cidade a gente fala fosfro. então por exemplo a tendência é tornar palavras proparoxítonas paroxítonas. então se a criança ainda está nessa fase de é: escrever desenhando a fala, aproximando aquele registro, aproximando do que ela fala. ela certamente vai cometer desvios.
518		
519		
520		
521		
522		
523		
524		

Com essa visão geral do ensino de português no Brasil, principalmente nas escolas públicas, percebemos que os alunos, ao chegarem às salas de aula estão aprendendo a variedade padrão da sua língua materna como se fosse uma língua estrangeira. No entanto, há a crença de que o aluno, por já saber o português, somente por falar a língua, deveria conseguir entender as regras formais apresentadas para ele (linhas 510 a 512). Essa prática deixa de lado o português adquirido em casa, podendo ser estigmatizado dentro da sala de aula, apesar de os documentos oficiais sinalizarem que, é necessário respeitar as variações da língua (linhas 512 a 515). Nas linhas 517 a 524, podemos ver alguns exemplos dessa variação trazida pelos alunos para dentro da sala, que são relatados pela professora e que ela chama de "desvios", visto que são questões variacionais da língua.

A professora complementa esse pensamento no final da entrevista quando relata:

598	professora 13	nós fala com ele, ninguém vai dizer nós fala ele. entendeu?
599		é isso é porque isso é construído com a gramática que é
600		adquirida com a língua desde os primeiros anos de vida
601		que eu estava dizendo que é a tal da L1 adquirida antes da
602		escola.

Após apresentar essa questão, a professora retoma a definição de "erro", posicionando-se da seguinte forma:

526	professora 13	sabe? acho complicado falar em erro. sabe? porque pra mim
527		erro seria escrever mim gostar você (.) é não flexionar o
528		verbo é:: não usar a preposição.
529	entrevistadora	sim
530	professora 13	nenhum brasileiro vai falar mim gostar::
531	entrevistadora	uhum
532	professora 13	usar o mim como sujeito
533	entrevistadora	já vira agramatical como você comentou
534	professora 13	exatamente, sabe?
535	entrevistadora	aham
536	professora 13	então, eu querer por mais que a pessoa não tenha uma
537		formação escolar avançada, ela jamais vai falar eu quer
538		você (.) bem. entendeu?
539	entrevistadora	uhum
540	professora 13	ela vai falar eu quero, ela jamais vai falar nós quer no
541		sentido de infinitivo. ela pode até falar nós quer no
542		sentido de nós queremos, não no sentido de infinitivo
544	professora 13	Isso é erro, isso é agramatical. então pra mim existe uma
545		gradação sim. pra mim parece que o erro tem esse peso de
546		se construir algo e um falante por mais analfabeto que
547		seja ele jamais vai falar, entende?

A professora torna a dizer que o "erro" é voltado mais a questões de gramaticalidade. Para ela, só pode ser considerado "erro" a construção que cause alguma agramaticalidade, e a sentença não tenha sentido, sendo uma questão um pouco difícil de acontecer com falantes de PLM na visão da professora, independentemente da sua escolaridade (linhas 536 a 538, linhas 540 a 542). Ao comparar com as construções de estrangeiros, a professora relata:

558	entrevistadora	sim
559 560 561 562	professora 13	então ele ainda não sabe que é eu trabalho, né? mas ele sabe que é trabalhar ele vai aprender os infinitivos. então pra mim, esse tipo de construção é uma construção típica de um estrangeiro, que aprendeu os nomes os verbos
563 564	entrevistadora	ah sim. já aprendeu os verbos, já sabe a ordem mas não consegue conjugar ainda.
565 566	professora 13	sabe a ordem. isso:: o que que é svo. mas ainda não sabe as marcas flexionais todas.

Aqui a professora começou a apresentar as diferenças entre as construções dos alunos estrangeiros em relação aos alunos brasileiros, mostrando quais características deixam as sentenças agramaticais. Ela explicou que o aluno estrangeiro precisa descobrir/aprender qual é a ordem de uma sentença em português, saber os significados dos verbos, porém o fato de ele não saber flexioná-los (linhas 559 a 562, 565 a 566) é o que caracteriza uma construção típica de um estrangeiro. Com isso voltamos ao segundo texto da segunda pergunta, sobre a qual a professora falou:

575 576 577 578	professora 13	isso! isso (.) eu fiz essa análise até eu acho. oh: porque a sentença é agramatical. nenhum falante nativo do português constrói uma oração com sujeito e verbo no infinitivo, tá vendo?
579	entrevistadora	aham
580 581	professora 13	ou omite uma preposição, que é falar com , para, a, né? ah é isso aí
582	entrevistadora	uhum
583	professora 13	o máximo que ele vai fazer é não usar a marca flexional
584	entrevistadora	uhum
585 586	professora 13	né? do do tipo nós e aí ao invés de falar nós gostamos é falar nós gosta

Com essas respostas, ela retoma o que seria considerado "erros típicos de estrangeiros", as ocorrências que não são produzidas por falantes de português, desde pessoas não escolarizadas até

pessoas com graus de escolarização alta. Essas ocorrências são consideradas como "erros globais" (FIGUEIREDO, 2023, p. 122), que afetam a organização geral de uma sentença, impedindo ou tornando a comunicação difícil. Esta classificação de ocorrência pode dificultar a comunicação mudando a significação da sentença ou não remetendo a significação nenhuma (FIGUEIREDO, 2023, p. 125).

4.5. QUADRO COM O RESUMO DAS ANÁLISES FEITAS PELOS PROFESSORES

Neste capítulo observamos as análises realizadas pelos professores em textos de alunos de português em três situações diferentes, alunos de português como língua materna; alunos de português como língua estrangeira de línguas próximas (espanhol); e alunos de português como língua estrangeira de língua distante (japonês e coreano). Nesta seção iremos apresentar o que chamamos de gabarito, com as nacionalidades de cada aluno que produziu cada texto e, em seguida, apresentaremos um quadro com o resumo de tudo o que foi apresentado neste capítulo.

Quadro 11- A quem pertencem as respostas?

	PERGUNTA 1	PERGUNTA 2	PERGUNTA 3
RESPOSTA 1	Aluna brasileira A, 17 anos, estudante de escola pública.	Aluna brasileira B*, 16 anos, estudante de escola pública.	Aluna brasileira B*, 16 anos, estudante de escola pública.
RESPOSTA 2	Aluno peruano, com idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.	Aluno equatoriano, com mais de 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.	Aluno peruano, com idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.
RESPOSTA 3	Aluno japonês A*, com idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há mais de 2 anos.	Aluno japonês A*, com idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há mais de 2 anos.	Aluno coreano, com idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há mais de 1 ano, mas menos de 2 anos.

Fonte: Material das autoras (2023)

A aluna brasileira que respondeu às perguntas 2 e 3, e o aluno japonês que respondeu às perguntas 1 e 2 são os mesmos alunos, por isso foram marcados com um asterisco (*). Essa seleção dos mesmos alunos para respostas diferentes pode nos mostrar como os professores analisaram os textos dos mesmos alunos de formas diferentes, pois na pergunta 1 três professores acreditaram que o texto do aluno japonês tinha sido escrito por um brasileiro, e na pergunta 2 nove pensaram que ele era brasileiro. Já para a aluna brasileira, na pergunta 2 um professor acreditou que ela era uma aluna estrangeira e na pergunta 3, cinco responderam que ela era uma aluna estrangeira.

Quadro 12-Análise completa

	Aluno	Texto	Porcentagem geral de ocorrência dos termos	Como o professor caracterizou o autor do texto	
				É estrangeiro	É brasileiro
Pergunta 1					
R1	Aluna Brasileira, de 17 anos, estudante de escola pública.	A minha rotina é comum acordar prá mim ir para escola depois levar minha irmã na escola depois voltar almoçar é dormir um pouco acordar é pegar ela na escola depois quando ficar de noite ir dormir	Erro: 55,6% Problema: 16,7% Inadequação: 11,1% Desvio: 11,1% Equívoco: 5,6%	61,5%	38,5%
R2	Aluno Peruano, de idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.	Todos os días eu acordó as 5 da manha, levanto Tomo banho, me arrumo , tomo agua e saio de casa para trabalhar. Eu sempre vou trabalhar no meu carro. A viagem lleva 40 minutos mais ou menos. trabalho ate as 5 da tarde	Erro: 52,9% Problema: 11,8% Inadequação: 11,8% Deslize: 5,9% Desvio: 5,9%	69,2%	30,8%
R3	Aluno Japonês A, de idade entre 18 e 30 anos,	Primeiro eu acordo às 9 da manhã e vou lavar meus dentes e depois tomo o café da manhã .Em seguinte	Erro: 57,1%	69,2%	30,8%

	estuda o português há mais de 2 anos.	quando tenho aula presencial vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos, a maioria das minhas aulas começa às 10:30. O almoço, como na cafeteria da escola. Quando a aula é de on-line, uso meu iPad e participo pelo meu quarto. Às 17:00 horas vou trabalhar, durante o descanso eu janto, eles cozinham para nós que trabalhamos. Término às 1 hora da manhã e volto para minha casa e tomo um banho e vou dormir.	Inadequação: 14,3% Problema: 7,1% Incorreto: 7,1% Equívoco: 7,1% Desvio: 7,1%		
Pergunta 2					
R1	Aluna Brasileira B*, 16 anos, estudante de escola pública.	Eu tenho um amigo que o nome dele é Léo ele tem 21 anos e eu e ele conversa muito sobre tecnologia	Erro: 30% Inadequação: 20% Incorreto: 10% Equívoco: 10% Deslize: 10% Desvio: 10%	7,7%	92,3%
R2	Aluno Equatoriano, com mais de 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.	EU falar minha irmãs sobre assuntos da minha família	Erro: 61,5% Equívoco: 15,4% Desvio: 7,7% Inadequação: 7,7%	Todos os professores	

			Problema: 7,7%		
R3	Aluno Japonês A*, de idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há mais de 2 anos.	Converso mais com a minha melhor amiga que se chama Júlia.Nós conversamos muitas coisas, sobre o futuro, sobre das tarefas de casa, sobre nossas famílias. qualquer coisa que acontecer no dia nós compartilhamos, principalmente o assunto que nos nao paramos de falar é sobre os namorados nossos que dão trabalhos.	Erro: 58,3% Desvio: 8,3% Problema: 8,3% Inadequação: 8,3% Equívoco: 8,3% Incorreto: 8,3%	15,4%	84,6%
Pergunta 3					
R1	Aluna Brasileira B*, 16 anos, estudante de escola pública.	Ah eu gosto de fazer natação eu até fazia mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Belgica ficar um tempo com a meha prima que mora la e em relação meus pais nós ser dar muito bem sempre nós conversa e sai juntos	Erro: 57,1% Inadequação: 14,3% Equívoco: 14,3% Problema: 7,1% Desvio: 7,1%	50%	50%
R2	Aluno Peruano, de idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há menos de 1 ano.	Meu hobbies é dorme. Minha comida favorita é arroz con cobaia.meus lembranças da infância são viagens em família para o ano novo.minha Pessoa famosa que admiro é Shakira	Erro: 46,2% Problema: 15,4% Inadequação: 15,4%	Todos os professores	

			Incorreto: 7,7% Equívoco: 7,7% Desvio: 7,7%		
R3	Aluno Coreano, de idade entre 18 e 30 anos, estuda o português há mais de 1 ano, mas menos de 2 anos.	<p>Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes porque quando eu assisto, posso pensar só sobre conteúdos dos trabalhos e muito divertido. Estou assistindo uma telenovela <Glitch> na Netflix.</p> <p>Gosto de cozinhar também, mas eu não posso cozinhar quase toda a comida coreana porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana.</p> <p>Eu gosto de morar no Brasil porque as pessoas aqui é muito amigáveis, mas é solitário porque é muito longe do meu país.</p>	<p>Erro: 33,3%</p> <p>Problema: 16,7%</p> <p>Inadequação: 16,7%</p> <p>Incorreto: 16,7%</p> <p>Equívoco: 8,3%</p> <p>Incoerente: 8,3%</p>	Todos os professores	

Fonte: Material das autoras (2023)

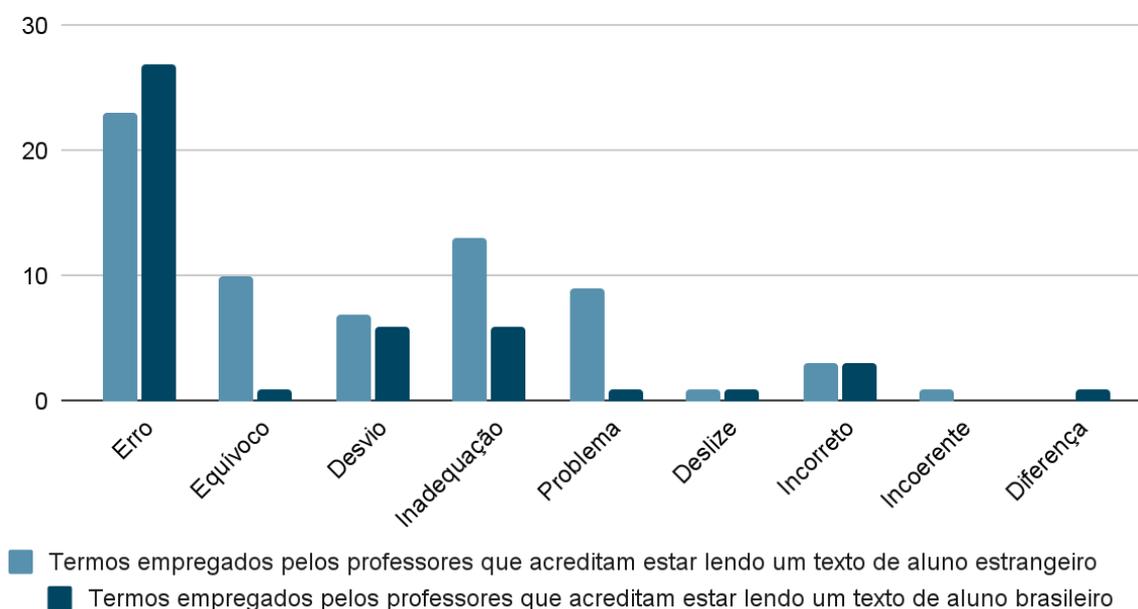
Tabela 1- Porcentagem de ocorrências dos termos por caracterização

Termos	Termos empregados pelos professores que acreditam estar lendo um texto de	
	aluno estrangeiro	aluno brasileiro
Erro	23	27
Equívoco	10	1
Desvio	7	6
Inadequação	13	6
Problema	9	1
Deslize	1	1
Incorreto	3	3
Incoerente	1	0
Diferença	0	1

Fonte: Material das autoras (2023)

Gráfico 19-Termos empregados pelos professores

Termos empregados pelos professores



Fonte: Material das autoras (2023)

Na tabela 1 e no gráfico 19, destacam-se duas observações significativas. Primeiramente, nota-se que o termo "erro" é utilizado com uma frequência notavelmente maior do que os outros termos, independentemente de os professores estarem analisando um texto de um aluno estrangeiro

ou brasileiro. Em segundo lugar, percebe-se que os termos "equivoco," "inadequação" e "problema" são empregados de forma consideravelmente mais frequente pelos professores ao avaliar textos que eles acreditavam ser de alunos estrangeiros, em comparação com textos de alunos brasileiros.

Em resposta à nossa pergunta de pesquisa, que indagava: Será que os professores mantêm percepções distintas em relação às ocorrências de desvios na escrita do português em textos produzidos por alunos brasileiros e estrangeiros? Os resultados indicam que, de fato, os professores mantêm percepções distintas. Esses resultados são respaldados pela análise do percentual de termos utilizados pelos professores que avaliaram textos de alunos estrangeiros em comparação com aqueles que avaliaram textos de alunos brasileiros. Os professores que avaliaram o texto como de alunos estrangeiros utilizaram termos como "erro," "equivoco," "inadequação," "problema" e "desvio," juntamente com o termo "incoerente," que só foi observado nas análises dos textos de alunos estrangeiros. Os professores que avaliaram o texto como de alunos brasileiros utilizaram termos como "erro," "desvio," "inadequação," juntamente com o termo "diferença," que foi exclusivo das análises de textos de alunos brasileiros.

É importante notar que o uso frequente do termo "erro" reflete uma prática comum dos professores em seu cotidiano na sala de aula. No entanto, a variedade de termos empregados para a correção dos dois grupos de textos revela as diferentes perspectivas dos professores em relação à língua e aos termos utilizados em suas avaliações. Essas perspectivas, por sua vez, influenciam suas correções e sua abordagem quanto ao uso da língua pelos alunos. É importante notar que essa forma de estigmatização não é aplicada a alunos aprendizes de Português como Língua Estrangeira, uma vez que os erros que cometem ou as variações que utilizam são considerados "normais" para estrangeiros. Essa percepção caracteriza outro tipo de estigma, em que alguns professores já esperam certos tipos de erros por parte dos aprendizes, com base em sua nacionalidade de origem.

É válido considerar que o simples pedido aos professores para fazerem distinções pode ter influenciado a forma como eles expressaram suas análises em relação às ocorrências presentes nos textos. Alguns professores relataram ter dedicado muito tempo à tarefa, refletindo sobre como realizar essa distinção. Portanto, embora reconheçamos que esta pesquisa possui limitações em sua abrangência, percebemos que as discussões geradas durante o processo puderam contribuir para reflexões mais profundas sobre como nomear aquilo que é considerado "inadequado", "erro" ou "problema" na produção escrita de outra pessoa.

Ao longo das análises, também ficou evidente que a concepção de "erro" entre os professores não era uniforme. As percepções sobre o termo "erro" variaram desde "erros intralinguais" até "erros" considerados à luz da norma culta, passando por "erros únicos" e "erros ambíguos", entre outros, conforme observado durante as análises. Isso ressalta a categorização de interpretações que os professores têm quando se deparam com a noção de erro na produção escrita dos alunos.

Além disso, durante as análises, ficou claro que o termo "inadequação" era frequentemente empregado para se referir a variações linguísticas, levando em consideração as perspectivas comunicativas e as inadequações que não podem ser transferidas entre diferentes esferas linguísticas e culturais. Por outro lado, o termo "desvio" foi amplamente utilizado para descrever ocorrências gramaticais que não afetavam o entendimento do texto dos alunos, podendo ser classificado como "desvio causado por simplificação" ou "desvio causado por hipercorreção".

No entanto, os demais termos, como "equivoco," "problema," "deslize," "incorreto," "incoerente" e "diferença," foram frequentemente utilizados de forma intercambiável com os três primeiros termos mencionados, podendo ser alternados ao longo das análises realizadas pelos professores ou usados sequencialmente. Essa variedade de termos reflete a complexidade e a subjetividade envolvidas na avaliação da escrita, bem como a gama de perspectivas que os professores trazem para a análise dos textos dos alunos.

Essas descobertas adicionais aprofundam nossa compreensão das diferentes nuances na forma como os professores percebem e categorizam os desvios na escrita dos alunos, destacando a necessidade de uma abordagem mais aberta e contextualizada ao lidar com tais questões em sala de aula. A pesquisa fornece *insights* valiosos sobre como os educadores abordam a correção e a orientação da produção escrita dos alunos, considerando as diversas perspectivas que podem influenciar suas decisões.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, conduzimos uma pesquisa que teve seu início a partir da colaboração com um doutorando do nosso grupo de pesquisa, cujo foco estava na investigação do impacto da prova oral do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) em um grupo de estudantes cuja língua materna era o português, em uma escola básica em Juiz de Fora.

Durante nossa colaboração na coleta de dados para sua tese, ficamos intrigados com um fenômeno notável. Apesar de o foco da pesquisa de nosso colega ser alunos cuja língua materna é o português, ficamos surpresos ao encontrar semelhanças notáveis entre as observações feitas nesse grupo e as questões que exploramos ao longo de nossa graduação e especialização, bem como nas experiências de estudantes estrangeiros que acompanhamos anteriormente. Essas observações aguçaram nossa curiosidade sobre como os professores de português como língua materna abordam a análise de textos de alunos estrangeiros, especialmente quando desconhecem a origem dos textos. A partir desse questionamento, formulamos nossa pergunta central: Será que os professores mantêm percepções distintas em relação às ocorrências de desvios na escrita do português em textos produzidos por alunos brasileiros e estrangeiros? Essa indagação, por sua vez, norteou nosso objetivo de pesquisa, que busca investigar se existe uma correlação entre a abordagem dos professores em relação aos erros cometidos por alunos estrangeiros e brasileiros e como essa abordagem se relaciona com suas percepções gerais sobre esses erros. Essa reflexão tem implicações significativas para o ensino, à medida que nos instiga a questionar as expectativas em relação às habilidades linguísticas de um nativo brasileiro em comparação com as de um estrangeiro.

Este trabalho se desdobrou em três capítulos fundamentais. No primeiro capítulo, introduzimos conceitos-chave que serviram como alicerce para nossas análises de dados. Exploramos as concepções de "língua" conforme delineadas por Saussure (2012 [1916]), Possenti (1996) e Signorini (2006), considerando a língua como um elemento social utilizado para pensar, refletir e interagir com outras pessoas. Nessa pesquisa exploramos a língua como um fenômeno intrinsecamente social, desempenhando um papel crucial no pensamento, reflexão e interação entre indivíduos. Adotamos a perspectiva de Saussure (2012, p. 17), que concebe a língua como um produto social da faculdade da linguagem, constituída por convenções adotadas pela sociedade para facilitar o exercício dessa faculdade pelos indivíduos. Alinhando-nos também às ideias de

Bakhtin (1992, p. 127), reconhecemos a língua como um processo contínuo de evolução, manifestado através da interação verbal social entre os falantes.

Em seguida, examinamos as noções de "erro", "inadequação" e "desvio" com base em obras de Monteiro (2016 [1996]), Simon (2004), Camara Jr. (1984), Possenti (1996) e Zaczek (2012), constatando que esses termos não são rigidamente definidos pelos autores e, por vezes, são tratados como sinônimos, dependendo da abordagem adotada para analisar os usos linguísticos dos alunos. Por último, abordamos a compreensão do termo "estigma", com base na obra de Goffman (2021 [1988]), que nos mostrou que os estigmatizados são aqueles cujos sinais corporais, culturais, linguísticos e psicológicos diferem da categorização feita pela sociedade em que estão inseridos, situando-se assim os falantes de língua estrangeira ou língua materna que a utilizam de modo diferente da norma culta. É importante notar que essa forma de estigmatização não é aplicada a alunos aprendizes de Português como Língua Estrangeira, uma vez que os erros que cometem ou as variações que utilizam são considerados "normais" para estrangeiros. Essa percepção caracteriza outro tipo de estigma, em que alguns professores já esperam certos tipos de erros por parte dos aprendizes, com base em sua nacionalidade de origem.

No segundo capítulo, fornecemos uma minuciosa exposição da estrutura metodológica que sustentou nossa pesquisa, esclarecendo o processo que orientou sua execução. Destacamos o emprego das ferramentas que utilizamos para a coleta de dados, incluindo formulários e entrevistas não estruturadas. Finalmente, no terceiro capítulo, mergulhamos na análise dos dados coletados junto aos professores. Eles foram solicitados a avaliar textos selecionados que lhes foram apresentados de forma cega, e é nesse contexto que exploramos suas percepções e observações.

Ao longo da análise, observamos que a visão dos professores em relação ao termo "erro" era diversificada, abrangendo desde "erros intralinguais" até considerações da norma culta. O termo "inadequação" frequentemente se referia a variações linguísticas, enquanto "desvio" era utilizado para descrever ocorrências gramaticais que não prejudicavam a compreensão do texto. Outros termos, como "equivoco," "problema," "deslize," "incorreto," "incoerente" e "diferença," eram usados de forma intercambiável. Essa diversidade de perspectivas destaca a complexidade da avaliação da escrita dos alunos. Os resultados sugerem a importância de uma abordagem contextualizada e flexível ao lidar com desvios na produção escrita dos alunos, considerando a variedade de visões dos professores e as nuances envolvidas na correção e orientação do trabalho dos alunos.

Em conjunto, essas reflexões ressaltam a relevância deste estudo. Ele oferece aos professores a oportunidade de avaliar seus alunos de português como língua materna e português como língua estrangeira de maneira mais equitativa, especialmente quando adotam a abordagem de avaliação às cegas. Trata-se de um olhar diferenciado e necessário para o modo como os textos são analisados, corrigidos à luz de uma concepção de língua muito voltada aos valores de uma variedade de prestígio social muito focalizada na escola (tendo em vista o português como língua materna) e que, muitas vezes, encontra “lugar” também nas aulas de português como língua estrangeira.

Concluimos que este estudo proporcionou *insights* valiosos sobre como os professores de português como língua materna percebem e avaliam textos de alunos brasileiros e estrangeiros em relação às ocorrências de desvios na escrita. As reflexões e análises realizadas ao longo desta pesquisa contribuem para uma compreensão mais profunda dos processos de avaliação linguística e das percepções dos professores neste contexto específico. Esperamos que este trabalho possa servir como um ponto de partida para futuras investigações e debates no campo da linguística aplicada e da educação linguística.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de Outras Línguas**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017.

ALMEIDA FILHO, José C. P. de; CUNHA, Maria Jandyra C. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. Brasília/Campinas: UnB/Pontes, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BATISTA, Luiz Eduardo Mendes; HENRIQUES, Stefania Montes. Um encontro Saussure-Bakhtin na episteme. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 74-97, mar. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457348857>.

BATISTA, S. P. F. A Adequação Linguística No Ensino De Língua Portuguesa. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 13–31, 2019. DOI: 10.30681/relva.v6i1.3764. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/3764>. Acesso em: 7 fev. 2023.

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de orientação para os Coordenadores de Postos Aplicadores do Celpe-Bras**. Brasília: MEC, INEP, 2016. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/acervocelpebras/manuais/> >. Acesso em: 18 jan 2023.

BRASIL. **Documento base do exame Celpe-bras**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. 130 p. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ufrgs.br/acervocelpebras/wp-content/uploads/2021/12/Documento-base-do-exame-Celpe-Bras-2020.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.

CAMARA JR., Joaquim. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CANDIAN, Maíra; BESSA, Mariana de Camargo. Português como Segunda Língua Estrangeira Não Materna Adicional para Falantes de Outras Línguas - P2LENMAFOL: uma breve análise de terminologias. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora**, v. 25, n. 2, p. 375-396, jan. 2022.

CAPELLO, Cláudia; LOBÃO, Flavia Lopes; COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. Erro e agramaticalidade: falando a gente se entende?. In: CAPELLO, Cláudia; LOBÃO, Flavia Lopes; COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. **Língua Portuguesa na Educação 1**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2009. p. 7-32. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/801dbd1d18f844a4763c74b263724212.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAUDRON, Craig. A descriptive model of discourse in the corrective treatment of learners' errors. **Language Learning**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 29-46, jan. 1977. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-1770.1977.tb00290.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-1770.1977.tb00290.x>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CÓRDOVA, Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. Cap. 2. p. 31-42.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CUNHA, Celson; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. O português para falantes de outras línguas: redefinindo tipos e conceitos. In: FILHO, José Paes de Almeida; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. São Paulo: Pontes, 2007.

CARVALHO, M. DE L. G.; SOUZA, M. Categorização/Classificação. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios**, v. 1, n. 23, p. 13-18, 9 dez. 2013.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative Research**. California: Sage, 1994. 586 p.

DLANGAMANDLA, F.N.N.. **A case of a teacher's oral error treatment strategies in an English language classroom**. 1996. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Master Of Education, Rhodes University, Grahamstown, 1996.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia; SERRA, Carolina Ribeiro. GRAMÁTICA(S), ENSINO DE PORTUGUÊS E "ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA". **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Uerj, [S.L.], v. 22, n. 36, p. 31-55, 30 jul. 2015. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2015.17046>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17046>. Acesso em: 19 jan. 2023.

ECKERT, K.; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. **Domínios de Lingu@gem**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 198–216, 2015. DOI: 10.14393/DL17-v9n1a2015-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28385>. Acesso em: 19 set. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. Cap. 1. p. 19-30.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2023.

FONTANA, Ana Carolina; CAMARGO, Bruna da Silva; NUNES, Maria Isabel Lopez. Diferentes nomenclaturas de português como língua não materna. **Revista de Estudos de Português Como Língua Internacional**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 2-10, jan. 2022.

FONTANA, Ana Carolina; FERNANDES, Rafael Jefferson; SALGADO, Ana Claudia Peters. PRÁTICAS TRANSLÍNGUES E TRANSCULTURAIS NO ENSINO DE PLE. **Ensaio em Português Como Segunda Língua Ou Língua Estrangeira**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-14, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=45962@1>. Acesso em: 10 maio 2020.

FONTANA, A.; FREY, J. H. Interviewing: The art of science. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Sage Publications, Inc. p. 361–376 1994

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2009.

HYMES, D.H. On Communicative Competence In: PRIDE, J.B; HOLMES J. (eds) **Sociolinguistics**. Selected Readings. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293. 1972

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT, 2016. 324p.

LEROY, Henrique Rodrigues. As práticas discursivas translinguajeiras, transculturais e decoloniais e as (in)visibilidades das identidades performativas dos sujeitos na sala de aula de língua portuguesa adicional em contexto transfronteiriço. **Revista Sell**, Uberaba, v. 7, n. 1, p. 1-20, jun. 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/view/2437>. Acesso em: 10 maio 2022.

MARCUSCHI, L. A. (2007). Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 122–124, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33605>. Acesso em: 11 dic. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (Org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004. p. 49-78.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Discurso, cognição e gramática nos processos de textualização. In: Encontro de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal: discurso e gramática, 6, 2002, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2002. (Mimeo).

MONTEIROS, J. L. Erro gramatical ou preconceito linguístico?. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 32–33, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9255>. Acesso em: 20 set. 2022.

POSSENTI, Sírio. **Por Que (Não) Ensinar Gramática Na Escola?** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. **A construção pública do conhecimento**: linguagem e interação na cognição social. 2004. 246 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. cap. 1, p. 35-73. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=28607941>>. Acesso em: 12 dec. 2023

SAUSSURE, Ferninand de. **Curso de Linguística Geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERER, Lilian Cristine. Error treatment in efl (english as a foreign language) classrooms. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 42, p. 87-96, jan. 2002. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13835>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. Cap. 7. p. 168-190.

SIMON, Cristina Valéria Bulhões. O Erro Gramatical Em Questão. In: 6º Encontro Celsul - Círculo De Estudos Lingüísticos Do Sul, 6., 2004, Florianópolis. **Anais do 6º Encontro do Celsul Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul**. Florianópolis: Ufsc, 2004. p. 1-6. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/index.htm. Acesso em: 22 set. 2022.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, Brasil., v. 1, n. 1,

2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3837>. Acesso em: 22 set. 2022.

VIDA, Natália Silva. **A adequação linguística enquanto elemento essencial a diversas práticas sociais**. 2015. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras., Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

ŻACZEK, Małgorzata. **A Língua Portuguesa Para Falantes De Polaco**: transfêrencia da língua nativa para a língua estrangeira em processo de aprendizagem: o erro lexical e o erro gramatical. 2012. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

APÊNDICE A- Textos Dos Alunos Brasileiros

Como é um dia típico de sua rotina?

Estudo de Manhã, chego em casa, ajudo com as tarefas de casa, deixo uma descansaada e ~~depois~~ visito os sites de emprego e vagas. E o resto do dia eu posso estudar, ficar até, ajudar minha tia e minha avó com algo que eu sei fazer e que eu faço durante o dia.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Com meus tios e tias e meus irmãos sobre a vida, trabalho, experiências, diferenças entre o presente e o passado, e meu cotidiano na escola.

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

Gosto de estudar, aprender, assistir vídeos e animes, andar de skate, trabalhar e conseguir meu próprio dinheiro.
~~Quero~~ Quero aprender inglês, francês e japonês. Finalizar meus cursos e conseguir uma vaga de emprego de tradutor ou auxiliar de cozinha e ter minha própria renda para comprar minhas coisas e investir em meu conhecimento.

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

<input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição	<input type="checkbox"/> Família
<input type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos	<input type="checkbox"/> Lazer e turismo
<input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo	<input type="checkbox"/> Legislação (Leis)
<input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas	<input type="checkbox"/> Literatura e Poesia
<input checked="" type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes	<input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia
<input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos	<input type="checkbox"/> Meios de Comunicação
<input checked="" type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia	<input type="checkbox"/> Meios de Transporte
<input checked="" type="checkbox"/> Cinema e Fotografia	<input type="checkbox"/> Moda e Vestuário
<input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social	<input checked="" type="checkbox"/> Música
<input type="checkbox"/> Dança	<input type="checkbox"/> Negócios
<input type="checkbox"/> Direitos Humanos	<input type="checkbox"/> Política
<input checked="" type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Religião
<input type="checkbox"/> Educação	<input type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar
<input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito	

Figura 1- Aluno brasileiro 1

Como é um dia típico de sua rotina?

Normalmente acordo cedo, vou pra escola, almoço a casa e depois faço a lição.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Com minha mãe, meu tio, sobre tudo, entre eles que
pai

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

Gosto de comer muitas coisas, entre as coisas que mais gosto é macarrão, gosto também de jogar bola, jogos eletrônicos...

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? **Marque 5 opções:**

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição | <input checked="" type="checkbox"/> Família |
| <input checked="" type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos | <input checked="" type="checkbox"/> Lazer e turismo |
| <input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo | <input type="checkbox"/> Legislação (Leis) |
| <input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas | <input type="checkbox"/> Literatura e Poesia |
| <input checked="" type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes | <input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação |
| <input checked="" type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> Meios de Transporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia | <input type="checkbox"/> Moda e Vestuário |
| <input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social | <input type="checkbox"/> Música |
| <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Negócios |
| <input type="checkbox"/> Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Religião |
| <input type="checkbox"/> Educação | <input type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar |
| <input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito | |

Figura 2- Aluno brasileiro 2

Como é um dia típico de sua rotina?

Eu acordo, venho para escola, depois volto para casa, almoço, levo meu irmãozinho na escola, arrumo cozinha, descanso, vou buscar meu irmãozinho e trato dos meus bichinhos.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Converso com a minha mãe e minha avó. A gente conversa sobre a minha escola, conta fofocas e brincamos.

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

Eu gosto muito de assistir animes, mexer no tiktok, comer batata frita com cheddar, dançar sozinha em casa e ouvir músicas.

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição | <input checked="" type="checkbox"/> Família |
| <input type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos | <input type="checkbox"/> Lazer e turismo |
| <input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo | <input type="checkbox"/> Legislação (Leis) |
| <input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas | <input type="checkbox"/> Literatura e Poesia |
| <input checked="" type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes | <input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> Meios de Transporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia | <input type="checkbox"/> Moda e Vestuário |
| <input checked="" type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social | <input checked="" type="checkbox"/> Música |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Negócios |
| <input type="checkbox"/> Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Religião |
| <input type="checkbox"/> Educação | <input type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar |
| <input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito | |

Figura 3- Aluno brasileiro 3

Como é um dia típico de sua rotina?

a minha rotina é comum acordar por mim ir para escola depois levar minha irmã na escola depois voltar almoçar e dormir um pouco acordo e pegar ela na escola depois quando ficar de noite ir dormir.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

com minha amiga e minha irmã tipo assim de sair na final de semana de viajar de curtir.

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

minha comida não: arroz feijão e carne de churrasco, minhas lembranças da infância são: eu era criança feliz brincando correndo de gostava muito eu queria aprender a ser uma pessoa mais dedicada ao estudos. meus desejos para o futuro são trabalhar ter minha casa e meu carro. algo em meu país que eu me orgulho são: que eles é carinhoso muito legal comigo e com meus irmãos é que eles faz de cuidar de mim e meus irmãos.

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

<input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição	<input checked="" type="checkbox"/> Família
<input type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos	<input checked="" type="checkbox"/> Lazer e turismo
<input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo	<input type="checkbox"/> Legislação (Leis)
<input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas	<input type="checkbox"/> Literatura e Poesia
<input type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes	<input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia
<input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos	<input type="checkbox"/> Meios de Comunicação
<input type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia	<input type="checkbox"/> Meios de Transporte
<input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia	<input checked="" type="checkbox"/> Moda e Vestuário
<input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social	<input checked="" type="checkbox"/> Música
<input type="checkbox"/> Dança	<input type="checkbox"/> Negócios
<input type="checkbox"/> Direitos Humanos	<input type="checkbox"/> Política
<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Religião
<input type="checkbox"/> Educação	<input checked="" type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar
<input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito	

Figura 4- Aluno brasileiro 4

Como é um dia típico de sua rotina?

Eu vou a escola voltar, depois em casa é ficar escrevendo meu currículo em quanto aos tempos de casa, eu depois vou fazer minhas atividades.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Com minha avó converso sobre o meu futuro e a minha conexão familiar.

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

meu sonho é terminar o ensino fundamental e médio para estudar em uma faculdade de educação física e ser uma grande professora.

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

- | | |
|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição | <input type="checkbox"/> Família |
| <input type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos | <input checked="" type="checkbox"/> Lazer e turismo |
| <input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo | <input type="checkbox"/> Legislação (Leis) |
| <input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas | <input type="checkbox"/> Literatura e Poesia |
| <input type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes | <input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> Meios de Transporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia | <input type="checkbox"/> Moda e Vestuário |
| <input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social | <input checked="" type="checkbox"/> Música |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Negócios |
| <input type="checkbox"/> Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Religião |
| <input checked="" type="checkbox"/> Educação | <input type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar |
| <input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito | |

Figura 5- Aluno brasileiro 5

Como é um dia típico de sua rotina?

Meu dia eu levanto e tomo o meu café e vou ao banheiro. Tomo banho e me arrumo para ir para o colégio.

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

com a minha família e com os meus avós. com a minha família eu falo sobre o colégio e com os avós eu falo sobre o país.

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

a minha comida favorita é a macarrão de pasta que a minha mãe faz.
a minha inspiração é de quando eu souava pipa e jogava Bola.
Eu gosto de aprender a história do mundo e de Portugal. Eu quero para o meu futuro ser um atleta profissional.
Eu orgulho dos meus pais por que eles são trabalhadores e muito esforçados para ajudar os filhos.

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição | <input checked="" type="checkbox"/> Família |
| <input type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos | <input checked="" type="checkbox"/> Lazer e turismo |
| <input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo | <input type="checkbox"/> Legislação (Leis) |
| <input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas | <input type="checkbox"/> Literatura e Poesia |
| <input checked="" type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes | <input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> Meios de Transporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia | <input type="checkbox"/> Moda e Vestuário |
| <input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social | <input checked="" type="checkbox"/> Música |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Negócios |
| <input type="checkbox"/> Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Religião |
| <input type="checkbox"/> Educação | <input type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar |
| <input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito | |

Figura 6- Aluno brasileiro 6

Como é um dia típico de sua rotina?

Minha rotina é acordar às 7h para a escola voltar para casa fazer algumas coisas dentro de casa toda quarta-feira eu tenho curso de informática e de inglês em ~~quarta~~ quando o meu tio me chama para trabalhar com ele e na maioria do meu tempo eu fico no celular

Com que adultos você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Eu tenho um amigo que o nome dele é Léo ele tem 24^{anos} e eu e ele converso muito sobre ~~o~~ tecnologia

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):

Ah eu gosto de fazer música eu até fiz um mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Bélgica ~~depois~~ fico um tempo com a minha prima que mora lá e um relógio meus pais não são das muito bem sempre mais conversa e sei furos

Quais são os temas pelos quais você mais se interessa em seu dia a dia? Marque 5 opções:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Alimentação e Nutrição | <input checked="" type="checkbox"/> Família |
| <input checked="" type="checkbox"/> Animais Selvagens e Domésticos | <input type="checkbox"/> Lazer e turismo |
| <input type="checkbox"/> Artes Divinatórias e Esoterismo | <input type="checkbox"/> Legislação (Leis) |
| <input type="checkbox"/> Artes Visuais, Artes Plásticas | <input type="checkbox"/> Literatura e Poesia |
| <input checked="" type="checkbox"/> Atividades Físicas e Esportes | <input type="checkbox"/> Meio-ambiente e Ecologia |
| <input type="checkbox"/> Cidadania e Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Ciência e Tecnologia | <input type="checkbox"/> Meios de Transporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema e Fotografia | <input type="checkbox"/> Moda e Vestuário |
| <input type="checkbox"/> Crenças, Valores e Comportamento Social | <input checked="" type="checkbox"/> Música |
| <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Negócios |
| <input type="checkbox"/> Direitos Humanos | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Religião |
| <input checked="" type="checkbox"/> Educação | <input checked="" type="checkbox"/> Saúde e Bem-Estar |
| <input type="checkbox"/> Emoções, Sensações, Sentimentos e Estados de Espírito | |

Figura 7- Aluno brasileiro 7

APÊNDICE B- Pergunta para os estrangeiros

Seção 1 de 4

Qual a sua rotina?

Nossa pesquisa tem como objetivo entender um pouco mais sobre como pessoas diferentes usam uma língua que não é a sua língua materna para executar uma tarefa. Para isso, precisamos de sua ajuda. Escreva do seu jeito, sem se preocupar em acertar ou errar. Não é uma avaliação; o que você escrever vai ser protegido, porque ninguém vai saber quem escreveu. Muito obrigada por sua ajuda!

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 4

Termo de Livre Consentimento

Os textos que você vai nos enviar vão ser usados em uma pesquisa de pós-graduação. Eles serão empregados, sem identificação, no todo ou em trechos, na dissertação resultante da pesquisa e em outras publicações de caráter acadêmico. Você concorda em não receber nada por isso (exceto nossa gratidão...)

Você autoriza o uso dos textos enviados na minha pesquisa? *

Sim, eu autorizo

Não, não autorizo

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 4

Um pouco sobre você



Descrição (opcional)

De qual país você é? *

- México
- Peru
- Venezuela
- Argentina
- Bolívia
- Chile
- Colômbia
- Cuba
- El Salvador
- Espanha
- Equador
- Guatemala
- Guiné Equatorial
- Honduras
- Nicarágua
- Panamá
- Paraguai

- Porto Rico
- Republica Dominicana
- Uruguai
- Coreia
- Japão
- Outros...

Qual é a sua idade? *

- <18
- 18<30
- 30<

Há quanto tempo você estuda português? *

- Menos de 1 ano
- Entre 1 a 2 anos
- Mais de 2 anos

Onde você estuda português? *

Texto de resposta curta

Seção 4 de 4

Textos



Nessa seção eu peço que vocês respondam as 3 perguntas. Por favor, não corrija seu texto por meio automático ou use sites de tradução.

Como é um dia típico de sua rotina? *

Texto de resposta longa

Com quem você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos? *

Texto de resposta longa

Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe): *

Texto de resposta longa

APÊNDICE C- Respostas dos alunos estrangeiros

Carimbo de data/hora	Você autoriza o uso dos textos?	De qual país você é?	Qual é a sua idade?	Há quanto tempo você estuda português?	Onde você estuda português?
14/07/2022 15:09:41	Sim, eu autorizo	Equador	30<	Menos de 1 ano	Curso Particulares
14/07/2022 15:26:53	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Facultad letras UNMSM
14/07/2022 15:30:47	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	UNMSM
14/07/2022 16:26:49	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Centro de idiomas de la UNMSM
14/07/2022 16:47:33	Sim, eu autorizo	Peru	18<30	Menos de 1 ano	UNMSM
14/07/2022 17:11:33	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	San marcos
14/07/2022 18:00:27	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	UNIVERSIDAD NACIONAL MAYOR DE SAN MARCOS
14/07/2022 18:21:13	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Univeridade Nacional Mayor de San Marcos

14/07/2022 18:34:07	Sim, eu autorizo	Peru	<18	Menos de 1 ano	universidad nacional de la san marco
14/07/2022 19:21:00	Sim, eu autorizo	Peru	18<30	Menos de 1 ano	Eu estudo português no san maros language center
14/07/2022 19:28:33	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Centro de Idiomas UNMSM
14/07/2022 19:40:07	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Universidad Nacional Mayor de San Marcos
14/07/2022 20:01:18	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Menos de 1 ano	Centro de Idiomas de la UNMSM
14/07/2022 20:56:20	Sim, eu autorizo	Peru	18<30	Menos de 1 ano	Maior Universidade de San Marcos
14/07/2022 22:16:12	Sim, eu autorizo	Peru	30<	Entre 1 a 2 anos	Eu estudo com a professora Ruth.
26/10/2022 21:22:55	Sim, eu autorizo	Japão	18<30	Mais de 2 anos	No japão Universidade de Estudos Internacionais de Kanda
26/10/2022 21:34:15	Sim, eu autorizo	Japão	18<30	Mais de 2 anos	Na universidade no Japão.

26/10/2022 21:40:02	Sim, eu autorizo	Coreia	18<30	Entre 1 a 2 anos	Na Universidade
26/10/2022 22:01:01	Sim, eu autorizo	Japão	18<30	Mais de 2 anos	Na minha faculdade que é a universidade Kanda

Como é um dia típico de sua rotina?	Com quem você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?	Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe):
Um día típico de minha isso e rutina da manha me eu levanten 6hoo, Eu preparo meu café da manhã e torrada com queijo e suco de frutas. Eu trabajo a las 8hoo da manha, Depois volto para casa às 17h30, chego em casa para preparar o jantar, que servimos às 19h.	EU falar minha irmas sobre assuntos da minha familia	EU gosto de buena comida
Eu acordo as 6h, eu preparo o café da manhã, vou a metrô para meu trabalho. Eu estou no meu trabalho das 8h às 14h, depois eu volto para minha casa com meus filhos.	Eu converso muito com meu marido, sobre nos filhos e trabalho.	Eu gosto de assistir filmes com meus filhos, minha comida favorita es arroz con pato. Eu gostaria aprender muitos idiomas para ler livros medicos.

Nós fazemos lição de casa. Nós jantamos as 19h, mais tarde as 22 h nós dormimos.		
Estudio y juego	Acadêmicos	Escutar música
<p>Eu acordo às 5 horas.</p> <p>Eu tomo banho às 06 horas.</p> <p>Eu tomo café às 7 horas</p> <p>Vou trabalhar às 7:30, eu vou de ônibus.</p> <p>Eu almoço às 13 horas</p> <p>Eu termino o trabalho às 19 horas</p> <p>Eu converso com minha família às 20 horas.</p> <p>Eu janto às 20 horas.</p>	<p>Eu converso com meu esposo, sobre as coisas de nos a família, do trabalho e notícias.</p>	<p>-Meu hobby é ler livros, andar de bicicleta e fazer artesanato.</p> <p>-Eu gosto de comida peruana e italiana.</p> <p>-Eu gostaria de aprender Yoga.</p> <p>-Quero apresentar minha tese no final do ano.</p> <p>-Admiro muito Anagela Merkel, a primeira-ministra alemã.</p> <p>-Estou orgulhosa da diversidade cultural do meu país.</p>
Eu acordo às 5 am..vou para o trabalho	Con Minha mãe.sobre assuntos de trabalho	Meu hobbies é dorme. Minha comida favorita é arroz con cobaia.meus lembranças da infância são viagens em família para o ano novo.minha Pessoa famosa que admiro é Shakira
Trabalhando	Com meu pai	Eu gosto de freshoda com o bolo
Trabalho em teletrabalho para uma entidade pública Perú Compras e ajudando minha família	Com meu marido problemas da minha filhinha	Gosto de ouvir música, meu prato favorito é ceviche e no futuro gostaria de dirigir um carro e fazer viagens
Eu Trabalho de segunda a sexta feira à tarde com as crianças fazendo lição de casa	Fale sobre o trabalho	Terminar meu curso de português Enviar minha

Duas vezes por semana na aula de português		dissertação de mestrado meu jovi é futebol Eu gosto de comer ceviche
O meu dia típico é levantar cedo, limpar o corpo, arrumar o quarto, limpar o lugar da minha casa depois de sair para trabalhar.	converso diariamente com minha esposa. Sobre temas da casa, da comida, e dos filhos.	Eu gosto de futebol, a comida que eu gosto é o ceviche, minha lembrança de infância é sair com meus amigos de colégio, eu gostaria de aprender a língua Portuguesa, a futuro desejaria que meus filhos fossem independentes.
Todos os días eu acordó as 5 da manha, levanto Tomo banho, me arrumo , tomo agua e saio de casa para trabalhar. Eu sempre vou trabalhar no meu carro. A viagem lleva 40 minutos mais ou menos. trabalho ate as 5 da tarde.	eu converso com minha amiga	eo gosto de viajar, comer, dormir e passar tempo com minha família. tamben gosto de ler, pintar e escutar musica.
Eu acordó as 7 am, fazinho e banheiro os gatinhos, tomó café y vou trabalhar a faculde sao marcos. Aumorzo em refertorio. Vou a meu casa a 4 pm. Per a noite assisto tv	Eu conversó com meu marido. Conversamos muito	Eu gosto muito andar da bicicleta
Acordar cedo, tomar café da manha, ir ao trabalho, ajudar meus filhios en suas tarefas, praticar esportes	Minha familia sobre escola, meus amigos sobre trabalho	Praticar esportes, terminar minha tese. Eu admiro Cusco

<p>De manhã eu acordo geralmente às 6:00h. Eu arrumo a cama e tomo um banho.</p> <p>Às 6:20h acordo minha filha Fabiana para ajudá-la a se preparar para a escola.</p> <p>Eu vou trabalhar às 7:30h. Vou de carro ou às vezes de ônibus. Eu trabalho em uma empresa de manutenção elétrica no distrito de Magdalena. Por volta das 14:00h eu almoço no refeitório da empresa. Depois do almoço ligo ou mando mensagens via WhatsApp para minha esposa para saber como foi o trabalho e a escola.</p> <p>Eu costumo chegar em casa do trabalho às 20:00h. Depois do jantar leio e respondo meus e-mails e resolvo as tarefas de meus estudos de Mestrado e curso de português. Eu finalmente vou dormir às 23:00h. Às terças e quintas eu estudo português à noite. No fim de semana Eu vou ao supermercado com minha esposa. Gosto de jogar futebol e ir ao cinema com minha filha e esposa.</p>	<p>Eu converso com minha esposa sobre a educação de minha filha. Verificamos as contas da casa ou também sobre o bem-estar da família.</p>	<p>Eu gosto de viajar com a família. Eu gosto de tortas de chocolate. Eu gostaria de aprender a tocar guitarra. Eu admiro meu pai. Eu gostaria de ser tão bom quanto ele.</p>
<p>Eu acordo às 6:30 da manhã, eu tomo um café da manhã, mais tarde eu pego o ônibus, eu trabalho é CENARES às 5:00 p.m., mais tarde eu estudo português as terças y quintas, eu janto as 8:00 p.m. e eu durmo as 10:30 p.m.</p>	<p>Eu converso com a minha mãe sobre minha dia</p>	<p>Eu gosto ouço Coldplay, Eu gosto da ceviche, eu gosto da verão, eu gostaria de ter meu proprio negocio,o que eu gosto no meu país é que ele é muito diversificado de comida.</p>

<p>Acordo às 6h, bebo um copo d'água e vou para meu escritório trabalhar no laptop, depois às 7h vou cuidar do meu filho Joaquín, para que a mãe dele possa tomar banho, depois antes das 9h. tomamos café da manhã em família, porque me pego fazendo trabalho remoto, então, resumindo, trabalho, às 13h almoço e às 23h durmo.</p>	<p>Com minha namorada Magbi, conversamos sobre nosso filho Joaquín, sobre o que vamos comer na semana, sobre onde vamos nos distrair e sobre o trabalho.</p>	<p>Estou me dedicando a fazer minha tese de doutorado como meu principal hobby, gosto de macarrão verde, pois lembro da infância quando cuidava dos meus irmãozinhos, gostaria de aprender bem inglês, no futuro desejo, com o grau de doutor, leciono em uma boa universidade, admiro Elon Musk por ser trabalhador e tenho orgulho da comida do meu país Peru.</p>
<p>Acordo cedo todos os dias e faço compras de manhã. Trabalho de meio período à tarde. estudar nas horas vagas.</p>	<p>Com minha mãe em japonês. Sobre trabalhar e notícias.</p>	<p>Gosto de passar tempo com meu animal de estimação em casa, mas também gosto de acampar. Acho que sou bom em cozinhar. Eu não sei muito sobre celebridades, mas respeito as pessoas que estão familiarizadas com seus campos.</p> <p>Eu quero morar no Brasil um dia.</p> <p>O que penso do meu país natal, o Japão, não é politicamente confiável, mas tenho orgulho da cultura japonesa e das fontes termais.</p>
<p>Eu acordo às oito da manhã. Jogo o lixo fora e lavo as roupas sujas para que sequem até o fim do dia. À tarde, vou a universidade a pé para ter aula de português. Depois da aula, às cinco da tarde vou para meu trabalho no restaurante. Lá servimos bebidas alcoólicas. Ficamos abertos até meia noite, então chego em casa à uma da madrugada. Logo vou tomar banho e deito na cama.</p>	<p>Moro no Japão, mas como sou brasileira, converso em português com minha família. Ultimamente, falamos muito sobre meu futuro trabalho e como as contas serão pagas. No entanto, converso mais em japonês com meus amigos, colegas da aula, professores e membros do restaurante onde trabalho. Com cada um falo sobre o que me aconteceu no</p>	<p>Gosto muito de cachorros e cavalos. Desde pequena gosto muito de cachorros. Na casa da minha avó no Brasil, tínhamos um cocker americano fêmea. No Japão, já tive um ducks hound. Adorava quando ele corria com suas patinhas curtas. Apesar de nunca ter contato com um, também gosto de cavalos desde criança. Acho eles muito bonitos e elegantes. Gosto de assistir filmes com cavalos e de ver</p>

	<p>dia, sobre o assunto da aula, e sobre os clientes que vieram no dia.</p>	<p>fotos e vídeos deles no instagram. Um dia, quero aprender a montar em um bem bonito.</p>
<p>Acordo por volta das onze da manhã, tomo um banho e penso no que estive pensando na noite passada. No dia em que vou para a escola, como e vou para a escola. Depois da aula, é hora do jantar e eu faço o jantar em casa. Após o jantar, tome um banho novamente, assista ao seu programa de TV ou filme favorito ou mantenha contato com a família antes de dormir.</p>	<p>Minha amiga</p> <p>Sentimento do dia, bem-estar e notícias novas ou importantes</p>	<p>Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes porque quando eu assisto, posso pensar só sobre conteúdos dos trabalhos e muito divertido. Estou assistindo uma telenovela <Glitch> na Netflix.</p> <p>Gosto de cozinhar também, mas eu não posso cozinhar quase toda a comida coreana porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana.</p> <p>Eu gosto de morar no Brasil porque as pessoas aqui é muito amigáveis, mas é solitário porque é muito longe do meu país.</p>
<p>Primeiro eu acordo às 9 da manhã e vou lavar meus dentes e depois tomo o café da manhã .Em seguinte quando tenho aula presencial vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos, a maioria das minhas aulas começa às 10:30. O almoço, como na cafeteria da escola. Quando a aula é de on-line ,uso meu iPad e participo pelo meu quarto. Às 17:00 horas vou trabalhar ,durante o descanso eu janto, eles cozinham para nós que trabalhamos.</p>	<p>Converso mais com a minha melhor amiga que se chama Júlia.Nós conversamos muitas coisas, sobre o futuro, sobre das tarefas de casa, sobre nossas famílias. qualquer coisa que acontecer no dia nós compartilhamos, principalmente o assunto que nos nao paramos de falar é sobre os namorados nossos que dão trabalhos.</p>	<p>Meus hobbies são assistir filmes velhos, cantar karaokê e jogar voleibol.</p> <p>Me lembro que eu era uma criança muito tagarela,minha mãe sempre vivia falando que eu tinha engullido uma maritaca mas não sei o que é isso. A minha tia gostava muito de fazer um jogo comigo ,que era de quem falasse primeiro perderá, claro que nunca ganhei nesse jogo. Quero aprender sobre os investimentos, porque aqui no Japão o</p>

Término às 1 hora da manhã e volto para minha casa e tomo um banho e vou dormir.

governo estão a recomendando à fazer mas eu nunca tinha estudado ainda.

Meu desejo para o futuro é conseguir ajudar os brasileiros que moram no Japão, principalmente as crianças que não sabem falar o japonês. Em seguinte quero ganhar bem o salário para conseguir sustentar meus pais e reformar a casa deles.

Meus pais não são ricos, mas nunca tive problema de dinheiro. Graças a eles hoje estou frequentando a faculdade .Eles sempre pensam nos filhos e depois deles, mesmo tendo trabalho duro nunca reclamaram na frente de nós. Então eu tenho um orgulho de conseguir pensar de outra e deixar de você mesma para depois ,mesmo senso família.

Quero que eles sejam felizes para sempre.

APÊNDICE D- Pergunta para os professores



Seção 1 de 9

Pergunta para os professores

Precisamos de sua ajuda. Meu nome é Ana Carolina e estou fazendo uma pesquisa sobre percepção de erros em textos produzidos por alunos de diferentes origens.

A primeira etapa dessa pesquisa foi uma coleta de dados com alunos brasileiros e estrangeiros.

Os dois grupos de alunos responderam as mesmas perguntas. Essas respostas foram separadas e duas respostas de cada pergunta, contendo algum tipo de erro, foram selecionadas para compor esta segunda fase. Estamos pedindo a professores de português como língua materna que façam uma avaliação desses textos.

Muito obrigada por sua ajuda! Suas respostas serão tratadas com sigilo, e nada será identificado em nenhum documento decorrente dessa pesquisa.

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

Após a seção 1 [Continuar para a próxima seção](#)

Seção 2 de 9

Termo de Livre Consentimento

Os textos que você vai nos enviar vão ser usados em uma pesquisa de pós-graduação. Eles serão empregados, sem identificação, no todo ou em trechos, na dissertação resultante da pesquisa e em outras publicações de caráter acadêmico. Você concorda em não receber nada por isso (exceto nossa gratidão...)

Você autoriza o uso das suas respostas nessa pesquisa? *

- Sim, eu autorizo
- Não, não autorizo

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 9

Sobre você



Descrição (opcional)

Qual o seu nome? Precisamos de um nome, fictício ou não, apenas para registro dos dados.

Texto de resposta curta

Qual a sua idade? *

- Menos de 20
- Entre 20 e 40
- Mais de 40

Em qual instituição você atua? *

- privada
- pública
- aulas particulares

Você atua em qual (quais) segmentos ? *

- ensino fundamental 1
- ensino fundamental 2
- ensino médio
- ensino superior
- Outros...

Há quanto tempo você ensina português? *

- Há um ano
- Entre 2 e 5 anos
- Mais de 5 anos
- Mais de 10 anos

Você tem experiência no ensino de Português para Estrangeiros? *

- Sim
- Não

Seção 4 de 9

Respostas da pergunta 1



Pergunta 1 foi: Como é um dia típico de sua rotina?

Resposta 1

A minha rotina é comum acordar prá mim ir para escola depois levar minha irmã na escola depois voltar almoçar é dormir um pouco acordar é pegar ela na escola depois quando ficar de noite ir dormir

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 2

Todos os días eu acordó as 5 da manha, levanto Tomo banho, me arrumo , tomo agua e saio de casa para trabalhar. Eu sempre vou trabalhar no meu carro. A viagem lleva 40 minutos mais ou menos. trabalho ate as 5 da tarde.

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 3

Primeiro eu acordo às 9 da manhã e vou lavar meus dentes e depois tomo o café da manhã .Em seguinte quando tenho aula presencial vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos, a maioria das minhas aulas começa às 10:30.O almoço, como na cafeteria da escola.Quando a aula é de on-line ,uso meu iPad e participo pelo meu quarto.Às 17:00 horas vou trabalhar ,durante o descanso eu janto, eles cozinham para nós que trabalhamos. Término às 1 hora da manhã e volto para minha casa e tomo um banho e vou dormir.

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Seção 5 de 9

Respostas da pergunta 2



A pergunta 2 foi: Com quem você mais conversa no seu cotidiano? Sobre quais assuntos?

Resposta 1

Eu tenho um amigo que o nome dele é léo ele tem 21 anos e eu e ele conversa muito sobre tecnologia

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 2

EU falar minha irmas sobre assuntos da minha familia

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 3

Converso mais com a minha melhor amiga que se chama Júlia. Nós conversamos muitas coisas, sobre o futuro, sobre as tarefas de casa, sobre nossas famílias. qualquer coisa que acontecer no dia nós compartilhamos, principalmente o assunto que nos não paramos de falar é sobre os namorados nossos que dão trabalhos.

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Seção 6 de 9

Respostas da pergunta 3



A pergunta 3 foi: Comente sobre suas preferências (hobbies, comidas, lembranças da infância, algo que gostaria de aprender, desejos para o futuro, pessoa famosa que você admira ou algo de seu país de que você se orgulhe)

Resposta 1

Ah eu gosto de fazer natação eu até fazia mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Belgica ficar um tempo com a meha prima que mora la e em relação meus pais nós ser dar muito bem sempre nós conversa e sai juntos

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 2

Meu hobbies é dorme. Minha comida favorita é arroz con cobaia.meus lembranças da infância são viagens em família para o ano novo.minha Pessoa famosa que admiro é Shakira

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Resposta 3

Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes porque quando eu assisto, posso pensar só sobre conteúdos dos trabalhos e muito divertido. Estou assistindo uma telenovela <Glitch> na Netflix.

Gosto de cozinhar também, mas eu não posso cozinhar quase toda a comida coreana porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana.

Eu gosto de morar no Brasil porque as pessoas aqui é muito amigáveis, mas é solitário porque é muito longe do meu país.

Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais? *

Texto de resposta longa

Seção 7 de 9

Segunda fase ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Tenho disponibilidade e interesse em participar da segunda etapa desta pesquisa, concedendo uma entrevista online na qual serão comentados os resultados dessa primeira etapa. *

Sim

Não

Após a seção 7 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 8 de 9

Contato telefônico ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Número de telefone *

Texto de resposta curta

.....

APÊNDICE E- Respostas dos professores

Carimbo de data/hora	Você autoriza o uso das suas respostas nessa pesquisa?	Qual a sua idade?	Em qual instituição você atua?	Você atua em qual (quais) segmentos?	Há quanto tempo você ensina português?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?	Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?
14/11/2022 15:15:12	Sim, eu autorizo	Entre 20 e 40	privada, pública	ensino fundamental 2, ensino médio	Mais de 5 anos	Estrangeiro, por usar o infinitivo em ambientes específicos - em tais ambientes, brasileiros usariam equivocadamente a primeira pessoa singular, no presente do indicativo	Há desvio de norma padrão, não erro. A pontuação não corrobora a estrutura e aproxima o escrito da oralidade	Estrangeiro, pelo uso de acentos em demasia. O uso de um "l" duplicado também me leva a crer que se trate de um estrangeiro francófono
14/11/2022 16:25:00	Sim, eu autorizo	Entre 20 e 40	pública	ensino médio	Mais de 5 anos	Estrangeiro	Acentuação: e/é, à noite. Pontuação: comum: escola, escola, voltar, pouco. Acordar, escola, noite, (dois pontos e vírgula diversas) Sintaxe: Acordar para eu ir	Brasileiro

14/11/2022 16:41:48	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino superior	Mais de 10 anos	Brasileiro. São erros comuns cometidos por brasileiros (prá mim, é). O acento no E também acontece sempre com os corretores automáticos.	Sim. Pontuação, acentuação, ortografia.	Estrangeiro. Há uma mistura com espanhol/portunhol.
14/11/2022 16:53:07	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino superior	Mais de 10 anos	Brasileiro, devido a segmentação, embora nativo, segue uma ordem de sintagmas.	Há erros de pontuação, repetição e morfossintaxe (pegar ela).	Estrangeiro, embora siga uma ordem frasal de segmentacao, há deslizes gramaticais.
14/11/2022 19:16:19	Sim, eu autorizo	Entre 20 e 40	privada, pública	ensino fundamental 2, ensino médio	Entre 2 e 5 anos	Um estrangeiro, porque há algumas inadequações de uso nos pronomes pessoais, de pontuação, de acentuação, ligadas à questão fonética, e também confusão entre o verbo "ser" e a conjunção "e" . Geralmente são inadequações cometidas quando aprendemos uma língua estrangeira por estarmos aprendendo a sua estrutura, vocabulário e	As inadequações são: uso do pronome pessoal oblíquo no lugar do pessoal reto, acentuação, ausência de pontuação, confusão entre terceira pessoa do verbo ser e a conjunção "e".	Brasileiro, pois as inadequações presentes no texto são de alguém que conhece a marcação de pausas no texto (pontuação), o uso do pronome pessoal reto (estrutura sintática) e algumas questões de regência, que muitas pessoas costumam não saber marcar no texto, de digitação e ortografia (uma inadequação comum entre falantes de língua materna, cometida na palavra

						pontuação (uma das últimas coisas que aprendemos).		"viagem"). O uso de expressão cotidiana também indica que seja um falante nativo ("mais ou menos").
15/11/2022 16:54:55	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino fundamental 2, ensino médio	Mais de 10 anos	Brasileiro, pois apresenta um conhecimento bom da estrutura da língua, ainda que não tenha utilizado a pontuação. Há coerência na sequência das ações.	Há desvios da norma padrão. O coloquialismo está muito presente no encadeamento de ideias sem a pontuação adequada, na redução da preposição "para" e na regência do verbo "ir". Há confusão entre "e" e "é".	Brasileiro, pois também apresenta um conhecimento bom da estrutura da língua.
15/11/2022 21:25:13	Sim, eu autorizo	Entre 20 e 40	pública, aulas particulares	ensino fundamental 2, ensino médio, Ensino de português para estrangeiros (adultos)	Mais de 5 anos	Brasileiro. Porque os erros seriam facilmente cometidos por alunos brasileiros, como a troca de "eu" por "mim".	Sim, há problemas de coesão (repetição e pontuação), de acentuação ("prá", "é") e a inadequação do pronome oblíquo "mim" antes do verbo "ir".	É um estrangeiro, porque os problemas não são necessariamente da construção da escrita, mas de influência de outra língua (talvez o espanhol). Não são erros comuns de um brasileiro.

16/11/2022 18:17:19	Sim, eu autorizo	Mais de 40	privada	ensino fundamental 2, ensino médio	Mais de 10 anos	Estrangeiro. Por que há erros quanto ao uso dos verbos no infinitivo.	Sim. Uso de verbos no infinitivo e uso do verbo "ser".	Estrangeiro. Acentuação gráfica incorreta. É nítido que quem escreveu a frase mistura os idiomas português e espanhol.
16/11/2022 18:22:05	Sim, eu autorizo	Mais de 40	privada	ensino fundamental 2	Mais de 10 anos	Brasileiro. São erros comuns que vemos na maioria dos textos.	Sim. Concordância e regência, acentuação.	Estrangeiro, há palavras que não são do nosso idioma.
20/11/2022 16:57:58	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino fundamental 2	Mais de 10 anos	Brasileiro. Porque há muitos problemas encontrados neste texto que estão presentes nos textos dos meus alunos, como, por exemplo, : e/é, repetição de palavras desnecessariamente (depois), falta de pontuação. Geralmente, o estrangeiro apresenta dificuldade com os gêneros masculino e feminino, por exemplo, o que não ocorre no trecho.	Sim, levando em consideração a norma culta escrita. 1) Faltou um sinal de pontuação após a palavra "comum". 2) pra mim ir para escola/ para eu ir para a escola 2) Faltou a vírgula após "escola" 3) minha irmã na escola/ minha irmã à escola 4) Repetição" depois, depois, depois" (deveria ser eliminado ou substituído por outro conectivo)	Estrangeiro. Acento em "días" e "acordó", dois LL em leva. Não são erros geralmente encontrados em textos de alunos brasileiros e há falta de sinal de nasalização como o til em manhã e também faltam acentos de forma geral.

							5) é dormir/ e dormir 6) Faltou pontuação após a palavra " pouco".7) e/é 8) Pegar ela /pegá-la. 9) Faltou a pontuação final do texto. Há problema na sequência: "é dormir um pouco acordar é pegar ela na escola", há falta de informações no texto.	
24/05/2023 15:36:29	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino médio	Mais de 10 anos	brasileiro	O emprego do mim e do é	Estrangeiro
29/05/2023 21:44:39	Sim, eu autorizo	Entre 20 e 40	privada, pública, aulas particulares	ensino fundamental 2, ensino médio, ensino superior	Há um ano	Penso ser um estrangeiro, pois os verbos não estão devidamente conjugados e as preposições não estão concordando com o texto.	Sim, erros de acentuação e pontuação e concordância.	Acredito que quem produziu essa frase seja um brasileiro, pois os verbos estão devidamente conjugados e as preposições bem colocadas.
31/05/2023 19:46:54	Sim, eu autorizo	Mais de 40	pública	ensino superior	Mais de 10 anos	Brasileiro. Porque há, na escrita, construções típicas de quem escreve como fala (além da	Prefiro evitar o termo "erro" e analisar os casos elencados como diferenças	Estrangeiro. Há marcas, na escrita em português, de quem domina regras do sistema de escrita de

					<p>dificuldade de empregar os sinais de pontuação).</p>	<p>linguísticas decorrentes de um uso da língua que se distancia da norma-padrão: emprego na escrita de "prá" (para); uso do pronome "mim" como sujeito de "ir" em vez de "eu" ("para eu ir para escola"); ocorrência da prep. "em" em vez de "a" com o verbo "levar" - "levar minha irmã na escola" (levar minha irmã à escola); emprego do pron. reto "ela" como complemento do verbo "pegar" ("pegar ela"), em vez do pron. oblíquo "a" (pegá-la). Outras dificuldades são típicas de quem</p>	<p>outra língua, como o espanhol, por exemplo: uso do acento agudo na palavra "días"; emprego dobrado da letra "L" em início de palavra ("lleva"). Em espanhol, escreve-se "llegar" ("chegar" em português).</p>
--	--	--	--	--	---	---	--

							está se apropriando da escrita: ausência dos sinais de pontuação para delimitar pausas da fala; uso de "é" em lugar de "e" ("almoçar é dormir"; "acordar é pegar") e emprego, na escrita, de uma construção típica da fala ("quando ficar de noite").	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?	Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?	Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?	Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?	Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?	Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?
Há um desvio de norma padrão pouco relevante - os acentos e a falta de crase.	Estrangeiro, pelo uso do termo "lavar" para um enquadre	Não há desvio relevante que prejudique a	Brasileiro, por apresentar desvio apenas de	Há falta de pontuação, prejudicando a	Estrangeiro, pelo desuso de preposições na regência	Há um desvio no uso de preposições - que, nesse caso, requer	Brasileiro, por não mobilizar pontuação e aproximar o	Já desvios de pontuação que não comprometem

	em que brasileiros usariam "escovar"	leitura, nem que chame a atenção	pontuação (além de aproximar a escrita da fala)	coesão do trecho	de "falar com"	um esforço maior de um possível interlocutor; apesar disso, o trecho é coerente	texto escrito da fala.	o entendimento do texto
As frases são compreensíveis, mas há pequenos erros de acentuação e pontuação. Além disso, é preciso corrigir a ortografia da palavra viagem.	Estrangeiro	Diferença em relação às expressões: lavar meus dentes, o almoço, como; a aula é de on-line,	Brasileiro	Concordância: verbo conversar	Estrangeiro	Construção sintática: eu falar	Brasileiro	Erro de pontuação.
Sim. Pontuação, acentuação, capitulação (maiúscula/minúscula), ortografia.	Brasileiro. São erros mais "refinados", apesar de haver erros pouco comuns entre brasileiros (lavar os dentes, em seguinte, de on-line).	Sim. Uso incorreto de vocabulário, verbos, expressões, preposições, plural, espaçamento, acentuação.	Brasileiro. Erros comuns cometidos na forma falada.	Sim. Uso incorreto do pronome relativo e concordância verbal.	Estrangeiro. Erro comum de falantes de inglês.	Sim. Capitalização, conjugação verbal e acentuação.	Brasileiro. Erros mais refinados.	Sim. Espaçamento, uso incorreto de preposições, capitalização, acentuação, plural/singular.

<p>Há erros de pontuação, repetição, ortografia (viagem..) e morfossintaxe.</p>	<p>Estrangeiro, pois há algumas expressões da LM na construção das frases.</p>	<p>Há erros de pontuação, repetição e morfossintaxe (de on line...) Alguns pensamentos proximam-se de incoerências, mas inteligíveis (lavar meus dentes - LN).</p>	<p>Brasileiro. Comete deslizes gramaticais, mas segue uma ordem.</p>	<p>Morfossintaxe (que o nome...), concordância (conversa,..).</p>	<p>Estrangeiro. Percebe-se a ausência de recursividade</p>	<p>Morfossintaxe (eu falar...da), Acentuacao(irmas).</p>	<p>Mais brasileiro... mais fluente, embora com erros.</p>	<p>Pontuação e concordância.</p>
<p>As inadequações são: uso de crase (regência), ortografia ou digitação (lleva, viagem, acordó, letra minúscula após ponto final), acentuação (acordó, agua etc.).</p>	<p>Um estrangeiro, devido a algumas inadequações de regência que parecem vir de estruturas de outras línguas, como "aula de on-line", "em seguinte",</p>	<p>Há inadequações de pontuação, de regência, de acentuação (término) e algumas expressões citadas na resposta anterior.</p>	<p>Estrangeiro, pois não utiliza nenhuma pontuação.</p>	<p>As inadequações são: pontuação e concordância entre sujeito composto "eu e ele" e o verbo "conversar".</p>	<p>Estrangeiro, pois parece não conhecer muito ainda a estrutura da língua portuguesa, não flexionando verbos e conjunções.</p>	<p>As inadequações são a falta de flexão no verbo, a falta de conjunção e pontuação.</p>	<p>Brasileiro, pois conhece a estrutura da língua, flexionando verbos e usando os pronomes pessoais retos de forma adequada. Também utiliza elipse no trecho "nós conversamos muitas coisas", processo comum usado</p>	<p>Sim, são inadequações geralmente cometidas por falantes de língua materna quando estão em processo de aprendizado de escrita: ortografia e pontuação.</p>

	"lavar dentes" .						por falantes nativos.	
Há desvios da norma padrão. Ortografia, acentuação gráfica e pontuação.	Aposto em estrangeiro porque emprega inadequadamente as expressões "em seguinte", "cafeteira da escola" e "de on-line".	Inadequação do vocabular, acentuação e pontuação.	Brasileiro, pois apresenta a escrita próxima do uso cotidiano no Brasil.	Há desvios. A substituição de "cujo nome" por "que o nome"; pontuação e emprego de letra maiúscula.	Estrangeiro, pois não conjugou o verbo.	Regência, acentuação e pontuação.	Brasileiro, pois houve um caso de colocação do "r" no verbo "acontece" como um reflexo de correções escolares.	Acentuação, pontuação, emprego de maiúsculas, flexão verbal.
Sim. Há erros de ortografia: acentos em excesso, em "días", "acordó"; falta de acento em "ate" e "agua"; falta de crase em "as 5"; falta de til em "manhã"; troca de g por j em "viajem"; "lleva" no lugar de "leva".	Estrangeiro. Porque há alguns erros não comuns na produção de brasileiros, de adequação vocabular e de preposições.	Sim. Algo gramaticalmente correto, mas não utilizado é "lavar meus dentes" (escovar meus dentes seria mais adequado); "em seguinte", cuja forma utilizada em português seria "em seguida";	Poderia ser produzida por brasileiro ou estrangeiro, mas acredito que seja um brasileiro. Porque os equívocos são de questão de coesão e podemos	Se consideramos a gramática normativa, sim. Há a escrita do nome próprio com letra minúscula (léo); a falta de concordância entre "eu e ele" e o verbo "conversar	Estrangeiro. Porque não é simplesmente uma questão de variação linguística, mas vemos problemas estruturais: falta de conjugação do verbo "falar", por exemplo.	Sim. Falta conjugar o verbo "falar" no Presente do Indicativo, também o til em "irmas" e o acento agudo em "família".	Estrangeiro. Porque ele comete equívocos que não são comuns para brasileiros, como ordem do pronome e do substantivo.	Sim. Em "sobre das tarefas", a preposição "de" deveria ser retirada (sobre as tarefas); em "os namorados nossos" há uma inadequação na ordem do pronome em relação ao substantivo (os nossos namorados). Há também a falta de acento em "assunto que

		<p>em "o almoço" seria mais adequado "no almoço"; em "aula é de on-line" não usaríamos a preposição "de"; "participo pelo meu quarto" não soa natural em português, poderia dizer "participo no meu quarto" ou "assisto do meu quarto"; em "término às 1 hora", há o acento agudo inadequado e também a falta de</p>	<p>ver inadequações em relação à norma culta, mas não de estrutura da língua em si.</p>	<p>"; a falta do acento agudo em "e léo". Também há erros coesivos, como a falta de pontuação dentro do período.</p>			<p>nos" (nós) e do til em "nao". Por fim, em "dão trabalhos", "trabalho" deveria estar no singular.</p>
--	--	--	---	--	--	--	---

		concordância entre o artigo e a hora.						
Sim. A palavra dias está acentuada, o verbo acordar está conjugado em espanhol, grafia da palavra "levar", falta de acentuação da palavra até.	Brasileiro. Alguns erros de pontuação e acentuação e concordância.	Concordância, acentuação, pontuação.	Brasileiro. Não soube pontuar corretamente.	Falta de pontuação e grafia da palavra Léo, que deveria estar com letra maiúscula.	Estrangeiro. Falta de conhecimento no uso dos verbos.	Conjugação do verbo, acentuação. É pontuação.	Brasileiro. Sabe estruturar os períodos.	Falta de pontuação.
Sim, acentuação, ortografia.	Brasileiro, pois possui erros comuns do que costumo ver.	Sim, acentuação, concordância, regência, ortografia, pontuação	Brasileiro, erros comuns também.	Sim, uso de letra maiúscula, pontuação e acentuação	Estrangeiro, erros são característicos de pessoas que não dominam o idioma.	Sim, conjugação, pontuação, concordância	Brasileiro.	Sim, uso da vírgula, letra maiúscula, acentuação,
Sim, levando em consideração a norma culta escrita. 1) Acentuação: "dias e acordo" não têm acento. 2) "Manhã" tem sinal de	Estrangeiro. Dificilmente um brasileiro usaria "lavar meus dentes". Também "em seguinte",	Sim, levando em consideração a norma culta escrita. 1) Não há necessidade de dois conectivos	Brasileiro. Linguagem muito próxima à língua falada no Brasil: que o nome dele é Léo.	Sim, considerando a norma culta escrita. 1) que o nome dele é Léo/ cujo nome é	Estrangeiro. Em função da expressão e conjugação de "Eu falar". Geralmente a conjugação	Sim, considerando a norma culta escrita. 1) Eu falar minha / Eu falo com as 2) minha/a minhas 2) irmãs/irmãs 3) família/família	Brasileiro. A construção sintática das frases, usada oralmente (uso de oração iniciada com que).	Sim, considerando a norma culta escrita. 1) sobre as tarefas de casa/ sobre as tarefas de casa 2) Faltou letra maiúscula em qualquer. 3)

<p>nasalização. 3) Faltou a crase em às. 4) Faltou a vírgula após a expressão "Todos os dias" e após a palavra "levanto" 5) Tomo/tomo (letra minúscula) 6) Falta de acento em água. 7) viagem/viagem 8)lleva/leva 9) ate as/ até às 10) Faltou a letra maiúscula em trabalho. A rotina descrita está incompleta, ele privilegia falar do trabalho. Ele não come?</p>	<p>não é um conectivo comumente usado pelos brasileiros.</p>	<p>"e" na primeira frase. Retirar o 1º "e" e substituí-lo por vírgula. 2) Faltou a vírgula após "em seguinte" e após a palavra "presencial" . 3) que leva mais ou menos/ o que leva mais ou menos 3) O almoço/No almoço 4) é de on-line/é on-line 5) 10:30/ 10 h e 30 min , 17:00/ 17 h, às 1 hora da manhã/ à 1 hora da manhã. 6)Faltou a vírgula após</p>	<p>Existe também a falta de concordância não empregada por brasileiros : eu e ele conversa.</p>	<p>Leo. 2) Faltou a vírgula após "léo" 3) eu e ele conversa/ eu e ele conversam os 4) Faltou o ponto final na última frase do texto. Faltam informações no texto.</p>	<p>verbal brasileira é muito difícil para estrangeiros. Ausência do "com" após o verbo falar. Ausência de acentuação.</p>	<p>4) Faltou o ponto final na última frase do texto. Faltam informações no texto.</p>		<p>acontecer/ acontece 4) Faltou a vírgula após dia. 4) nos/nós 5)nao/não 6) dão trabalhos/dão trabalho</p>
---	--	---	---	---	---	---	--	---

		a expressão " Às 17:00 horas" 7) Faltou um ponto final após trabalhar. 8) Faltou uma vírgula após "descanso". 9) Não há acento em " Termino".						
Não.	Brasileiro	Sim .A palavra seguinte a palavra começa no singular.	Brasileiro. Pelo modo de se expressar	Sim. Eu e ele conversa.	Não. O Eu falar , brasileiro não fala assim	Sim O Eu falar	Brasileiro.	Sim Sobre das tarefas
Sim, grafia incorreta, acentuação e pontuação.	Essa frase foi produzida por um estrangeiro. A escolha de vocabulário como "lavar os dentes" ou "Término" ao invés de termino é	Sim, acentuação, concordância e pontuação.	Quem produziu essa frase foi um brasileiro, pois a construção da frase se apresenta numa ordem correta, e	Acentuação	Essa frase foi produzida por um estrangeiro devido aos erros de concordância, falta de conectivos e conjugação verbal realizadas	Sim, erros de concordância, falta de conectivos e conjugações verbais realizadas de forma equivocada.	Essa frase foi produzida por um brasileiro, pois apresenta uma construção muito elaborada sobre os fatos, com os verbos conjugados corretamente e os artigos utilizados em	Sim, acentuação e pontuação.

	bem comum entre os estrangeiros, pois costumam traduzir palavras diretamente de outro idioma e normalmente apresentam dificuldades com palavras que apresentam grafias semelhantes mas pronúncias diferentes.		a conjugação verbal foi feita também de forma correta.		de maneiras equivocadas, erros comuns praticados por estrangeiros que estão aprendendo português.		concordância com o texto.	
Novamente, há problemas (e não "erros") considerados, em certa medida, semelhantes aos verificados na escrita de brasileiros, como a ausência dos sinais de pontuação para	Estrangeiro. Há "erros" que um falante de português como L1 não cometeria, como casos de inadequação vocabular e dificuldade	Os "erros" de adequação vocabular mencionados na questão anterior seriam os seguintes: "lavar meus dentes"; "Em	Brasileiro. Primeiro porque a construção da relativa com "que" + "dele" é típica da fala de quem adquiriu	Não se trata de "erro", mas de diferença quanto ao que estabelece a norma-padrão: a) "Eu tenho um amigo	Estrangeiro, porque a sentença é agramatical. Nenhum falante nativo do português constrói uma oração com sujeito + verbo no	Nesse caso, pode-se considerar "erro" a construção "EU falar minha irmas" ("Eu falo com minhas irmãs"). A falta do til em "irmas"	Estrangeiro, por conta não só da sequência das preposições "sobre" e "de", que um brasileiro não combinaria ("conversamos... sobre das tarefas"), como também do	Como se mencionou na resposta anterior, podem ser considerados "erros" que um estrangeiro comete os casos observados em "conversamos...

<p>delimitar pausas da fala. Algo mais específico e que causa "estranheza" a um brasileiro são as dificuldades relacionadas ao domínio do sistema de escrita do português, como o emprego inadequado do acento agudo em "días" e "acordó" e o uso de letra dobrada em início de palavra ("lleva"). Por outro lado, a ausência do acento em "agua" pode ser uma dificuldade comum a brasileiros nos anos iniciais de escolarização. Assim como os brasileiros em fase de consolidação da escrita,</p>	<p>de emprego de preposições, adquiridas naturalmente na fase de aquisição da linguagem, anterior à escolarização.</p>	<p>seguinte". O uso "estranho" de preposições ocorre em "Quando a aula é *de on-line, uso meu iPad e participo *pelo meu quarto". Além disso, causa estranheza a construção sintática sem o demonstrativo "o" antes de "que"(em "vou a pé até a minha faculdade que leva mais ou menos 20 minutos" = "o que leva..."). Outro problema de</p>	<p>uma variedade do português como L1 em que não se usa o pron. relativo "cujo". Segundo porque a falta de flexão verbal no processo de concordância entre sujeito e verbo é típica de uma variedade do português associada à fala de um brasileiro que não consolidou sua</p>	<p>que o nome dele e...", em vez de "Eu tenho um amigo cujo nome é...; b) "eu e ele conversa muito sobre tecnologia", em vez de "eu e ele conversamos muito sobre tecnologia". Novamente a ausência de sinais de pontuação para marcar, na escrita, as pausas da fala é uma característica</p>	<p>infinitivo, por exemplo, ou omite uma preposição que é obrigatoriamente exigida (como em "falar com", sendo que essa preposição consta da pergunta). Outro caso relevante é a omissão do {-s} de plural no possessivo "minha" e manutenção da marca de flexão no substantivo que o acompanha: considerando o uso de uma variedade não padrão,</p>	<p>indicando nasalização da vogal na escrita, bem como do acento agudo em "família" são equívocos de domínio do sistema ortográfico, os quais podem ser encontrados também em textos de brasileiros em fase inicial da escrita. Portanto, os exemplos associados à ortografia não são "erros", por não serem casos de "agramaticalidade".</p>	<p>emprego equivocado da expressão idiomática "dar trabalho" com flexão do substantivo e posposição do possessivo ("os namorados nossos que dão trabalhos").</p>	<p>sobre das tarefas"; "dão trabalhos". Não considero "erro" a posposição do possessivo em "namorados nossos", mas uma construção pouco usual. Outros problemas verificados na Resposta 3 (e que também podem ser encontrados em textos escritos por brasileiros), os quais considero dificuldades, e não "erros": (i) a falta de vírgula antes do "que", pronome relativo que introduz uma oração explicativa ("Converso mais com a</p>
--	--	--	--	--	--	---	--	--

<p>estrangeiros também têm dificuldade com a ortografia, pelo fato de um mesmo som poder ser representado por mais de uma letra: é o caso do uso de "j" em vez de "g" ("A viagem leva..."). Esse problema de ortografia revela falta de domínio quanto à diferença entre o verbo "viajem" e o substantivo "viagem". Problemas com o emprego do acento grave não são específicos dos estrangeiros (como em "as 5 da manhã"). Outra evidência de que os estrangeiros costumam escrever como</p>		<p>escrita, mas que não é bem um "erro" e que pode ser observado também na escrita de brasileiros, refere-se à dificuldade de identificar adequadamente a sílaba tônica de determinadas palavras, o que pode levar ao emprego equivocado do acento agudo (a exemplo de "Término" por "Termino"). Destaco uma construção típica da fala, mas</p>	<p>escolarização.</p>	<p>ca de quem ainda está em fase de consolidação de sua escolarização.</p>	<p>um falante de português como L1 falaria (ou escreveria) "minhas irmã", e não o contrário.</p>			<p>minha melhor amiga que se chama Júlia" e "namorados nossos que dão *trabalhos"); (ii) o uso de minúsculas em início de frase; (iii) a escolha de "acontecer", em vez de "acontece" (em "qualquer coisa que acontecer no dia nós compartilhamos..."), sendo "acontece" o mais adequado à construção com "compartilhamos"; (iv) a falta de acento e til em "nos nao paramos de falar" (= "nós não paramos de falar") e, por fim, (v) a construção típica da fala,</p>
---	--	---	-----------------------	--	--	--	--	--

<p>falam (tal qual ocorre com os brasileiros) pode ser encontrada nas construções com próclise ("Tomo banho, me arrumo..."). Novamente, considero importante distinguir o que são de fato "erros" do que são "desvios" de ortografia ou diferenças quanto ao uso de uma variedade da língua em relação à norma-padrão.</p>		<p>que não chega a ser "erro": a topicalização do objeto ("O almoço, como na cafeteria da escola.").</p>						<p>numa variedade não padrão: "o assunto que nos nao paramos de falar é sobre os namorados..." (= "o assunto sobre o qual nós não paramos de falar são nossos namorados, que dão trabalho").</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?</p>	<p>Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?</p>	<p>Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?</p>	<p>Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?</p>	<p>Você acha que quem produziu a frase é brasileiro ou estrangeiro? Por quê?</p>	<p>Na sua opinião, há algum erro nessa frase? Quais?</p>	<p>Tenho disponibilidade e interesse em participar da segunda etapa desta pesquisa, concedendo uma entrevista online na qual</p>	<p>Você tem experiência no ensino de Português para Estrangeiros?</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

					serão comentados os resultados dessa primeira etapa.	
Estrangeiro, pela construção equivocada do som nasal [r̃]. Além disso, a troca de "se" por "ser" é considerável - brasileiros dificilmente fariam essa troca por conta do som glotal [r]	Há troca de formas verbais conjugadas pelo infinito (e o contrário disso também)	Estrangeiro, pela concordância nominal não redundante (traços de gênero e número repetidos nos sintagmas todos). Brasileiros também escrevem com esse desvio de norma culta, mas não com troca do gênero de pronomes.	Desencontro do gênero de sintagmas nominais	Estrangeiro, pela temática abordada - comida coreana - e pela troca de "e" por "é" (e o contrário disso também).	Trecho incoerente "eu saudade muito".	
Brasileiro	Expressões informações: nós ser dar; falta alguns sinais de pontuação.	Estrangeiro	Contração da frase: dormir ao invés de dormir. Con ao invés de com. Meus ao invés de minhas. E a expressão minha pessoa famosa.	Estrangeiro	As pessoas aqui é; eu saudade muito. O texto dá sinais evidentes de uma pessoa coreana.	
brasileiro. erros comuns cometidos por brasileiros.	Sim. Pontuação, acentuação, ortografia, concordância verbal e nominal.	Estrangeiro. Erros comuns de estrangeiros aprendendo português.	Sim. Concordância verbal, ortografia, uso incorreto de vocabulário, gênero, capitalização, espaçamento.	Estrangeiro. Erros comuns cometidos por estrangeiros.	Sim. Uso incorreto de vocabulário, falta de alguns verbos, concordância verbal, "muito" em lugar trocado...são erros mais refinados,	

					cometidos por um estudante que já está num nível mais avançado em português, mas falta o traquejo de dizer "novela" no lugar de telenovela, por exemplo.		
Estrangeiro. Por algumas expressões contextuais e gramaticais.	Pontuação, ortografia e concordância.	Estrangeiro, devido às expressões contextuais e gramaticais.	Concordância, pontuação e ortografia.	Estrangeiro, devido às expressões contextuais e gramaticais.	Pontuação, concordância e falta de recursividade.		
Estrangeiro, pois não faz a concordância entre pronome e verbo, parecendo não compreender muito bem ainda a estrutura da língua.	As inadequações são: concordância, pontuação, acentuação, ortografia (meha), regência.	Estrangeiro, pois escreve esquecendo algumas concordâncias ("meu família") e usando formas ortográficas que fazem sentido foneticamente ("dorme" e "con"). Há também confusão de palavras ("cobaia").	Ortografia, concordância e inadequação de vocabulário.	Estrangeiro, porque fala da Coreia e também utiliza formatos sintáticos que não correspondem ao formato regular da língua portuguesa ("eu saudade muito de comida coreana).	As inadequações são de sintaxe e de acentuação.		
Estrangeiro, porque citou a Bélgica e porque o uso do "h" em "meha não é comum.	Há desvios de pontuação, ortografia, acentuação gráfica, flexão verbal...	Estrangeiro, pois o gênero dos pronomes "meu" e "minha" é aprendido logo na infância.á	Sim. Pontuação, concordância, flexão verbal, inadequação vocabular, emprego de maiúsculas...	Estrangeiro, pois faz referência à culinária coreana e diz sentir saudade de casa.	A dificuldade com a flexão verbal se fez presente, assim como termos que articulam a coesão textual.		

<p>Brasileiro. Porque novamente há erros de coesão e as demais "inadequações" parecem ser de ordem da variante linguística do aprendiz. Além disso, a confusão entre "dar" ser infinitivo ou presente do Indicativo é algo que ocorre na fala de brasileiros com baixa escolaridade.</p>	<p>Sim. A falta de acentuação em "Bélgica" e "lá"; a ortografia de "minha" como "meha"; "nós ser dar muito bem", que seria na verdade "nós se dá muito bem" ou "nós nos damos muito bem" (de modo menos coloquial).</p>	<p>Estrangeiro. Os erros ortográficos parecem ter influência do espanhol, tanto pela escrita quanto pela pronúncia.</p>	<p>Sim. A concordância em "meu hobbies é dorme" (meu hobbie é dormir) e também na escrita do verbo. Em "arroz con cobaia", há erro em "con" (com) e também na palavra "cobaia", que parece estar inadequada no contexto. Também em "meus lembranças " o problema é de adequação do gênero do pronome (minhas lembranças).</p>	<p>Estrangeiro. Porque as inadequações são em relação à própria estruturação da língua.</p>	<p>Sim. O uso de "telenovela" no lugar de "novela", mais usado no Brasil. Em "ingredientes coreanos difíceis de encontrar", falta o verbo "são" depois de "coreanos". Em "eu saudade muito de comida coreana", há a necessidade novamente de um verbo (tenho/sinto) entre o sujeito e "saudade", mas também "muito" deveria ser usado qualificando a saudade e concordando com ela em gênero (eu tenho muita saudade de comida coreana). Por fim, a falta de concordância de número em "pessoas aqui é muito amigáveis" (são).</p>		
<p>Brasileiro. Sabe estruturar uma frase.</p>	<p>Cometeu alguns erros gramaticais, comuns na linguagem falada.</p>	<p>Estrangeiro. Não sabe concordância.</p>	<p>De concordância, pontuação e grafia.</p>	<p>Estrangeiro. Porque fala de comida coreana e que gosta de morar no Brasil.</p>	<p>Uso incorreto de alguns verbos.</p>		

Brasileiro	Sim, pontuação, falta de interpretação da pergunta, concordância	Estrangeiro	A estrutura das frases estão fora do padrão da língua	Estrangeiro	Acentuação, pontuação		
Estrangeiro. Conjugação de verbo e pronome , como "nós ser dar" e falta de concordância. Escrita do minha " meha".	Sim, considerando a norma culta escrita. 1) Ah/ Ah, ou ... (faltou a pontuação após) e faltou a vírgula após " natação" e antes de "mas". 2) Faltou ponto fina após" parei" e retirar o "e" e letra maiúscula em "mais". 3) Belgica/ Bélgica 4) Faltou a vírgula após Bélgica 5) meha/minha 6) la/lá 7) em relação meus pais/ , em relação a meus pais, 8) nós ser dar muito bem/ nós nos damos muito bem 9) Faltou a vírgula após "bem" 10) nós conversa/ nós	Estrangeiro. Apresenta dificuldade: na indicação de gênero "meus lembranças" ; também na conjugação de verbos e indicação de singular e plural "Meu hobbies".	Sim, considerando a norma culta escrita. 1) Meu hobbies/ meu hobby 2) é dorme./ é dormir con/ com 3) O que é cobaia? 4) meus lembranças / minhas lembranças 5) Faltou a letra maiúscula em "meus" e " minha" 6) Letra minúscula para Pessoa 7) Faltou o ponto final na última frase do texto. Faltam informações no texto, de acordo com a pergunta.	Estrangeiro. A estrutura sintática incompleta, faltando verbos: "Eu saudade muito de comida coreana e o assunto do texto: "Eu saudade muito de comida coreana. Eu gosto de morar no Brasil "	Estrangeiro. A estrutura sintática incompleta, faltando verbos: "Eu saudade muito de comida coreana e o assunto do texto: "Eu saudade muito de comida coreana. Eu gosto de morar no Brasil "o. 6) Falta a vírgula antes de "porque ingrediente". 7) é muito amigáveis/ são muito amigáveis 8) Falta vírgula antes de "porque é solitário". Faltam informações no texto, de acordo com a pergunta.		

	conversamos 11) e sai juntos / e saímos juntos 12)Faltou o ponto final na última frase do texto. Faltam informações no texto, de acordo com a pergunta.						
Não	O uso da palavra meha	Não	O con	Não	Eu saudade, muito amigáveis	Não	Não
Essa resposta foi produzida por um brasileiro, pois contém concordância e os verbos estão conjugados de forma correta.	Sim, repetição de palavras, falta de acentuação e pontuação.	Essa frase foi escrita por um estrangeiro, os verbos não se encontram conjugados de forma adequada e a pontuação se encontra de forma equivocada.	Sim, verbos conjugados de forma errada e pontuação.	Esse texto foi produzido por um estrangeiro, pois possuem erros de conjugação de verbos.	Sim, conjugação de verbos e concordância.	Sim	Sim
Estrangeiro, devido à grafia "estranha" do possessivo "meha" (em "meha prima") e aos problemas de morfossintaxe, decorrentes da falta da preposição "a" ("em relação meus pais) e da confusão entre "ser" e "se" ("nós	Há erros típicos de um estrangeiro ("meha prima" e "nós ser dar) e "equivocos" que brasileiros também cometem, como a falta de flexão de verbos ("sempre nós conversa e sai juntos"), a ausência de acento gráfico	Estrangeiro, devido não só ao emprego do verbo "dorme" em uma construção na qual qualquer falante nativo do português empregaria "dormir" ("Meu hobbies é dorme"), mas também devido à falta de ajuste de flexões muito	Na oração "Meu hobbies é dorme", é incomum a falta da marca de plural no pronome que acompanha o substantivo flexionado (a não ser que esse estrangeiro não saiba que "hobbies" é plural de "hobby"); além disso, o emprego da forma nominal de infinitivo após o verbo de	Estrangeiro. Porque há referência específica à comida coreana em uma construção sintática na qual se observam problemas de morfossintaxe muito peculiares: um brasileiro não omitiria verbos que são	"Erros" de fato são aqueles de natureza gramatical, verificados em construções como as apontadas na resposta anterior: omissão de verbos, como "ser" e "ter" e emprego de "muito" após a palavra "saudade", como se esta fosse um verbo: "...porque ingredientes	Sim	Sim

<p>ser dar muito bem sempre).</p>	<p>("la") e de sinais de pontuação na escrita para indicar as pausas da fala ("Ah eu gosto de fazer natação eu até fazia mas parei..."), e ainda o emprego excessivo da conjunção "e" para ligar as orações, tal qual acontece na fala ("mas parei e mais para frente eu pretendo ir para a Belgica ficar um tempo com a meha prima que mora la e em relação...").</p>	<p>usuais ("meus lembranças"). Causou-me estranheza "arroz com cobaia" (não me parece um prato brasileiro)</p>	<p>ligação ("é dormir") é uma construção adquirida espontaneamente por um falante do português como L1. Há erro também em "meus lembranças" pelo uso de um pronome no masculino com um substantivo do gênero gramatical feminino. O ajuste de flexão de gênero é naturalmente adquirido. Problemas relacionados à representação ortográfica da nasal em "arroz *con cobaia" ("com") e ao emprego de minúsculas em início de frase não são "erros", mas dificuldades de domínio da escrita que podem ser encontrados também em textos de crianças brasileiras na fase inicial da escrita.</p>	<p>naturalmente adquiridos, como "ser" e "ter"/"sentir" ("...porque ingredientes coreanos difíceis de encontrar e muito caros"; "Eu saudade..."), nem combinaria "muito" seguindo um substantivo, como em "...saudade muito de comida coreana". Essa posição da palavra "muito" é licenciada quando esta segue um verbo (a exemplo de "sinto muito"). Parece que, no contexto em questão, a palavra "saudade" foi empregada com valor verbal ("saudade muito"), o que um brasileiro jamais faria.</p>	<p>coreanos difíceis de encontrar e muito caros. Eu saudade muito de comida coreana". Além disso, constata-se um "equivoco" muito peculiar quanto à falta de flexão do verbo de ligação em uma estrutura marcada por substantivos e adjetivos no plural: "...porque as pessoas aqui é muito amigáveis" (um brasileiro não construiria espontaneamente uma oração dessa natureza, mesmo que a variedade falada não fosse a padrão). Outro problema verificado na resposta 3, que também poderia ser observado em textos redigidos por brasileiros (mas que não chega a ser um "erro" propriamente, mas uma diferença em relação à norma-padrão) diz respeito, por exemplo, ao emprego do verbo "assistir" (=ver) sem</p>		
-----------------------------------	--	--	--	---	---	--	--

					a preposição "a" ("Eu gosto muito de assistir telenovelas e filmes..."; "Estou assistindo uma telenovela...").		
--	--	--	--	--	---	--	--

APÊNDICE F- Entrevista com as professoras

1 2	entrevistadora	Então, professora como é que foi responder às perguntas desse formulário?
3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22	professora 12	então, responder às perguntas desse formulário me deixou muito inquieta, muito apreensiva porque:: eu fiquei observando os erros né? e dentre desses erros eu comecei a perceber que são erros muito semelhantes e são muito recorrentes. então eu fiquei pensando né? eu parei e ficava um uns dez minutos na mesma questão, parecendo uma aluna né? olhando e falando gente! é um estrangeiro ou não é? né? e eu comecei a ver que os erros estavam muito semelhantes e percebi uma diferença quando é um aluno brasileiro ele comete alguns erros né? bem específicos e o estrangeiro também, que geralmente é:: ele vai ter dificuldade né? com conjugação de verbos, com: as preposições, né? é: com questão de gêneros, se é feminino, se é masculino. então assim, ao mesmo tempo que eu ia respondendo, eu me senti repetindo a mesma resposta, muita das vezes, porque eu via que era os mesmo erros. então assim, eu fiquei aflita porque eu pensei que eu queria que terminasse, eu me sentia repetitiva, eu falei será que era essa a proposta da pesquisa? eu acho que eu estou me repetindo, mas eu não sei, eu me senti dessa forma.
23		(risos)
24 25 26	entrevistadora	você falou muito de erro, tanto nas suas respostas quanto agora na sua fala. o que você definiria erro? como é que você definiria o termo erro?
27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39	professora 12	é: erro é:: no sentido real da palavra eu não usaria assim, com um aluno meu eu não usaria erro né? que aqui a gente tratando como erro é: por questão de uma pesquisa, mas eu falaria como dificuldade né? seria uma dificuldade, porque é: as línguas elas funcionam de maneiras diferentes e com o português é: é do mesmo jeito. em algumas línguas a gente tem a preposição e outras línguas a gente tem conjugação de verbo e outras não, né? como, por exemplo, a libras não tem conjugação de verbos, também não tem, então é uma dificuldade para um surdo aprender português. então, não consideraria um erro, eu consideraria uma barreira uma dificuldade que acontece de língua para língua.
40 41	entrevistadora	ah sim: e você comentou também hum nessa questão aqui (barulho de papel)você pode ver também as suas respostas.
42		(risos)
43	entrevistadora	é aqui oh: erros comuns praticados por estrangeiros
44	professora 12	uhum

45 46	entrevistadora	o que você definiria como erros comuns? você comentou um pouco por cima, mas voltando aqui [nessa]=
47	professora 12	[sim]
48	entrevistadora	=nessa questão
49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65	professora 12	nessa questão dos erros comum são erros é: comuns são erros frequentes que a maioria das respostas dos estrangeiros dentro da minha experiência como professora né? de ple, eu vejo que muitos deles cometem, não sei se essa palavra ela é: ela é: feminina ou masculina, posso até usar um exemplo que eu tive ontem em uma aula é: onde eu fui que descobrir que tinha uma palavra, na verdade, que: tinha um gênero neutro né:? em espanhol, mas que em português é: não tem:. e aí eu fui explicar falar, olha, depende é: do caso, né? porque: se for, por exemplo, masculino vai ser usado de um jeito, mas essa palavra não vai ser considerada como neutro. então isso para eles é muito difícil, então, nas respostas escritas da pesquisa eu eu me vi parece que corrigindo uma prova de um aluno meu, eu falei isso aqui parece erros comuns né? que a gente está acostumando a falar isso aqui parece um estrangeiro:
66	entrevistadora	uhum
67	professora 12	né?
68 69	entrevistadora	e você também us- você além da palavra erro, você usou a palavra equivocada
70	professora 12	uhum
71 72	entrevistadora	você acha que tem uma distinção? entre uma palavra ou outra? elas se complementam? como você definiria ela?
73 74 75 76 77 78 79	professora 12	é: de sentido assim é:: equivocado, quando eu coloquei equivocado que eu penso que poderia ser é: estruturar de uma melhor forma né? equivocado não do sentido de errado mas de que essa resposta poderia ser estruturada de uma melhor forma gramaticalmente, estruturado de uma melhor maneira e não que estivesse errado, mas que poderia ser mais adequado o tipo de resposta
80	entrevistadora	uhum
81	professora 12	né?
82 83	entrevistadora	então adequado e erro são coisas diferentes na sua opinião?
84 85 86 87	professora 12	sim:, na verdade, tem o mais adequado, tem o certo, e tem o errado, né? o mais adequado seria uma expressão que ela pode ser utilizada né? falar ah: tá certo, né? de acordo com a gramática está certo, mas o mais adequando, o mais

88		usual né? em exemplos assim eu costumo é: utilizar muito
89		o que a gente fala e o que a gente escreve né? é mais
90		adequado o que a gente é: o que a gente usa no dia a dia,
91		às vezes o que a gente usa no dia a dia não é o que a
92		gente escreve. né? então às vezes o mais adequado pra
93		gramatica seria de um jeito, mais adequado pra fala seria
94		de outro. então às vezes eu falo olha você até pode
95		utilizar tal palavra, mas o mais adequado aqui no Brasil,
96		caso você venha para o Brasil, vai ser esse. se você usar
97		o termo da gramática, ai eu até brinco, você vai ser zoadado
98		
99		(risos)
100	professora 12	né? então [nesse]=
101	entrevistadora	[sim]
102	professora 12	=sentido. então o mais adequado para que ele não passe um
103		constrangimento. mas eu falo há uma grande diferença da
104		gramática e o que a gente usa no dia a dia. ai eu uso os
105		dois né? ai eu falo não está errado (.) está certo, mas
106		eu dou uma sugestão de adequação ali e falo, olha vai
107		ficar mais legal se você falar dessa forma né? ai fica
108		melhor
109	entrevistadora	então você não usa o termo erro com os seus alunos, você
110		usa adequado e inadequado?
111	professora 12	isso:: geralmente eu falo, olha isso aqui eu acho que
112		você pode melhorar. porque eu acho que quando você fala
113		erro, você desmotiva o seu aluno a aprender. você fala tá
114		errado, né? eu já passei muito por isso é na minha
115		graduação nas aulas de línguas estrangeiras. ah: tá
116		errado, você fez errado e eu me sentia desmotivada a
117		aprender tanto que eu fui reprovada em uma matéria. né??
118		então como aluna eu me senti muito desmotivada e eu me
119		coloco muito no lugar deles, sempre. então, assim, não
120		que eu não use. às vezes eu posso até usar, mas eu me
121		policio muito para tentar não usar. por que? senão se eu
122		falo tá errado tá errado tá errado eu acabo desmotivando
123		ele e ele não vai querer aprender. né? então eu falo,
124		olha vou te dar uma sugestão o que você falou não está
125		muito adequado, mas: vou te dar uma sugestão de
126		como melhorar isso, pode ser? então não é: é: o que você
127		diz pro outro, é como você diz, porque às vezes o como
128		você diz vai estimular o seu aluno é: a continuar, né?
129		porque às vezes você fala que está errado você vai falar
130		nossa eu não sei falar português, não sei falar esse
131		idioma, vou desistir. então eu levo o meu aluno a
132		desistência ao invés de leva ele a persistência.
133	entrevistadora	entendi. aqui é: você viu no e-mail, mandei isso aqui pra
134		você que são três grupos diferentes
135	professora 12	uhum

136 137 138	entrevistadora	eu vou começar te mostrando quem são esses aluno, que eu acho que você ficou curiosa também e ai se você quiser mudar a sua interpretação, não tem problema.
139	professora 12	certo.
140 141 142	entrevistadora	essa primeira pessoa, esse primeiro aluno que você colocou como resposta um, penso ser um estrangeiro, ele é um brasileiro.
143		(.)
144	professora 12	qual que é a minha resposta? (risos) nossa tô surpresa
145 146 147	entrevistadora	então você acha que tem uma outra interpretação levando em consideração agora que é um brasileiro? você falaria que continua tendo um erro?
148 149 150 151 152	professora 12	bom, na verdade (tosse) (.) é: porque de noite, esse ir dormir aqui confundiu a minha cabeça, porque geralmente é: é: é um é: uma dificuldade que eu vejo muito grande nos estrangeiros, né? dessa conjugação de: como eu vou usar esse verbo, em que momento eu vou usar esses verbos.
153	entrevistadora	verbos duplos né?
154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165	professora 12	isso: então isso não não é muito comum é: em em redações produções escritas de: de: brasileiros. então eu acho qu- isso:: acho que isso me confundiu é uma é:: uma dificuldade que um brasileiro né? tá tendo em relação a uma coisa que um estrangeiro teria. então eu achei realmente que era e tenho tenho as questões das preposições né? que não tão: é: adequadas né? é:: tem é: essa questão do pra mim ir para a escola, nesse caso é pra eu ir né? para a escola, né? essa essa dificuldade aí eu acho que: não sei as inadequações continuam as mesmas, mas me surpreende muito ser um brasileiro. eu tô ate com medo de ter errado tudo.
166	entrevistadora	Não tem [certo e errado]=
167	professora 12	[(risos)]
168	entrevistadora	= aqui não tem certo e errado
169	professora 12	(risos)
170	entrevistadora	já nessa segunda aqui, você acreditou ser um brasileiro
171	professora 12	uhum
172	entrevistadora	porém, é de aluno estrangeiro, hispano-falante.
173		(.)
174	professora 12	isso explica muita coisa (risos)

175	entrevistadora	como o que?
176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187	professora 12	isso explica muita coisa, porque, por exemplo, tomo banho e me arrumo né? e tomo água, exatamente assim, nessa construção é:: provavelmente, de acordo com a experiência que eu já tenho, eu vejo muitos brasileiros, né? tendo isso, mas de acordo com a minha experiência né? é:: com com alunos falantes de espanhol, eu vejo que muitos deles tem facilidade com conjugação dos verbos por serem semelhantes né? aos deles. assim, por ser um hispano-falante, nesse caso aqui, explica muito bem como ele estruturou e porque que eu fiz essa confusão. porque você tá dizendo que é um hispano-falante e é parecido. então por ser parecido é mais fácil pro hispano-falante
188	entrevistadora	uhum
189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199	professora 12	do que se fosse alguma pessoa de algum outro idioma, né? como, por exemplo, como o futuro do subjuntivo, de acordo com a minha experiência, os meus alunos estão com dificuldade por quê? porque não é um tempo verbal que eles têm o costume de usar. então a dificuldade está mais forte. então quando você m- me traz isso, né? que esse aluno é um hispano-falante explica o porquê que eu achei que era um brasileiro, né? porque se fosse de outra nacionalidade, acredito eu, posso estar equivocada nisso, mas eu acho que é: a construção seria diferente.
200		(.)
201 202	entrevistadora	muito bem. e esse daqui é de um aluno estrangeiro de de coreano.
203	professora 12	uhum
204 205	entrevistadora	falante de coreano (.) então aqui você trabalhou com o vocabulário que ele trouxe, lavar os dentes
206	professora 12	uhum
207 208	entrevistadora	que não é comu- pro bras- pro português brasileiro como os portugueses
209	professora 12	sim
210	entrevistadora	vamos dizer assim
211	professora 12	sim
212	entrevistadora	uma variação
213 214 215	professora 12	sim, esse lavar os dentes me chamou a atenção porque a gente usa escovar. só que pra quantos, em quantos momentos a gente não usa o escovar? né?

216	entrevistadora	sim
217 218 219 220 221 222 223 224 225 226	professora 12	igual ontem, eu dei uma aula a gente estava falando sobre a carteira. e assim a aula fugiu completamente, a aula era sobre crase, tinha um exemplo que falava sobre carteira. ai eu criei uma frase para falar sobre o sentido da carteira. então o sentido da palavra como lavar, eu falei bom a gente uma a palavra como lavar o cabelo, lavar o carro, mas o sentido está correto, você vai lavar os seus dentes, mas no cotidiano né? vamos dizer, aqui está certo, né? lavar os dentes, você vai lavar os seus dentes. mas:: o mais adequado né? seria escovar [os dentes]=
227	entrevistadora	[uhum]
228 229 230	professora 12	= só que quando você vai explicar isso né? você vai escovar os dentes, mas por que::? o aluno pode muito bem perguntar porque escovar e não lavar, se é a mesma coisa.
231	entrevistadora	sim:
232 233 234 235 236 237 238 239 240	professora 12	né? então, por não ser:: muito usual, né? essa (tosse) esse vocabulário né? eu já deduzi, é um estrangeiro. e talvez, agora que você me trouxe esse dado aqui do hispano-falante, se fosse um hispano-falante, não daria para perceber porque: essa questão da nacionalidade. se fosse um hispano-falante assim, não sei. talvez ele usaria de forma diferente, foi o que eu falei aqui em cima na questão anterior. se fosse uma pessoa que não é um hispano-falante, seria diferente, [né?]=
241	entrevistadora	[sim]
242 243	professora 12	aqui como a gente tem um aluno de uma cultura mais distante, então um é:: vai ser distante também, né:?
244 245	entrevistadora	muito bem, então você achou uma forma ade- inadequada que ele usou aqui?
246	professora 12	isso:: [que dá]=
247	entrevistadora	[dá pra]
248	professora 12	= deu pra perceber.
249 250	entrevistadora	isso: muito bem. essa primeira então é um brasileiro, então você só pontuou a questão de acentuação.
251	professora 12	uhum
252 253	entrevistadora	que é uma questão que os brasileiros se equivo- tem uma certa questão de equívoco, né?
254 255 256	professora 12	isso: uhum e é muito grande isso, né? eu como professora de português brasileiro também vejo muito isso, porque alunos do primeiro ano aqui no brasil não estão sabendo

257		é:: acentuação e eu tô tendo que enfrentar um momento que
258		eu estou tendo que voltar em matéria do quinto ano, sobre
259		regras de acentuação para que eles conseguirem acentuar
260		as palavras. então assim, é: dentre o nativo e o não
261		nativo, vamos tratar assim, é:: é uma dificuldade tanta
262		de nativos quanto de não nativos.
263	entrevistadora	sim
264	professora 12	posso ver muito bem pela crase, né? é uma dificuldade
265		muito grande, é um acento grave é uma acentuação e muitos
266		de nós que somos nativos não sabemos. então, o que dizer
267		do meu aluno estrangeiro que não sabe sendo que nós que
268		somos falantes dessa língua, nós que somos é:: a gente
269		nasceu aqui, nós temos propriedade para falar da nossa
270		língua, que ela veio, né? com a gente, digamos assim,
271		entre aspas, ela veio com a gente entre aspas. e a
272		gente não consegue
273	entrevistadora	sim
274	professora 12	quem dirá é: esse aluno que está vindo de uma outra
275		cultura (tosse) de um outro país. perdão (tosse)
276	entrevistadora	uhum
277		(risos)
278	entrevistadora	essa segunda resposta é um estrangeiro, um hispano-
279		falante
280	professora 12	uhum
281	entrevistadora	você percebeu que eu tenho uma um certo toque com
282		sequência
283		(risos)
284	entrevistadora	um hispano-falante, então aqui, nesse aqui que a gente
285		estava comentando, um erro comum praticados por
286		estrangeiros
287	professora 12	uhum
288	entrevistadora	nesse ultimo aqui (barulho de papel) é: um estrangeiro,
289		falante de japonês.
290		(.)
291	professora 12	gente, tô muito surpresa
292	entrevistadora	por que?
293	professora 12	porque:: (.) ele escreveu muito bem, por exemplo, nós
294		conversamos muitas coisas sobre o futuro (.) sobre o
295		futuro, aqui por exemplo, sobre das tarefas de casa seria

296		um um um erro comum, um erro u- uma inadequação no caso
297		de um brasi- de um brasileiro, né? ele poderia muito bem
298		é: fazer isso. mas a construção tá muito bem estruturada.
299		o assunto que é:: aqui tá faltando um acento, né? nós não
300		paramos de falar. então quando a gente é: vê dessa forma,
301		né? conjugado tão corretamente, nós não paramos,
302		geralmente, a gente não costuma ver um estrangeiro fazer
303		isso, dessa determinada forma, né? é sobre os namorados
304		nossos que dão trabalho, aqui no caso, né? teria um erro
305		de: de singular e plural
306	entrevistadora	uhum
307	professora 12	né? mas: que dão trabalho, né:? sobre dar trabalho,
308		geralmente isso é uma expressão usada por brasileiro,
309		nossa tal pessoa me dá trabalho. é diferente, esse me dar
310		trabalho, de trabalho é: profissional
311	entrevistadora	sim
312	professora 12	de trabalho escolar, esse dar trabalho é uma expressão
313		brasileira
314	entrevistadora	uhum
315	professora 12	que tá sendo colocada aqui no discurso, foi justamente
316		por isso que eu achei que era que era um brasileiro, né?
317		porque são expressões que não são usuais, né? de: de
318		estrangeiro construir, de estrangeiro utilizar no dia a
319		dia. nossa, estou muito surpresa
320	entrevistadora	e quando você me fala de correto, você está levando em
321		consideração a gramática normativa? uma visão mais da
322		gramática normativa?
323	professora 12	sim: mais: mais gramatical, né:? é: de acordo com a
324		gramática. tem muitas palavras às vezes que eu em sala
325		falo, olha a gente na gramática a gente não vai usar isso
326		não, mas: você pode é:: usar no seu dia a dia, né::? é::
327		como por exemplo, geralmente eu não costumo ensinar nem
328		o tu nem o vós.
329	entrevistadora	uhum
330	professora 12	porque não não tem porque
331	entrevistadora	sim
332	professora 12	né? e eu tenho um aluno meu que ele é: que ele queria
333		estudar o tu e o vós (.) e aí eu pensei, por que né? ele
334		fez uma Quadro de verbos inteira com tu e vós baseado na
335		gramática, baseado na gramática. ele queria gramática e
336		eu expliquei o porquê que eu não daria o tu e o vós,
337		expliquei que o vós a gente encontra na literatura
338		brasileira e o tu é usado no sul como forma regionalismo
339		e tudo. e ele estudou pra prova, não que eu dei, mas as

340		Quadros que ele fez. e quando ele, ele pegou a gramática
341		pra isso, quando ele foi fazer a prova, ele falou voce
342		não acredita o que eu fiz, eu falei o que que voce fez?
343		ele na na nas pessoas que eram você, né? quando eu fui
344		conjuguar, eu coloquei esse em tudo como no tu. eu falei
345		ah::: é? ele é! então assim, eu sinto às vezes que a gente
346		fica preso a gramática e nós como professores a gente às
347		vezes se sente preso a gramática, né? como que eu vou
348		ensinar uma língua sem a gramática, mas às vezes eu acho,
349		né? agora que você tá me questionando, tá me perguntando,
350		tá me fazendo refletir, né? de uma boa forma de que às
351		vezes o que a gente aprende no- no- no dia a dia, o que
352		a gente mostra do cotidiano e o que a gente mostra como
353		a língua é usada no cotidiano às vezes ela tem muito mais
354		valor é: e muito mais peso do que na gramática, porque às
355		vezes o que a gente ensina na gramática a gente não usa,
356		né? e os alunos estão ficando preso a gramática do tipo
357		por que que é assim? né? as invés de perguntar no que que
358		eu vou usar, né? esse tempo verbal que você está me
359		ensinando, que você está me instruindo, de que forma isso
360		vai acontecer? então às vezes uma aula que dá fora da
361		gramática, às vezes ela é muito mais proveitosa pra
362		experiencia que o estrangeiro vai viver naquele país, do
363		que ficar presa na gramática, porque o dia a dia não é a
364		gramática. a gramática é aquilo que te ajuda a entender
365		uma pouco da língua, mas a tua vivência no idioma que faz
366		a língua é o falante. então quem faz a língua é o falante,
367		por que que eu estou presa a uma gramática que não é
368		utilizada pelo falante, muito menos pelo nativo no dia a
369		dia, né? então assim, eu não vejo assim, eu não vejo muito
370		(tosse) eu não me vejo muito assim: no sen- é: por mais
371		que nós estejamos pressos né? à gramática é:: eu agora
372		com essa reflexão, eu to me olhando como professora e
373		pensando que talvez fugir um pouco da gramática é: vai
374		agregar muito mais no ensino da língua que eu tenho pra
375		dar pro meu aluno estrangeiro, do que se eu deixar ele
376		preso a gramática.
377	entrevistadora	sim:
378	professora 12	né? nesse sentido.
379	entrevistadora	muito bem:
380		(risos)
381		(19:19-19:43)
382	entrevistadora	agora que você soube dessas informações, você quer mudar
383		alguma questão aqui, alguma análise? acrescentar mais
384		alguma coisa?
385	professora 12	não, eu acho que: assim, essa questão da gramática foi
386		muito interessante porque eu vivi isso ontem, no meu dia
387		a dia como professora. e: às vezes a gente acha que uma
388		língua é a gramática da língua, mas não a língua é aquilo

389		que a gente vive e aquilo que a gente dispõe para o outro,
390		né? a cultura que a gente insere na língua que a gente é:
391		abre a janela e joga pro mundo, né?: então quando a gente
392		escolhe ser professor de qualquer idioma que seja, né?:
393		a gente não está transmitindo a gramática daquela língua,
394		a gente tá transmitindo a língua viva. e a gente tem o
395		costume de acha a língua viva é: você abrir uma gramática
396		e falar isso tá certo e isso tá errado. a gente vê muito
397		isso é: não só no ple, mas no português como língua
398		materna mesmo, ah: tá certo, tá errado. tá certo e errado
399		pra quem? será que o certo e errado ele existe? será que
400		o equivocado existe? ou é só uma norma que foi colocada
401		né? pra, vamos dizer assim, pra prender todas as línguas?
402		né? já que todas as línguas são livres, é? e a gente-
403		livres no sentido de que eu não preciso me prender as
404		normas, me prender as regras, mas eu preciso aprender a
405		usá-la e a me comunicá-la, de desprender a gramática né?
406		dessa ditadura, por assim dizer, né? a gramática tem se
407		tornado uma ditadura ao invés de se tornar muleta, pro
408		aprendizado. então isso me chocou bastando, vou sair daqui
409		pensativa. inclusive obrigada por isso, né?

1	Entrevistadora	Como é que foi responder este formulário professora?
2 3 4 5 6 7 8 9 10	professora 13	Então, meu nome é professora 13. eu não sei se eu fui objetiva (.) eu tenho dificuldade em ser objetiva. Então assim eu senti, eu achei trabalhoso, então, porque eu quis cobrir o máximo as impressões que eu tive quando eu li, entendeu? então eu achei trabalhoso. Mas:: (.) é:: (.) como é que eu posso te dizer? (.) assim eu gostei da experiência, eu achei interessante é:: enxergar o português num outra perspectiva que não a de um falante de português como L1, entendeu?
11	entrevistadora	Sim, aham
12 13 14	professora 13	eu achei interessante analisar as construções do ponto de vista de alguém que tem o português como L2, e aí eu fiquei pensando sobre
15	entrevistadora	sim
16 17	professora 13	o funcionamento dessa gramática em construção, por esse falante que está aprendendo essa segunda língua [então]=
18	entrevistadora	[a senhora já]
19	professora 13	= Então eu achei interessante
20 21	entrevistadora	A senhora já recebeu algum aluno estrangeiro nas suas turmas?
22 23	professora 13	Já:: eu já tive uma experiência com o ensino do português para estrangeiros de: 1991, quando eu era substituta.
24	entrevistadora	uhum
25 26 27 28 29 30 31 32 33 34	professora 13	Inclusive junto com a professora orientadora (.) até 1999. Então assim, eu me tornei efetiva em 94, acho que a Denise de tornou efetiva em 94 ou 95, o que foi quase junto comigo. E ainda trabalhamos juntas por um tempo, então eu tive experiências com alunos japoneses é:: alguns alunos assim da Finlândia, um professor lá do ice que é russo fez curso aqui com a gente é:: não me lembro se nós tivemos alunos assim:: americanos não me lembro assim. Mas japoneses era assim todo ano e tivemos essa experiência. Eu lembro que nessa turma do Elia que é professor russo
35	entrevistadora	uhum
36	professora 13	tinha um finlandês também.
37	entrevistadora	Legal
38	professora 13	É: então assim eu me lembro dessa experiência.
39 40	entrevistadora	Ah sim. Muito legal. e eu vi que a senhora respondeu é:: que prefere evitar o termo erro.

41	professora 13	É
42	entrevistadora	Por quê?
43 44 45	professora 13	Porque do ponto de vista linguístico, erro é todo o desrespeito ao processo de construção de sentenças não necessariamente do uso na norma padrão
46	entrevistadora	Uhum
47	professora 13	Então houve casos ali que eu percebi erro
48	entrevistadora	Uhum
49 50 51 52 53 54 55	professora 13	Então é: uso de infinitivo, sabe? quando o verbo deveria vir flexiona:do. Então eu considero erro na perspectiva linguística do termo qualquer tipo de desrespeito ao processo de construção da sentença (.)então não necessariamente diz respeito a norma. Então assim, um desvio de concordância de regência, sabe? eu não considero muito assim: dependendo do problema de regência né?
56	entrevistadora	Aham
57 58	professora 13	Porque as vezes a: a:: sentença não tem uma preposição não que é normalmente usada
59	entrevistadora	Uhum
60 61 62	professora 13	Mas por exemplo, do fato de um falante de português colocar uma preposição quando não é necessário. Namorar com, por exemplo.
63	entrevistadora	Aham
64	professora 13	Todo mundo namora com alguém
65	entrevistadora	Sim
66 67	professora 13	E a norma padrão não registra o verbo namorar como transitivo indireto
68	entrevistadora	Uhum
69	professora 13	Você namora alguém, só para dar um exemplo
70	entrevistadora	Uhum
71 72 73 74	professora 13	É: ou então é: não usar a preposição. Obedecer, por exemplo. As pessoas não usam o verbo obedecer com preposição a. Normalmente as pessoas falam obedeça o seu pai, obedeça a sua mãe. Não ao seu pai, à sua mãe
75	entrevistadora	Uhum

76 77	professora 13	Então, entende assim o estrangeiro também não usa, porque escuta esse português que é usado dessa maneira
78	entrevistadora	Uhum
79 80 81	professora 13	E ai é um caso então de desvio em relação ao que a norma estabelece. Não seria bem um erro, do ponto de vista linguístico, entendeu?
82 83	entrevistadora	Você comentou do desvio, você também usou os termos é: problema e inadequações
84	professora 13	É::
85 86	entrevistadora	Quais são- na sua opinião quais são as diferenças desses termos?
87 88	professora 13	Então, quando eu usei problema é pensando então que existe uma norma e que você não está respeitando essa norma mas
89	entrevistadora	Não seria um erro
90	professora 13	Não seria erro né?
91	entrevistadora	Uhum
92 93 94 95 96	professora 13	a inadequação seria ao que é vamos pensar assim em termos é: conceito de aceitabilidade. Porque na linguística você tem gramaticalidade, e o erro estaria relacionado ao que é gramatical ou não. E aceitabilidade, então o que é adequado aceitável ou não
97	entrevistadora	Uhum
98 99 100 101 102 103	professora 13	Então quando eu usei o termo problema ou o termo inaceitabilidade eu estava trabalhando com esse conceito de aceitabilidade da linguística. Que tem haver com o que- vamos dizer assim o que é: diverge com o que a norma padrão estabelece, mas não chega a ser erro porque é uma das variantes que o português brasileiro tem. Entende?
104	entrevistadora	Aham
105 106 107 108	professora 13	É uma variação enquanto ao uso e que é possível na língua né? então problemas por exemplo de concordância. Agora, eu achei estranha a marca (.) por exemplo no substantivo e não no determinante.
109	entrevistadora	Sim
120 121 122 123	professora 13	Né. Então isso já seria algo diferente que um falante nativo faria. então por exemplo, alguém que fala português, mas que esta usando uma norma que é diferente da padrão, pode dizer os meninos chegou, e não o meninos.
124	entrevistadora	É que você marcou [aqui]=

125	professora 13	[você entendeu]=
126	entrevistadora	= minha irmãs
127 128	professora 13	=isso é porque parece-me que a pessoa colocou a flexão no irmãs e [escreveu minha]=
129	entrevistadora	[cadê? aqui]
130 131	professora 13	=isso minha irmãs, nenhum falante do português iria falar minha irmãs
132	entrevistadora	Sim
133	professora 13	Agora eu não sei se a pessoa escreveu a resposta
134	entrevistadora	Escreveu, essa aqui ele escreveu no formulário
135 136	professora 13	Então aqui na hora de escrever a pessoa não releu pode ser também um problema decorrente de falta de atenção.
137	entrevistadora	Aham
138	professora 13	Que pode ser que a pessoa se esqueceu da marca
139	entrevistadora	Sim
140	professora 13	Você entendeu?
141	entrevistadora	Que foi escrevendo rápido
142 143 144 145	professora 13	Escrevendo rápido, não releu. Então esse tipo de informação eu tive dúvida. Na hora de eu dar a minha resposta eu poderia até ter contemplado esse tipo de situação. De repente agora na entrevista a gente pode acertar
146	entrevistadora	Sim
147 148	professora 13	Então não sei se a ausência da marca do s no minha (.) é por uma falta de atenção
149	entrevistadora	Aham
150 151 152	professora 13	Porque ninguém fala minha irmãs, se a pessoa for emitir a marca, ela vai omitir do substantivo, ela vai deixar no determinante
153	entrevistadora	Sim
154 155	professora 13	E isso não significa que não esteja havendo concordância. é: existe uma forma de flexão que não é a padrão
156	entrevistadora	Uhum
157 158	professora 13	Que é a flexão exclusiva do determinante. Então se eu falo meus filho

159	entrevistadora	Aham
160	professora 13	Isso não é uma flexão padrão né [mas que o falante]=
161	entrevistadora	[é mais uma variação]
162 163 164	professora 13	=usa ainda mais se ele é de baixo, vamos dizer assim, se ele possui um grau de escolaridade mais baixo isso é muito comum
165	entrevistadora	Aham
166 167	professora 13	né? Os meus vizinho você até fala os meu vizinho, mas você nunca fala o meu vizinhos, entende?
168	entrevistadora	Sim, aham
169 170	professora 13	Então, esse problema pode ser decorrente de uma falta de leitura do que escreveu. Ai a pessoa se esqueceu da marca
171	entrevistadora	Sim
172 173 174 175	professora 13	E aí eu achei que podia ser estrangeiro até em função disso. De ele não estar atento a esse excesso de publicação de informações flexionais porque o português é uma língua redundante se pensar nesse aspecto.
176	entrevistadora	Sim, tudo no plural, tudo no singular
177	professora 13	É você repete a informação morfo fonológica
178 179	entrevistadora	Sim e: a questão que você comentou que os estrangeiros comentem, teve uma questão que você levantou aqui
180 181	professora 13	Poderia ser até falante de espanhol porque ele dobrou o l, né?
182	entrevistadora	Isso::
183	professora 13	Llevou
184	entrevistadora	Llevou
185	professora 13	É ai eu falei que existi llegar com chegar
186	entrevistadora	Isso
187	professora 13	Parece que é falante de espanhol
188 189	entrevistadora	É aqui na- não- acho- não sei se você lembra no e-mail que eu enviei estão dividido em três grupos
190	professora 13	não lembro
191 192	entrevistadora	o brasileiro, um português dos estudantes de português de língua próxima, que são os falante de espanhol.

193	professora 13	Ah eu não li isso no formulário! Tinha isso no formulário?
194	entrevistadora	Acredito que tinha isso escrito
195	professora 13	Oh que engraçado. Eu não vi isso
196 197	entrevistadora	É a gente colocou aqui brasileiros e estrangeiros. é Dois grupos. É
198	professora 13	Então eu não eu não vi a especificação
199	entrevistadora	Acho que no e-mail eu coloquei, eu especifiquei
200 201	professora 13	A Denise não me mandou por e-mail, ela me mandou por whatsapp. Só o link do formulário
202	entrevistadora	Ah: tá:: então vou explicar
203 204	professora 13	Ela não me mandou o e-mail (.) então, se eu tivesse tido essa informação eu teria dado uma resposta mais consistente
205 206 208 209 210	entrevistadora	É porque a gente dividiu em três grupos de aprendizes de português. Os brasileiros, o::s estrangeiros de língua próxima que são os falantes de espanhol, e os falantes de línguas distantes que são japonês e coreanos. Então, ao o que você observou
211	professora 13	Eu identifiquei sem saber disso
212	entrevistadora	E foi umas respostas maravilhosas
213 214	professora 13	Ai obrigada! Mas então eu chequei sem saber nada disso. A sua orientadora Eu estava um dia em casa
215	entrevistadora	Uhum
216 217 218	professora 13	Ela me mandou um whatsapp e você pode participar de uma pesquisa de uma orientanda minha e tal. E eu falei claro! Ela falou então vou te mandar o link do formulário só
219	entrevistadora	Só (risos)
220 221	professora 13	Então o que eu li era o que tava ali, então eu não sabia que era dividido assim
222 223 224	entrevistadora	É: a gente dividiu dessa forma e foi interessante porque teve algumas que você falou que eram estrangeiros, mas a questão que eram coisas que os brasileiros poderiam errar
225		(.)
226	entrevistadora	Então eu achei interessante em um dos exemplos-
227 228	professora 13	O primeiro eu disse que era brasileiro só, os outros nenhum eu disse mais que era

229	entrevistadora	É: teve esse aqui
230	professora 13	Aham
231 232	entrevistadora	Esse aqui você comentou que era erro típico de estrangeiro (.) o que você [consideraria]=
233	professora 13	[aham]
234	entrevistadora	=um erro típico de estrangeiro?
235	professora 13	Então! É porque aqui você nota ser dar tá vendo?
236	entrevistadora	aham
237 238 239	professora 13	é: não fazia flexão do verbo (.) usar tudo no infinitivo as vezes o estrangeiro aprende o infinitivo mas ele não sabe flexionar
240	entrevistadora	Se eu falar para a senhora que esse aqui é um brasileiro?
241	professora 13	Ehn?
242	entrevistadora	Esse aqui é um brasileiro
243	professora 13	Pois é, eu estou apavorada, ele escreveu nós ser dar?
244	entrevistadora	Esse aqui foi escrito a mão
245		(.)
246	professora 13	Deus me livre
247		(.)
248 249	entrevistadora	Então esse aqui será considerado um erro típico de um brasi- de um estrangeiro?
250 251	professora 13	É: oh: ficar um tempo com a mea prima que mora lá e com nossos pais e nos ser dar (.) ta vendo?
252	entrevistadora	Sim (risos)
253 254 255 256 257	professora 13	Bom eu tenho até uma explicação do ser já que ele é brasileiro aqui seria uma hipercorreção que seria nós nos damos e ai o que está acontecendo é: no caso do português, o se esta sendo usado como um reflexivo universal, vamos se ver, vamos ser falar, vamos se. Você já reparou o vamos se
258	entrevistadora	Aham
259	professora 13	Ninguém fala o vamos nos
260	entrevistadora	É vamos se

261 262 263 264 265	professora 13	Ai eu dou aula da história da língua portuguesa e eu estava explicando pros alunos outro dia. O você é um pronome de tratamento né? Ele vem de vossa mercê e é usado na terceira pessoa e ele é usado como paradigma pronominal, substituindo o tu
266 267	entrevistadora	Uhum
268 269 270 271 272 273 274 275	professora 13	Assim como você substitui o vos e daquelas seis formas que você veria, eu me dou, tu te das, ele ou ela se da né? Nós nos damos, vós vos dais, eles se dão. então Eu me dou bem com meus pais, tu te das bem com teus pais se fosse fazer a uniformidade de tratamento. Ele se da bem com o pai dele, ela se da bem com o pai dela, com os pais dele, os pais dela. É: ai vós vos dai bem com vossos pais e eles se dão bem com os pais deles ou delas. [Tá?]
276	entrevistadora	[aham]
277 278	professora 13	Ai o que acontece quando você coloca o você, é você se da bem
279	entrevistadora	Sim
280 281 282 283	professora 13	Quando sai o nós e entra o a gente é a gente se dá bem. Então você tem eu me dou bem com os meus pais, agora você se dá bem, ela se dá bem, ele se dá bem, a gente se dá bem, vocês se dão bem, eles se dão bem, elas se dão bem.
284	entrevistadora	O se ta mais predominante
285	professora 13	O se está é mais produtivo.
286	entrevistadora	Sim
287 288	professora 13	Ai as pessoas se esqueceram que existe o me te se nos vos e usam o se. Eu se esforcei.
289	entrevistadora	Uhum
290 291 292	professora 13	Eu se esforcei, então usam até com a primeira pessoa. Agora vamos se sai direto, vamos se abraçar, vamos se apoiar, vamos se ajudar, vamos se entender, vamos se encontrar
293	entrevistadora	Virou um reflexivo
294 295 296	professora 13	o se é universal, talvez aqui ele deva ter usado o se como universal né? Aí fez uma hipercorreção, talvez por influência do dar
297	entrevistadora	Uhum
298	professora 13	Né? (.) e aí não conjuga né?
299	entrevistadora	Sim

300	professora 13	Nós se dá bem
301	entrevistadora	(risos)
302	professora 13	É como se a pessoa nós se dá bem
303	entrevistadora	Sim
304 305	professora 13	E aí usou esse dar, por quê? porque normalmente as pessoas omitem esse erre no infinitivo
306	entrevistadora	Uhum
307	professora 13	É pra você compra, é pra você sabe, né?
308	entrevistadora	sim
309 310	professora 13	E aí como o infinitivo geralmente tem esse erro omitido, a confusão do presente com o infinitivo é muito grande
311	entrevistadora	Uhum
312 313 314	professora 13	Né? por exemplo Eu falei para ele estudar. Infinitivo. E aí é:: (.) ele estuda, e aí o estuda e o estudar é uma questão de tônica
315	entrevistadora	Sim
316 317 318	professora 13	Então as pessoas distinguem isso pela tonicidade, ai na hora de escrever a pessoa sai colocando erre [onde não precisa]=
319	entrevistadora	[em tudo]
320 321	professora 13	= é:: acontece muito no passado, já reparou que as pessoas estão trocando o vim com o vir?
322	entrevistadora	Sim
323	professora 13	Né?
324	entrevistadora	()
325	professora 13	Ta difícil para eu vim
326	entrevistadora	sim
327	professora 13	Ao invés do ta difícil para eu vir
328	entrevistadora	[Sim]
329 330 331	professora 13	[né] ou então como aconteceu no texto na época do meu mestrado, eu trabalhei com a aquisição de escrita. Eu trabalhei com na época era série
332	entrevistadora	Uhum

333 334 335 336	professora 13	De primeira a quarta, de quinta ao oitavo. Que depois virou quinto ano e do sexto ano ao nono ano né? Mas na época do meu mestrado ainda não tinha mudado. Eu trabalhei com texto de até a quarta série, uma menina falou eu aprender::
337	entrevistadora	Nossa
338 339 340 341 342 343 344 345	professora 13	Ao invés dela escrever eu aprendi, ela escreveu eu aprender: ai por exemplo o que você aprendeu com a palestra. Um guarda foi na escola para falar é: sobre comportamento no trânsito. Então para os pedestres, atravessar na faixa de pedestre::s olhar: o sinal: essas coisas. Então eles tinham que fazer um pequeno texto. O que você aprendeu? Ai a menina começou eu aprender:: com erre então acontece hipercorreção que é o caso aqui, né?
346	entrevistadora	Aham
347 348 349 350 351	professora 13	Como as pessoas eliminam o infinitivo. Então assim agora que eu já sei, faço uma outra análise do problemas. Então sabendo que é um brasileiro eu já iria por esse caminho, colocou o erre no presente, confundindo o presente com o infinitivo
352	entrevistadora	Aham
353 354 355	professora 13	Porque as pessoas omitem os erres no infinitivo e ai, por exemplo, eu não sei se você sabe é:: dar aí a pessoa poderia colocar sabe dar né?
356	entrevistadora	Aham
357 358 359	professora 13	Ai a pessoa vai lá e fala oh: aqui você tem que colocar o erre, e aí na hora que a pessoa percebe que ela não deveria colocar o erre ela vai lá e coloca.
360	entrevistadora	Sim
361	professora 13	Então ela sabe que a escrita é distante da fala
362	entrevistadora	Uhum
363 364	professora 13	Eu sabendo disso, eu teria feito uma outra análise dessa [dessa resposta]
365	entrevistadora	[voltada para as hipercorreções]
366 367	professora 13	É eu analisaria como hipercorreção e usaria como se universal e reflexivo. Explicaria dessa maneira.
368		(.)
369 370 371	entrevistadora	E aqui teve outros como eu comentei, você comentou que era estrangeiros mas também que era algo que os brasileiros poderiam errar

372	professora 13	Sim!
373 374	entrevistadora	Como é:: é:: que eu estou tentando achar uma palavra que não seja erro mas desvio.
375	professora 13	Isso!
376	entrevistadora	É:: então usando essa [frase]
377	professora 13	[essas inadequações]
378	entrevistadora	Inadequações [isso]
379 380	professora 13	[na sua dissertação] desculpa, na sua dissertação você vai trabalha com o que você considera erro?
381 382 383 384	entrevistadora	A gente pegou para trabalhar na metodologia, na metodologia não, na parte teórica e a gente também está vendo como os professores, agora nessa segunda parte, é como os professores veem o que é erro para eles.
385 386	professora 13	Tá: é que a banca pode te perguntar qual a concepção de erro do trabalho né?
387 388	entrevistadora	Sim! Não. a gente- Na qualificação já perguntaram qual era a minha concepção de erro
389	professora 13	Ah! Você já passou pela qualificação [que bom]
390 391	entrevistadora	[já] agora a gente está para o final
392 393	professora 13	Tá bom
394 395	entrevistadora	Agora eu já coloquei a minha lá pra na dissertação e agora a gente está vendo a dos professores.
396	professora 13	Tá
397	entrevistadora	O que eles veem como erro
398 399 400	professora 13	Então a questão de concordância que eu acho que os estrangeiros podem é: construir outras possibilidades assim como os brasileiros também podem.
401 402	entrevistadora	Sim: e o que que voltando aqui você falou dos erros típicos de estrangeiros, o que seriam erros típicos de brasileiros?
403 404	professora 13	Então, pra mim, principalmente omissão da marca de flexão, uma vez que há a redundância
405	entrevistadora	Uhum

406 407 408	professora 13	Acho que isso é muito comum. hipercorreção agora que a gente já saber. Por exemplo usar é: usar o erre do infinitivo no presente ou no passado, dependendo a conjugação do verbo.
409	entrevistadora	Uhum
410 411	professora 13	Então verbos de segunda e terceira eles vão colocar o erre no pretérito que é igual né?
412	entrevistadora	Uhum
413 414 415	professora 13	então (.) Por exemplo, eu falei que é para você dormi (.) e não dormir. O que seria infinitivo se ele escreve sem a professora vai riscar aí ele vai falar eu dormir cedo ontem
416	entrevistadora	que teve [u:m: uma::]=
417	professora 13	[entendeu?]
418	entrevistadora	= uma fala dessa no exercício que a senhora comentou
419	professora 13	eu comentei hipercorreção desta?
420	entrevistadora	o do dormir
421	professora 13	ah foi?
422	entrevistadora	Cadê?
423	professora 13	a gente podia até [()]
424	entrevistadora	[aqui]
425	professora 13	aham
426	entrevistadora	aqui () é dormir
427	professora 13	ah:: tá:
428 429	entrevistadora	essa primeira aqui, oh: você comentou dormir também (.) cadê? o é no lugar de
430	professora 13	ah porque a pessoa erra a tônica
431	entrevistadora	cadê?
432 433 434 435 436	professora 13	isso é muito comum, eu estou com um texto com uma menina do sétimo ano em que ela escreveu é ao invés de e por isso que eu falei que são construções que os brasileiros também erram. então dependendo da faixa etária e do grau de escolarização desse brasileiro que eu não sei qual é
437	entrevistadora	aham
438 439	professora 13	essa confusão entre o e e o é é muito comum porque muitas pessoas não percebem que são vogais diferentes

440	entrevistadora	sim
441	professora 13	então como você tem a mesma letra.
442	entrevistadora	uhum
443 444 445	professora 13	para representar vogais diferentes, a leitura não marcada. quer dizer, você não tem o acento gráfico é uma leitura é: atona
446	entrevistadora	uhum
447 448	professora 13	então quando você enxerga um dá, por exemplo, quando não vem com acento esse dá, a sua tendência
449		(20:49-23:10)
450 451 452 453	professora 13	quando eu falo que aqui tanto um brasileiro quanto uma estrangeiro podem cometer, é porque uma menina do sétimo ano escreveu isso em um texto, eu estou até com ele aqui para te mostrar
454	entrevistadora	esse daqui você comentou que é de uma brasileira
455	professora 13	sim e é brasileira mesmo?
456	entrevistadora	sim
457	professora 13	oh: acertei então
458		(23:24- 23:35)
459 460 461 462	professora 13	então aquele caso lá que eu achei que era um estrangeiro é que eu achei que era o verbo ser (.) eu a- eu a- entendeu? eu achei que era o verbo dar, eu pensei assim, quando um estrangeiro não sabe flexionar ele usa tudo no infinitivo
463	entrevistadora	sim
464 465	professora 13	mas ali era um caso de hipercorreção e uso de um se que não era ser né?
466	entrevistadora	sim
467	professora 13	como universal ou reflexivo (.) mas agora eu gostei de saber
468	entrevistadora	(risos) [ah:]
469	professora 13	[bom] eu fiz uma outra análise pra você aqui né?
470 471 472	entrevistadora	e o bom que assim você mostrou a questão do do próximo que você comentou do erro de brasileiro e do erro de estrangeiro [o que que é]=
473	professora 13	[sim::]

474 475	entrevistadora	= e também teve um aqui que a gente tinha comentado sobre o de e as preposições
476 477 478	professora 13	então você ai você tá vendo que a questão da ortografia eu chamei de inadequação porque erro para mim é algo associado a gramaticalidade?
479	entrevistadora	sim
480 481	professora 13	porque quando uma pessoa escreve uma palavra ortograficamente (.) errada, você consegue ler a palavra
482	entrevistadora	sim
483	professora 13	entende?
484	entrevistadora	aham
485 486	professora 13	então o que ela está fazendo ali é uma letra inadequada. ahn?
487	entrevistadora	qual palavra a gente poderia substituir por erro?
488	professora 13	eu geralmente uso desvio, né?
489	entrevistadora	uhum
490 491	professora 13	porque aí eu tô pensando no que existe nos termos de orto é correção né?
492	entrevistadora	uhum
493 494 495	professora 13	então é desvio em relação naquilo que é considerado ortograficamente adequado ou inadequação. eu usaria essas palavras. [essas duas]=
496	entrevistadora	[você acha que tem]
497	professora 13	= desvio e inadequação. em relação a erro?
498 499	entrevistadora	em relação a essas palavras. você acha que tem algum peso quando [por exemplo]=
500	professora 13	[existe]
501 502	entrevistadora	você vai corrigir e o aluno vê lá inadequado, é um erro, você acha que existe um peso?
503	professora 13	eu acho que sim, eu acho que erro é uma palavra muito forte
504	entrevistadora	aham
505 506 507 508	professora 13	é::: (.) pra mim desvio e inadequação deixa claro que existe um conjunto de regras que nós respeitamos quando situações formais da língua somos requisitados a a revelar que dominamos essa língua, entende?

509	entrevistadora	uhum
510 511 512 513 514 515	professora 13	porque assim, ninguém vai para a escola para aprender a falar (.) as pessoas vão para a escola para aprender a ler e escrever. e a escola ainda ensina é: a norma padrão apesar de haver nos documentos oficiais de ensino de língua portuguesa uma sinalização para que se respeite a variante do aluno
516	entrevistadora	uhum
517 518 519 520 521 522 523 524	professora 13	então, se chega lá um aluno da zona rural fala galfo, e ele vai escrever galfo né? se ele fala abobra e aí independentemente da região, porque a gente fala abobra, mesmo na cidade a gente fofro. então por exemplo a tendência é tornar palavras proparoxítonas paroxítonas. então se a criança ainda está nessa fase de é: escrever desenhando a fala, aproximando aquele registro, aproximando do que ela fala. ela certamente vai cometer desvios.
525	entrevistadora	sim
526 527 528	professora 13	sabe? acho complicado em falar em erro. sabe? porque pra mim erro seria escrever mim gostar você (.) é não flexionar o verbo é:: não usar a preposição.
529	entrevistadora	sim
530	professora 13	nenhum brasileiro vai falar mim gostar::
531	entrevistadora	uhum
532	professora 13	usar o mim como sujeito
533	entrevistadora	já vira agramatical como você comentou
534	professora 13	exatamente, sabe?
535	entrevistadora	aham
536 537 538	professora 13	então, eu querer por mais que a pessoa não tenha uma formação escolar avançada, ela jamais vai falar eu quer você (.) bem. entendeu?
539	entrevistadora	uhum
540 541 542	professora 13	ela vai falar eu quero, ela jamais vai falar nós quer no sentido de infinitivo. ela pode até falar nós quer no sentido de nós queremos, no sentido de infinitivo
543		(27:41-29:00)
544 545 546 547	professora 13	Isso é erro, isso é agramatical. então pra mim existe uma gradação sim. pra mim parece que o erro tem esse peso de ser construir algo e um falante por mais analfabeto que seja ele jamais vai falar, entende?

548	entrevistadora	aham
549	professora 13	pra mim o erro fica nesse nível
550 551	entrevistadora	sim, algo que já fica inteligível, algo que já não consegue entender o significado
552 553	professora 13	né! e aí um estrangeiro. você imagina alguém que chegou ao brasil, alguém que chegou que seja refugiado lá da ucrânia.
554	entrevistadora	uhum
555 556	professora 13	né? e chegou ao brasil. se ele aprendeu que trabalhar é um verbo ele vai dizer eu trabalhar todo o dia.
557		(.)
558	entrevistadora	sim
559 560 561 562	professora 13	então ele ainda não sabe que é eu trabalho, né? mas ele sabe que é trabalhar ele vai aprender os infinitivos. então pra mim, esse tipo de construção é uma construção típica de um estrangeiro, que aprendeu os nomes os verbos
563 564	entrevistadora	ah sim. já aprendeu os verbos, já sabe a ordem mas não consegue conjugar ainda.
565 566	professora 13	sabe a ordem. isso:: o que que é svo. mas ainda não sabe as marcas flexionais todas.
567	entrevistadora	ah sim, mas não é erro é desvi-, inadequação, ainda?
568 569	professora 13	então ai por exemplo, um estrangeiro pra mi- isso seria erro
570	entrevistadora	sim
571	professora 13	eu trabalhar todo o dia, isso é erro, né?
572	entrevistadora	aham
573	professora 13	então o que eu tô querendo dizer é
574	entrevistadora	aquí, bem aquí oh: eu falar com minha mãe
575 576 577 578	professora 13	isso! isso (.) eu fiz essa análise até eu acho. oh: porque a sentença é agramatical. nenhum falante nativo do português construí uma oração com sujeito e verbo no infinitivo, tá vendo?
579	entrevistadora	aham
580 581	professora 13	ou omite uma preposição, que é falar com , para, a, né? ah é isso ai
582	entrevistadora	uhum

583	professora 13	é o máximo que ele vai fazer é não usar a marca flexional
584	entrevistadora	uhum
585 586	professora 13	né? do do tipo nós e aí ao invés de falar nós gostamos é falar nós gosta
587	entrevistadora	sim
588	professora 13	o máximo que vai acontecer né? nós fala
589	entrevistadora	uhum
590 591	professora 13	entendeu? o máximo que um falante, um analfabeto vai dizer é nós fala né?
592	entrevistadora	uhum
593	professora 13	[mas]
594	entrevistadora	[vai puxar pro]pro singular
595 596	professora 13	é para a terceira pessoa que é o default, mas não vai usar no infinitivo e não vai omitir a preposição
597	entrevistadora	aham, que é algo que a gente aprende antes da escola né
598 599 600 601 602	professora 13	nós fala com ele, ninguém vai dizer nós fala ele. entendeu? é isso é porque isso é construído com a gramática que é adquirida com a língua desde os primeiros anos de vida que eu estava dizendo que é a tal da L1 adquirida antes da escola
603 604	entrevistadora	sim, você comentou isso num dos (.) aqui oh falante da L1 e acho que você falou em outro aqui também teve essa questão
605	professora 13	é
606 607	entrevistadora	aqui oh meus hobby é dormi (.) tem uma questão [que você comentou]
608 609	professora 13	[ah pois é] é dormir né?
610	entrevistadora	é:: aqui que você comentou da L1 do falante
611 612	professora 13	sim:: é ah lá não é uma questão que é adquirida espontaneamente:
613	entrevistadora	sim
614 615 616 617	professora 13	eu não sei se esse meu conhecimento de psicolinguística e eu depois fiz o meu doutorado nessa área se isso me ajudou a ter esse olhar dessas construções. se você gostou das respostas eu fico feliz

618		(32:22-40:37)
-----	--	---------------